

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – IFCS
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História Comparada – PPGHC

MAURÍCIO DA SILVA DRUMOND COSTA

Nações em jogo:
esporte e propaganda política nos governos de
Vargas (1930-1945) e Perón (1946-1955).

RIO DE JANEIRO
2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MAURÍCIO DA SILVA DRUMOND COSTA

Nações em jogo:
esporte e propaganda política nos governos de
Vargas (1930-1945) e Perón (1946-1955).

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História Comparada.

Orientador: Prof. Dr. Victor Andrade de Melo.

Rio de Janeiro

2007

796.01 Costa, Maurício da Silva Drumond.
C837 Nações em jogo: esporte e propaganda política nos governos de Vargas (1930-1945) e Perón (1946-1955) / Maurício da Silva Drumond Costa. – Rio de Janeiro: [s.n.], 2007.

130 f.; 28 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, IFCS.

Orientador: Prof. Dr. Victor Andrade de Melo.

1. Esporte - política. 2. Propaganda política. 3. História comparada. I. Melo, Victor Andrade de. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. IFCS. Programa de Pós-Graduação em História Comparada. III. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Maurício da Silva Drumond Costa

Nações em jogo: esporte e propaganda política nos governos de
Vargas (1930-1945) e Perón (1946-1955)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História Comparada.

Aprovada em

(Prof. Dr. Victor Andrade de Melo, IFCS/ PPGHC, UFRJ)

(Prof. Dr. Francisco Carlos Teixeira da Silva, IFCS/ PPGHC, UFRJ)

(Prof. Dr. Maurício Murad, UERJ/UNIVERSO)

a Ana e Clara Drumond, que fazem tudo valer a pena.

AGRADECIMENTOS

Ao fim de um trabalho como essa dissertação, é difícil agradecermos a todos que, de uma forma ou de outra, foram obrigados a conviver com um mestrando, sempre lendo, escrevendo, estudando e falando sobre o assunto de sua pesquisa. Assim, gostaria de começar agradecendo de forma mais geral a todos meus familiares, amigos e conhecidos que, de forma constante ou apenas esporádica, tiveram que me aturar por esses dois anos. E dentre esses, meu agradecimento especial à minha esposa Ana Beatriz que, mais do que qualquer outro, teve a paciência necessária para continuar ao meu lado, e ainda foi editora de meus textos e ouvinte de minhas idéias. A ela cabem apenas os acertos deste trabalho. Agradeço também a minha filha Clara, que mesmo ainda dentro da barriga da mãe teve que ouvir historinhas sobre Vargas e Perón, ao invés de príncipes e princesas. Também preciso agradecê-la por não incitar desejos de sorvete de jaca com tapioca em sua mãe, enquanto escrevia estas páginas. Sem sua boa vontade, a redação deste trabalho teria sido muito mais árdua.

Agradeço especialmente ao amigo e professor Victor Andrade de Melo. Sem sua orientação e suas “missões”, esta dissertação teria sido apenas uma fração do que aqui se encontra. Seus conselhos e idéias iluminaram o caminho a ser percorrido, e seus exemplos e sua motivação mostraram que a vida acadêmica pode ser mais do que um ofício, um grande prazer. Por maior que seja o prazer de tê-lo como orientador, é ainda maior a honra de chamá-lo de “irmão”.

Muitos outros irmãos devem ser mencionados aqui também. Em especial Álvaro Vicente do Cabo, Andrezinho Schettino, Clebão Dias e Ricardo “Bull” Pinto dos Santos. A profunda amizade forjada nesses dois anos foi, sem dúvida, o melhor deste mestrado. Mesmo ouvindo que “estávamos muito felizes para quem fazia mestrado”, nunca abandonaram o bom humor e a camaradagem que marcaram nosso grupo. Sempre sob a liderança de nosso Grão-mestre, nossos encontros no laboratório de pesquisa, no churrasquinho a Lourdes, ou em algum dos memoráveis eventos, foram fontes de grandes idéias, por mim apropriadas e executadas nem sempre a contento. Seja no Rio de Janeiro, em Porto Alegre, em Montevideu ou em Buenos Aires, seus conselhos provaram que o trabalho coletivo é muito mais eficiente e prazeroso do que a solidão acadêmica.

Com o crescimento do grupo, somaram-se os nomes de Aline Amoedo, Isabela Buarque, Juliana Ramos, Vivian Fonseca, Kimon Speciale e Nei Jorge Junior, no que se tornou o “Sport – Laboratório de História do Esporte e do Lazer”. Nossa sede no “Baixo Largo de São Francisco”, com batatas fritas sequinhas e baldes de gelo limpinhos, produziram

o ambiente perfeito para nossas discussões acadêmicas. A todos vocês, amigos, meu muito obrigado.

Gostaria também de agradecer aos professores do Programa de Pós-Graduação em História Comparada, em especial a Francisco Carlos Teixeira da Silva. Suas aulas foram inspiradoras, seus conselhos importantes e sua orientação me trouxe até aqui. Obrigado por todas as portas que me ajudou a abrir. Agradeço também à professora Sabrina Evangelista Medeiros, quem conheci ainda como aluna na graduação. Sua trajetória é um exemplo a ser seguido. Agradeço ainda os professores Antonio Jorge Soares e Marcos Alvito por todas suas sugestões e pelo material disponibilizado para minha pesquisa.

Por fim gostaria de agradecer a todos os outros que ajudaram na realização deste trabalho. Na Argentina, agradeço a todos na Biblioteca Nacional e na Biblioteca do Congresso, mas devo agradecimento especial a Francisco Romeo, Maximiliano Namuel Gil e Patrícia Salvador, que abriram as portas da Biblioteca do Congresso, fechada em janeiro, para que pudéssemos pesquisar, ainda que por poucas horas, seus jornais microfilmados.

Algumas pessoas acreditam que o futebol é uma questão de vida ou de morte. Eu fico muito desapontado com essa atitude. Eu posso te assegurar que ele é muito, muito mais importante do que isso.

Bill Shankly

RESUMO

COSTA, Maurício da Silva Drumond. *Nações em jogo: esporte e propaganda política nos governos de Vargas (1930-1945) e Perón (1946-1955)*. Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Esta dissertação tem por objetivo analisar a utilização do esporte como instrumento político durante e primeira Era Vargas, no Brasil, e durante os dois primeiros mandatos de Juan Domingo Perón (1946-1952 e 1952-1955), na Argentina. Tanto Vargas como Perón buscavam identificar o regime político com as vitórias obtidas no campo esportivo. Desta forma, o controle estatal sobre o esporte e sua utilização pelos meios de propaganda política visavam criar um elo de identificação nacional entre o esporte e os governos, ressaltando os novos modelos de nação e cidadãos engendrados pelo varguismo e pelo peronismo. Para tanto, procurou-se estabelecer uma relação entre esporte e cultura política nos dois governos estudados, comparando manifestações públicas – eventos esportivos, festas, comemorações cívicas –, a produção dos principais órgãos da imprensa esportiva especializada e produções culturais do Estado, envolvendo o esporte e a ideologia oficial dos regimes. Pretendeu-se também analisar as diferenças na abordagem de cada governo sobre o esporte e seus modelos de intervenção na estrutura política interna do esporte. Espera-se que este trabalho possa trazer contribuições significativas para o debate sobre a produção de um ideário político através do esporte, assim como sobre o processo de formação de identidades nacionais na América Latina, mais especificamente no Brasil e na Argentina.

PALAVRAS-CHAVE: História Comparada; esporte; política.

ABSTRACT

COSTA, Maurício da Silva Drumond. *Nações em jogo: esporte e propaganda política nos governos de Vargas (1930-1945) e Perón (1946-1955)*. Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

This dissertation has as its main objective the analysis of sport as a political instrument during the first Vargas Era, in Brazil, and during Juan Domingo Perón's first two mandates (1946-1952 and 1952-1955), in Argentina. Both Vargas and Perón tried to identify their political regime to the victories on the sport field. Therefore, the State's control over sport and its usage by the means of political propaganda aimed at creating a link of national identification between sport and government, reaffirming the new models of nation and citizens produced by varguism and peronism. For that reason, a relationship between sport and political culture was established in the analyzed government, comparing their public events – sports events, parades and civic celebrations –, the production of their main sports periodicals and their State cultural productions, involving sport and the official ideology of the regimes. It also attempt analyzing the differences in the approach of each government in their models of intervening in the internal structure of sport. We hope this dissertation may bring significant contributions to the debate on the production of political ideology through sport, as on the process of the making of national identities in Latin America, especially in Brazil and Argentina.

Keywords: Comparative History; sport; politics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
A HISTÓRIA COMPARADA.....	19
A HISTÓRIA DO ESPORTE	25
1 OS GOVERNOS DE VARGAS E PERÓN, UMA ANÁLISE COMPARADA.....	35
1.1 OS ANTECEDENTES.....	37
1.2 A ASCENSÃO.....	40
1.3 RESISTÊNCIAS.....	45
1.4 A CONSOLIDAÇÃO DOS REGIMES	51
1.5 A QUEDA.....	56
1.6 A VOLTA FINAL.....	60
1.7 CONSIDERAÇÕES	63
2 NOVOS HOMENS E NOVAS NAÇÕES: O ESPORTE E A FORMAÇÃO DE IDENTIDADES NACIONAIS NOS GOVERNOS DE VARGAS E PERÓN	65
2.1 A IDENTIDADE NACIONAL E O ESPORTE.....	65
2.2 A PROPAGANDA POLÍTICA E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	69
2.3 A IMPRENSA ESPORTIVA.....	77
2.4 RECEPÇÃO E RESISTÊNCIA	83
3 O ESPORTE COMO POLÍTICA DE ESTADO	87
3.1 ESTADO E ESPORTE	88
3.2 AS FESTAS CÍVICAS	97
3.3 A REGULAMENTAÇÃO DO ESPORTE	102
3.4 O ESPORTE REPRESENTANDO A NAÇÃO	109
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
REFERÊNCIAS	121

INTRODUÇÃO

Os esportes são parte importante da vida cotidiana na sociedade moderna. Mobilizando milhões por todo mundo – praticando, assistindo, trabalhando, torcendo e, principalmente, consumindo –, o esporte se faz presente em diversas esferas da vida social. Mas qual seria a relevância de um estudo sobre o esporte? De acordo com o sociólogo Eric Dunning, o esporte, como qualquer outra prática social, requer atenção acadêmica, uma vez que, ao se pretender o entendimento de uma sociedade, deve-se estudá-la em todos os seus aspectos:

o desporto demonstra com toda a clareza que constitui um campo de considerável significado social, o que – de acordo com o grau de pretensão, que os sociólogos levam tão a sério, segundo o qual sua disciplina é uma ciência da *compreensão* da sociedade, que estuda as sociedades em todos os seus aspectos – reclama teorização e investigação sociológica.¹

Dentro desse quadro de presença dos esportes na sociedade moderna, em especial nos casos abordados neste trabalho, Brasil e Argentina, pode-se afirmar que o futebol ocupa uma posição de destaque. Nenhuma outra prática da cultura popular envolve a tantos e desperta tamanho interesse e paixão.

O futebol, como esporte moderno codificado, surgiu em 1863 com a regulamentação de suas regras pela *Football Association*, na Inglaterra. Neste aspecto, o futebol, assim como a maioria dos esportes,

pode ser interpretado como um dos múltiplos processos de regulamentação das emoções e das pulsões individuais e, em uma perspectiva global, como um dos lugares onde se exprime a divisão que a sociedade estabelece entre a violência aceitável e a violência intolerável.²

¹ ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992, p. 17. Grifo do autor.

² AGOSTINO, Gilberto. Futebol. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da et Al. *Dicionário crítico do pensamento de direita*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000, p. 203.

É neste quadro que os esportes vão se difundir a partir de seus pontos de origem, espalhando-se pelo globo. Como explica Peter Gay:

Como outros fenômenos culturais, os esportes eram nacionais e cosmopolitas; os alemães eram aficionados da ginástica, os britânicos do futebol, os franceses, do ciclismo, os americanos, do beisebol. Mas não havia nenhuma barreira tarifária às importações; como os bens e as transações financeiras que atravessavam as fronteiras no emergente mercado mundial, os esportes exemplificavam a difusão cultural. Em particular a Inglaterra, inovadora sem par, exportava suas invenções – completas, com vocabulário e tudo – para seus vizinhos mais receptivos.³

Difundido por todo o mundo, o esporte se tornou uma prática globalizada. No entanto, ainda que prática global, não se constituiu como um elemento globalizante. Na realidade o oposto pode ser aferido. A sua propagação pelo mundo tornou possível a adoção de diversas modalidades esportivas por diferentes culturas e nações, que construíram formas próprias de interpretar e praticar o jogo. Através de seu modo particular de jogar, das características próprias dos atletas de sua localidade, estes grupos podem construir um modelo de identidade perpassando pelo esporte. Portanto, pode-se afirmar que se por um lado o esporte se tornou em uma prática social transnacional e globalizada, por outro lado ele atua como um novo delimitador de fronteiras, reforçando identidades regionais e nacionais.

O futebol é um exemplo ímpar deste caso. A força do futebol como um fator de identificação de um indivíduo com sua pátria pode ser vista com facilidade em grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo de futebol masculino da FIFA. A cada quatro anos, o país anfitrião do evento – um dos maiores eventos internacionais da atualidade, ao lado dos Jogos Olímpicos – recebe milhares de pessoas de diversas partes do mundo. As ruas tornam-se coloridas com torcedores vestindo as cores de seu país, agitando suas bandeiras e cantando hinos e canções. Tal festival de nacionalismos é único. Nem mesmo os jogos olímpicos causam tamanha mobilização e despertam uma paixão tão grande entre o indivíduo

³ GAY, Peter. *O cultivo do ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 436.

e seu país. Mais do que qualquer outro esporte, o futebol carrega consigo grande capital simbólico de representação da nação.

É justamente este caráter simbólico do futebol, e de outras modalidades, que permite que este esporte desperte tamanha comoção entre movimentos nacionalistas, separatistas ou não, principalmente na Europa. Estes movimentos regionais que buscam a autonomia política costumam ver no esporte – em especial no de maior popularidade, o futebol – um meio de legitimação de suas aspirações nacionais.

Um bom exemplo de identificação regional ligada ao desporto pode ser visto nos nacionalismos regionais na Espanha, como o caso basco. Desde seus primórdios, os dois principais clubes dessa região, *Athletic Bilbao* e *Real Sociedad*, criaram uma tradição⁴ de ter em suas equipes apenas jogadores nascidos ou criados no País Basco. Essa política teve forte impacto na criação da identidade do clube e de seus torcedores, sendo conhecida por *Cantera* (“pedreira”, em português), fazendo referência à região como um local de onde “extraíam” seus jogadores.

Mesmo contando apenas com jogadores bascos, esses clubes tiveram grande sucesso no futebol espanhol, principalmente durante a década de 1980, quando conquistaram quatro títulos consecutivos da Liga Espanhola (os campeonatos de 1980-81 a 1983-84). Conhecido também por *txuri-urdin* (azul-e-branco, em basco) devido às cores das listras verticais de seu uniforme, o Real Sociedad contratou, em 1989, o jogador inglês John William Aldridge, acabando assim com sua *cantera*. Após ser rebaixado para a segunda divisão espanhola no campeonato de 2006-2007, na temporada 2007-2008 o time contou com outros jogadores não-bascos, como os espanhóis Álvaro Novo Ramírez e Gerardo Garcia (andaluzes de Córdoba e Sevilha, respectivamente), o meio-campo esloveno Stevanovic e o atacante sérvio Andrija Delibasic, entre outros. No entanto, a *cantera* continua efetiva no Athletic Club de Bilbao,

⁴ Utilizo aqui o conceito de Tradição Inventada de Eric Hobsbawm. Cf. HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

mesmo tendo contado com jogadores bascos nascidos fora da Espanha, como o francês Lizarazu e o paulista José Vicente Fernández Biurrún. Ambos jogadores que chegaram a atuar na seleção basca de futebol. Em seu plantel atual (2007-2008), o clube conta com o zagueiro Fernando Amorebieta, nascido na Venezuela. Filho de pais bascos, o jogador foi para Bilbao ainda pequeno e atua pela seleção basca, assim como jogou nas seleções de base da Espanha.

Com clubes representando com tanta veemência sua identidade nacional, a seleção basca é, sem dúvida, um forte fator de identificação do nacionalismo. A seleção nacional basca nasceu em plena guerra civil espanhola, em 1937. José Antonio Aguirre, líder político e ex-jogador do Atlético de Bilbao, decidiu formar uma equipe de futebol representando o País Basco para angariar fundos para a guerra. A seleção teve sua estréia no dia 25 de abril de 1937 – um dia antes do bombardeio de Guernica – no estádio *Parc des Princes*, em Paris. Lá teve início uma jornada de jogos, divulgando a guerra e o nacionalismo basco. A seleção basca jogou, no período de 1937 a 1939, 30 partidas, tendo enfrentado equipes de nome como Olimpique de Marselha e Spartak de Moscou, além de ter enfrentado seleções da Polônia, Noruega e Dinamarca. Em 1938 a equipe foi atuar em solo Mexicano, onde disputou o campeonato nacional e foi campeã. A seleção permaneceu no México até o final da guerra civil espanhola, em 1939, se dispersando em seguida.

A seleção basca foi reunida novamente apenas em 1979, quatro anos após o final do governo franquista. Desde então vem lutando por seu reconhecimento em instituições esportivas internacionais, como a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) e o Comitê Olímpico Internacional (COI). Mesmo sem a legitimidade de membro da FIFA, enfrentou seleções como Irlanda (1979), Paraguai (1995), Uruguai (1998) e Gana (2001). A seleção basca tentou, sem sucesso, participar da Eurocopa de 2000, uma vez que o parlamento havia afirmado a legalidade de todas as seleções esportivas bascas. Como protesto, a organização juvenil *Gazte Abertzaleak* comprou o endereço eletrônico

“www.eurocopa2000.org” e postou uma mensagem de protesto à não participação de sua seleção na competição européia. Os jogadores bascos participaram da Eurocopa vestindo os uniformes das seleções espanhola e francesa.

* * *

É justamente na representação de identidades nacionais através do esporte que este trabalho se circunscreve. Na presente dissertação, pretendo traçar uma análise comparada entre os processos de utilização política pública do esporte como ferramenta no âmbito dos governos de Getúlio Vargas e Juan Domingo Perón. Procuro analisar de que forma estes teriam se utilizado do esporte como propaganda política na consolidação de uma identidade nacional e de um ideário oficial. Teriam os governos peronista e varguista demonstrado interesse em catalisar o capital simbólico envolvido no esporte e a sua relação com a manifestação da identidade nacional? Quais seriam os mecanismos utilizados por estes governos para o controle do esporte? Como vieram a associar o esporte ao regime vigente, em vista a consolidar uma imagem positiva da nação – e, por conseguinte, do governo – através das vitórias obtidas no campo esportivo?

Desta forma, viso estabelecer uma relação entre esporte e cultura política nos governos de Getúlio Vargas e de Juan Domingo Perón, comparando manifestações públicas e produções culturais do Estado – eventos esportivos, comemorações cívicas, discursos –, envolvendo o esporte e a ideologia oficial de Estado. Pretendo também analisar as diferenças na abordagem de cada governo sobre o desporto, até que ponto estariam dispostos a intervirem na estrutura política interna do esporte.

Para tanto, será essencial para este trabalho entender como o esporte é assimilado no Brasil e na Argentina, a ponto de se tornar um fator que desperta tamanho sentimento de

pertença. Nesses dois países, o esporte terá suas origens em meio à elite e será gradualmente assimilado e reinterpretado pelos grupos sociais mais populares. A partir desta apropriação, surgirão novos estilos de se praticar o esporte. Estilos esses que deterão características próprias, representantes das características gerais pelas quais este povo se enxerga.

Para melhor compreender este processo de apropriação do esporte como uma tradição nacional, deve-se ter em mente o trabalho de Eric Hobsbawm e Terence Ranger, “A Invenção das Tradições”. Hobsbawm define o conceito de tradições inventadas como

Um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas (...), de natureza ritual ou simbólica, [que] visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado⁵.

O historiador inglês aponta a invenção de tradições como um importante fator na formação de identidades nacionais na modernidade. Dentre essas tradições inventadas, o autor faz uma distinção entre as invenções “políticas” e as invenções “sociais” de tradições. As primeiras seriam fruto de movimentos sociais e políticos organizados ou mesmo de Estados – como festas cívicas, heróis nacionais, bandeiras e hinos. Já as invenções não-oficiais, ou “sociais”, seriam as geradas por grupos sociais sem uma organização formal ou sem um objetivo político específico. Como exemplo do primeiro caso pode-se citar a criação de festas cívicas como o Dia da Raça e sua utilização para a exaltação ufanista, com corais de cantos orfeônicos regidos por Villa-Lobos no estádio do Fluminense, competições esportivas para a juventude brasileira e até mesmo a participação de Getúlio Vargas nas comemorações a céu aberto. Já o segundo caso poderia ser exemplificado pela tradição de se perceber o Brasil como o país do futebol.

No que se refere ao esporte, que o autor se refere como “uma das novas práticas sociais mais importantes do nosso tempo”,⁶ Hobsbawm diz que “tanto o esporte das massas

⁵ HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997, p. 9.

⁶ *Ibid.*, p. 306.

quanto o da classe média uniam a invenção de tradições sociais e políticas (...) constituindo um meio de identificação nacional e comunidade artificial”,⁷ e que o esporte

era a demonstração concreta dos laços que uniam todos os habitantes do Estado nacional, independente de diferenças locais e regionais, como na cultura futebolística puramente inglesa ou, mais literalmente, em instituições desportivas como o Tour de France dos ciclistas (1903), seguido do Giro d’Italia (1909).⁸

É entendido desta forma que o esporte vai estar ligado a diversas invenções políticas de tradições, especialmente na criação de festas cívicas e no planejamento das atividades públicas de lazer durante estes festejos. Como na comemoração do Dia do Trabalho, celebrado com discurso de Getúlio Vargas em São Januário, contando com sua entrada triunfal em carro aberto com as arquibancadas lotadas ovacionando o presidente, enquanto este dá uma “volta olímpica” ao redor do gramado e sobe majestosamente para as tribunas de honra do estádio. Ou mesmo, no caso da Argentina, nos Torneios Juvenis Juan Perón, para os adolescentes argentinos, ou nos Campeonatos Infantis de Futebol Evita. Este último tinha sua partida final em estádios de grandes clubes, contando com a presença de Perón e Evita, que davam o pontapé inicial do jogo decisivo e entregavam a taça e as medalhas.

Eventos esportivos dessa monta ganharam status de tradição em poucos anos – outra característica das tradições inventadas assinalada por Hobsbawm –, e contaram com a presença de milhares de cidadãos exaltando sua pátria. E isto não se deu apenas na América Latina. Hobsbawm aponta para a participação política em rituais esportivos na Europa, como a presença de membros da família real inglesa na final do torneio de Wembley, e a utilização de centros esportivos por movimentos de massa em Paris e em Berlim, no entreguerras.⁹ O Estado se unia ao esporte propagandeando uma nova visão de nação e construindo o ideal de

HOBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997, p. 309.

⁸ Ibid., p. 309.

⁹ Ibid, p. 313.

uma nova raça, característica essencial do sentimento de pertencimento à nação, como propostas por Vargas e Perón.

A HISTÓRIA COMPARADA

A investigação comparativa é um desafio para o saber histórico e para aqueles que a praticam. As iniciativas não são homogêneas, mas, apesar disso, o que as une é a atitude enfaticamente crítica do comparativismo, que resulta na construção de um espaço amplo e diversificado de produção de conhecimento histórico.¹⁰

O método comparativo foi por muito tempo visto com descrédito por parte dos historiadores. Desde o momento de sua formação como disciplina acadêmica, a história se distinguia das demais ciências sociais, postulando ser uma disciplina que operava sobre o único. A História deveria buscar o conhecimento dos acontecimentos passados na singularidade de seus fatos, opondo-se assim a qualquer tipo de generalização ou regra geral – como na sociologia, por exemplo.

Este distanciamento das demais ciências sociais afastou a história também do método comparativo, visto que este era prática comum em ciências como a sociologia, como pode ser percebido na declaração de Durkheim, de que “a sociologia comparativa não é um ramo específico da sociologia; é a própria sociologia.”¹¹

Apesar da recusa por parte dos historiadores em aceitar o método comparativo, pode-se alegar que a comparação está enraizada na própria prática do historiador. Ao se afirmar que o fato é individual e específico, o pesquisador está fazendo uma comparação deste fato com todos os demais. Além disso, até mesmo a análise de documentos, comparando-os e cruzando informações na busca de sua verossimilhança, remete os historiadores ao comparativismo.

¹⁰ Apud THELM, N., BUSTAMANTE, R. M. da C. Editorial: história comparada: olhares plurais. *Phoenix*, 2004, n. 10, p. 5.

¹¹ BURKE, Peter. Modelos e métodos: comparação. In: *História e teoria social*. São Paulo: Unesp, 2002, p. 39.

Esse modelo de comparação se aproxima ao modelo proposto por Max Weber¹². Este afirmava que era através da comparação que se poderia chegar ao individual. Ao se comparar dois ou mais casos, enxergar-se-ia a ausência ou a presença de variados elementos, chegando assim à individualidade de cada caso. Este modelo proposto por Weber se aproximava bastante da idéia de vários historiadores, porém não deixou o método comparativo mais próximo da História.

O método comparativo vai aparecer com maior influência na História com Marc Bloch. Para Bloch, a comparação era um instrumento indissociável da prática da História, e não um procedimento teórico. A história comparada não era vista por ele como um método, mas como um instrumento a ser utilizado por todos os historiadores. De acordo com Bloch:

Aplicar o método comparativo no quadro das ciências humanas consiste (...) em buscar, para explicá-las, as semelhanças e as diferenças que apresentam duas séries de natureza análoga, tomadas de meios sociais distintos.¹³

Marc Bloch tinha duas propostas de comparação: entre sociedades próximas no tempo e no espaço e entre sociedades distantes no tempo e no espaço. Na realidade, Bloch propunha a análise de problemas específicos destas sociedades, uma vez que duvidava ser possível o domínio de quadros de análise muito amplos.

Neste sentido, a análise comparativa entre o Brasil e a Argentina requer cuidado com certas armadilhas para as quais os historiadores devem estar atentos. Apesar de suas diferenças territoriais, a área efetivamente ocupada e a economia de ambos os Estados se aproximam, o que afasta o problema de se comparar realidades muito diferentes. Além disso, mesmo com toda a proximidade entre os dois países, a rivalidade existente entre suas elites, seu desenvolvimento voltado para o exterior, a diferença de idioma, entre outros fatores,

¹² WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Rio de Janeiro. Companhia das Letras, 2004.

¹³ Apud CARDOSO, Ciro Flamarion S., BRIGNOLI, Héctor Pérez. *Os métodos da história*. Rio de Janeiro: Graal, 1983, p. 409.

reduzem as chances de que se distorça a análise comparativa devido à influência mútua entre as nações – o que Jürgen Kocka chamou de História Cruzada.¹⁴

Este trabalho, de certa forma, se aproxima dessa idéia de Marc Bloch, ao comparar sociedades vizinhas em um quadro temporal muito próximo, como o Brasil de Getúlio Vargas e a Argentina de Juan Perón. No entanto, apesar de próximos, estes períodos devem ser observados com muita cautela por parte do historiador.

Getúlio Vargas assume o poder no início da década de 30, no entreguerras portanto, e permanece no poder até 1945, poucos meses após o final da Segunda Guerra Mundial. Já Perón faz parte do grupo militar que assume o poder em 1943 e é eleito presidente em 24 de fevereiro de 1946, já após a Segunda Guerra Mundial. Perón se manteria no poder por mais dez anos, em um cenário político internacional inteiramente diferente de Vargas. Desta maneira pode-se observar que, apesar de terem transcorrido em períodos bem próximos no tempo, os dois governos estavam sujeitos a conjunturas internacionais muito diferentes, o que requer um grande cuidado por parte do historiador.

Além destes percalços, a análise comparada também apresenta outros perigos e desafios para os historiadores. Um dos maiores problemas que o método comparativo enfrenta é a desigualdade de fontes, sobre os casos a serem estudados, disponíveis ao historiador. Essa desigualdade é ainda maior quando a comparação é feita entre quadros nacionais. Nesses casos, o domínio de fontes primárias e o acesso limitado aos arquivos estrangeiros fazem com que o pesquisador dependa em excesso da literatura secundária. A diferença de conhecimento entre os casos pode ser uma armadilha que leve o historiador a atribuir mais peso e dar maior atenção a uma unidade da comparação, deixando a outra como um mero contraponto à primeira. Quanto mais casos um estudo comparativo engloba, maior será esta diferença e maior será o risco de se negligenciar um desses.

¹⁴ KOCKA, Jürgen. Comparison and beyond. *History and theory*, 2003, n. 42, pp. 39-44.

Este desafio foi uma das maiores barreiras encontradas na produção deste estudo. Ao analisar a utilização do esporte na propaganda política brasileira e argentina nos governos de Vargas e Perón, tive que lidar, a princípio, com o desnível entre meu conhecimento sobre a história do Brasil e a história argentina. Além disso, minha análise de fontes primárias brasileiras era muito facilitada por minha proximidade aos arquivos, ao passo que minhas idas aos arquivos argentinos dependeram de viagens curtas e esparsas.

Estes desafios fazem com que o historiador tenha que ficar sempre alerta ao produzir estudos comparativos, mas não impossibilitam e nem mesmo desqualificam a utilização da história comparada. De qualquer forma, para a utilização da comparação, devemos pensar em suas vantagens. Henri Sée e Henri Pirenne acreditavam que “o método comparativo seria o instrumento capaz de transformar a história em uma ciência, ao permitir a passagem da descrição para a explicação dos processos históricos.”¹⁵

No entanto, para Jürgen Kocka,¹⁶ a História Comparada pode se articular a diversos propósitos. Ela possibilita a identificação de novas questões e novos problemas que não teriam sido notados em uma primeira abordagem, focada apenas em uma única realidade. Ela se faz ubíqua em todos os trabalhos históricos, ao contrastar casos em busca da singularidade de eventos. Analiticamente, a história comparada tem grande utilidade ao responder questões de causa, como apontado por Charles Ragin.¹⁷ Além disso, possui também um propósito paradigmático, uma vez que leva o pesquisador a entender seu objeto através de um novo ponto de referência, afastando-o daquele ponto de observação que mais domina, a sua própria história.

Charles C. Ragin apresenta um método de comparação por ele denominado Análise Comparativa Qualitativa (*Qualitative Comparative Analysis*, ou QCA). Segundo o autor, este

¹⁵ Apud CARDOSO, Ciro Flamarion S., BRIGNOLI, Héctor Pérez. *Os métodos da história*. Rio de Janeiro: Graal, 1983, p. 410.

¹⁶ KOCKA, Jürgen. Comparison and beyond. *History and theory*, 2003, n. 42, pp. 39-44.

¹⁷ RAGIN, Charles C. Using Qualitative Comparative Analysis to Study Causal Complexity. *HSR: Health Service Research*, 1999, n. 34, v. 5, pp. 1225-1239.

método se consiste em uma “técnica analítica projetada especificamente para o estudo de casos como configurações de aspectos, entendidos como combinações de um grupo de fatores.”¹⁸ O QCA funcionaria então como um instrumento metodológico de grande utilidade para um estudo comparativo de diversos fatores e condições causais em um determinado resultado analisado em diversos casos. No entanto, apesar de enfatizar em seu artigo a utilização deste método de comparação para relações causais, Ragin alerta que “as técnicas [de Análise Comparativa Qualitativa] apresentadas são úteis para qualquer análise que enfoque um número pequeno ou moderado de casos de maneira configuracional”¹⁹, o que definiu como análises não-causais. Ou seja, ao invés de indagar – no caso deste projeto – que condições causaram o interesse político em utilizar o esporte como meio de propaganda ideológica massiva nos governos nacionais-estatistas, o pesquisador deve buscar questões sobre quais fatores convergem ou diferem entre os casos estudados, para então analisar suas configurações comuns e suas particularidades.

A comparação também pode se fazer presente em estudos pelo cruzamento de diferentes teorias de análise. Ao se observar um mesmo objeto por diferentes olhares, pode-se perceber aspectos que de outro modo passariam despercebidos. No caso desta dissertação, irei analisar o esporte no Brasil e na Argentina pelo quadro da história política proposta por René Remond.²⁰ A nova história política é em si pluridisciplinar, caracterizando-se por utilizar ferramentas teóricas presentes em todo conjunto das ciências humanas, como a sociologia, a antropologia e os estudos culturais. A comparação de todas estas abordagens teóricas será fundamental para problematizar e tentar compreender melhor meu objeto de estudo.

¹⁸ RAGIN, Charles C. Using Qualitative Comparative Analysis to Study Causal Complexity. *HSR: Health Service Research*, 1999, n. 34, v. 5, p. 1225. Tradução nossa.

¹⁹ *Ibid.*, p. 1237. Tradução nossa.

²⁰ RÉMOND, René (org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

Pode-se observar que a história comparada possibilita a formulação de novas questões, de novos problemas a serem estudados. A análise comparada não se resume ao estudo de um mesmo problema em diversas realidades. A história comparada busca semelhanças e diferenças de uma forma sistemática entre os objetos estudados pelo pesquisador. Como apontaram Thelm e Bustamante, “a história comparada é o método de pesquisa que convida a uma mudança na atitude no modo de fazer história; é uma nova perspectiva dos pesquisadores como sujeitos em relação ao objeto de pesquisa.”²¹

Como exemplo, vejamos o caso deste trabalho. Busco afirmar que estudar a história do esporte sob o ponto de vista do caso do primeiro governo de Getúlio Vargas poderia ajudar a melhor compreender a utilização política massiva do fenômeno esportivo no Brasil, assim como entender de forma mais ampla a nossa sociedade. Não há dúvidas que este caso possui muitas especificidades características da realidade nacional brasileira. Mas se o compararmos a outros casos, em especial a outros governos de proximidade política e ideológica deste, não seria possível ampliar nossa visão sobre a complexidade do problema? Não poderia a comparação e o contraste entre as particularidades dos casos de Vargas e Perón levantar novas questões, não percebidas ao se focar exclusivamente o caso nacional? Dessa forma, isto faria com que o pesquisador enxergasse não apenas a realidade brasileira de uma forma distinta, mas também o levaria a novas reflexões sobre o contexto latino-americano em vista a melhor entendê-lo.

Assim, a História Comparada possibilitaria novos olhares sobre os objetos de estudo e teria a capacidade de criticar idéias tidas como verdades históricas, apresentando novas conclusões e novos dilemas. Isso não quer dizer, de forma alguma, que deveríamos abandonar as metodologias históricas mais tradicionais. Mas apenas que, através de uma nova forma de

²¹ THELM, N., BUSTAMANTE, R. M. da C. Editorial: história comparada: olhares plurais. *Phoênix*, 2004, n. 10, p. 13.

abordagem da história, seria possível se estabelecer novos problemas a serem investigados, e assim, novas hipóteses a serem levantadas.

A HISTÓRIA DO ESPORTE

Durante a última década a academia percebeu que a História do esporte é importante demais para ser entregue às mãos de esportistas e jornalistas/historiadores amadores, ou mesmo relegada ao papel de material ilustrativo para questões de mais “peso” da História econômica, social e política. Como uma parte integral da História, a história do esporte britânica agora se desenvolve como uma disciplina autoconsciente atenta às causas econômicas, à distinção e conflitos de classes, às massas assim como às elites, à continuidade e ruptura cultural, e à perspicácia sociológica e antropológica assim como aos modos tradicionais de pesquisa e análise.²²

De acordo com William Baker, a historiografia inglesa começa a se preocupar com o estudo da história do esporte ainda na década de 1970. Antes disto, afirma Baker, uma pequena obra de Peter McIntosh e uma monografia de Dennis Brailsford eram exceções à regra de que a história do esporte deveria ser ignorada por historiadores sérios.²³ Assim como era – e até certo ponto ainda é – comum na realidade brasileira, a esmagadora maioria de publicações britânicas sobre o esporte era feita por historiadores amadores, em sua maioria jornalistas, e tendiam a um mero relato de acontecimentos agrupados cronologicamente, porém sem maiores problematizações sobre o binômio esporte/sociedade.

A situação começa a mudar durante a década de 1970. Organizações internacionais começam a surgir por volta deste período. Um pouco antes, em 1967, é fundado o Comitê Internacional para a História da Educação Física e do esporte (*International Committee for the History of Physical Education and Sport - ICOSH*), em Praga. Em 1973, em Zurique, é criada a Associação Internacional para a História da Educação Física e do Esporte

²² BAKER, William J. The State of British Sport History. *Journal of Sport History*, 1983, n. 1, p. 54. Tradução nossa.

²³ *Ibid.*, p. 53.

(*International Association for the History of Physical Education and Sport - HISPA*). Após a queda do muro de Berlim estas duas organizações se unem – em 1989 – para formar a Sociedade Internacional para a História da Educação Física e do Esporte (*International Society for the History of Physical Education and Sport – ISHPES*)²⁴.

Nos Estados Unidos, em 1972, é criada a Sociedade Norte Americana para a História do Esporte (*North American Society for Sport History – NASSH*), visando “promover, estimular e encorajar o estudo, a pesquisa e a escrita da história do esporte.”²⁵ Ao final de um ano, a NASSH já possuía aproximadamente 200 membros. A área de história dos esportes vai receber um novo impulso quando, em 1974, é lançado na Inglaterra o primeiro número do *Journal of Sport History*, que viria a ter edições semestrais contendo artigos e resenhas de livros.

O estudo acadêmico do esporte, internacionalmente, tem grande peso na área da sociologia. Na realidade, a construção de muros entre as ciências humanas não se faz tão forte na área do esporte. A tradicional divisão entre as disciplinas não ocorre de maneira tão rígida. A sociologia do esporte, ainda que mais centrada em análises teóricas do que em dados empíricos, tem se aproximado da história e das diversas ciências humanas. O que Joseph Maguire (1995) chama de “sociologia histórica” fica explícito na página eletrônica da Associação Internacional de Sociologia do Esporte (*International Sociology of Sport Association – ISSA*):

Além da sociologia, trabalhos nesta área englobam a história, a ciência política, a geografia humana, a antropologia a psicologia social e a economia. Assim como as novas vertentes da sociologia, como os estudos culturais, da mídia e de gênero, todos bem representados neste campo.²⁶

²⁴ Disponível em: <<http://www2.umist.ac.uk/sport/Sports%20History/ishpes.html>>. Acesso em: 23 ago. 2007.

²⁵ EYLER, Marvin H. NASSH official business: annual review”, *North American Society For Sport History*, 1973, p. 47. Tradução nossa.

²⁶ Disponível em: <<http://www.issa.otago.ac.nz/about.html>>. Acesso em 23 ago. 2007. Tradução nossa.

No Brasil e na América Latina, a bibliografia sobre a história futebol era até bem pouco tempo escassa, vista por muitos anos como um tema “menor” das ciências humanas. Não obstante, foram muitos os que já escreveram sobre a grande paixão do homem brasileiro. Vale observar que grande parte das obras sobre o assunto são produtos do meio jornalístico e, como tais, por vezes pecam pela falta de rigor histórico. Entre estas obras podemos citar o livro de Paulo Vinícius Coelho²⁷, comentarista esportivo mais conhecido como PVC, voltado ao jornalismo esportivo. Neste livro, PVC dedica seu primeiro capítulo à história do futebol brasileiro e comete alguns deslizes característicos da falta de maior rigor nas pesquisas históricas, como quando diz que “o Vasco foi campeão carioca pela primeira vez em 1924.”²⁸ Outra crítica válida para várias obras como esta é a de que estas são apenas levantamentos de resultados passados, úteis como fonte de referência, mas sem nenhuma análise reflexiva e nenhuma problematização do objeto de estudo. Há apenas a intenção, típica da atividade jornalística, de se relatar os fatos ocorridos, ou seja, estas obras parecem buscar a isenção jornalística no ambiente da História. Os livros de Antônio Carlos Napoleão²⁹ e os de Roberto Assaf e Clóvis Martins³⁰ são excelentes exemplos destes trabalhos de memória. Não quero dizer, no entanto, que estes trabalhos não possuem utilidade. São obras que possuem uma proposta diferente da tradicional visão acadêmica de História e possibilitam uma boa base de referência ao historiador.

²⁷ COELHO, Paulo Vinicius. *Jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2003.

²⁸ *Ibid.*, p. 9. O Vasco da Gama foi campeão carioca pela primeira vez em 1923. O ano de 1924 contou com dois campeonatos cariocas paralelos. O clube cruz-maltino também foi bi-campeão neste ano, pela Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, juntamente com o Fluminense, campeão pela Associação Metropolitana de Esportes Atléticoes. Para maiores detalhes sobre estes campeonatos cariocas e a cisão de 1924, ver NAPOLEÃO, Antonio Carlos. História das ligas e federações do Rio de Janeiro. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; SANTOS, Ricardo Pinto. *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, pp. 81-105.

²⁹ NAPOLEÃO, Antônio Carlos. *O Brasil na taça Libertadores e no mundial interclubes*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, e NAPOLEÃO, Antônio Carlos. *Corinthians x Palmeiras: uma história de rivalidade*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

³⁰ ASSAF, Roberto; MARTINS, Clovis. *Campeonato carioca: 96 anos de história*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997, e ASSAF, Roberto; MARTINS, Clovis. *Almanaque do Flamengo*. São Paulo: Editora Abril, 2001. O livro *Campeonato Carioca* traz na capa as seguintes informações sobre seu conteúdo: os campeões; as escalafões; os resultados; curiosidades; fotos históricas. Apenas pela capa já se pode observar o caráter descritivo da obra.

É importante ressaltar que nem todos os trabalhos produzidos por jornalistas se encaixam nestas categorias. O maior exemplo é o clássico de Mario Filho, *O negro no futebol brasileiro*.³¹ O livro – que se tornou possivelmente o maior clássico nacional do gênero esportivo – tenta reconstruir a história do futebol brasileiro desde suas origens até meados do século XX, através do ponto de vista do negro. Como foi muito bem apontado por Antonio Jorge Soares³², o livro de Mario Filho vinha sendo utilizado na maioria dos trabalhos acadêmicos sobre o esporte como uma fonte primária, ou melhor, como a fonte da história do nosso futebol.

Com isso, não quero dizer que a obra deva ser ignorada pelos pesquisadores. Ela é fundamental para o estudo da história do esporte, desde que seja utilizada com os devidos cuidados metodológicos, como foi bem observado por Carlos Leonardo Silva³³ e Ronaldo Helal.³⁴ Como apontou Carlos Leonardo, o livro de Mario Filho “continua sendo de importância ímpar para a compreensão da história do futebol brasileiro.”³⁵ O livro deve ser encarado como produtor de uma ideologia de democracia racial, profundamente influenciado pelas idéias de Gilberto Freyre – que assina o prefácio à primeira edição da obra – e pelo ideal varguista no qual o autor estava inserido diariamente através das páginas de seu periódico esportivo, o *Jornal dos Sports*.

A produção acadêmica brasileira começou a despertar para as questões do esporte – quase exclusivamente do futebol – no final da década de 1970 e no início da década de 1980. Joel Rufino dos Santos publica, em 1978, um artigo na revista *Encontros com a Civilização*

³¹ RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

³² SOARES, Jorge Antônio. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001, pp. 13-50.

³³ SILVA, Carlos Leonardo Bahiense. Sobre O negro no futebol brasileiro, de Mario Filho. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, pp. 287-312.

³⁴ HELAL, Ronaldo; GORDON JR., Cesar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. Op. cit., pp. 51-75.

³⁵ SILVA, Carlos Leonardo Bahiense. Op. cit. p. 311.

*Brasileira*³⁶ sobre a influência da ditadura sobre a seleção nacional, ao lado de um artigo do jornalista Jacob Klintowitz³⁷, sobre a adoção de um estilo europeu pela seleção brasileira. Neste artigo Joel Rufino expõe a desvalorização acadêmica que existia quanto ao estudo do esporte:

Seria o futebol, contudo, digno de uma análise histórica? Se se supõe que as ciências sociais devam responder, primeiro, às indagações da cabeça dos intelectuais, claro que não. (Nelson Rodrigues escreveu com razão que não há um só personagem da nossa literatura que saiba bater um mísero *córner*. Os estrangeiros se surpreendem de que no “país do futebol” não se haja escrito uma única história do futebol. E os nossos melhores editores já se convenceram de que “futebol não vende”). A verdadeira ciência social, entretanto, é a que responde às indagações coletivas; para ela não há temas nobres ou cafonas. E o futebol, como as telenovelas, são o pão-nosso-de-cada-dia.³⁸

Em 1981, Joel Rufino dos Santos publica *História política do futebol brasileiro*. Apesar de sua inegável relevância, o trabalho peca pela falta de uma discussão mais aprofundada sobre cultura política e por sua abordagem marxista excessivamente estruturalista, como era comum na produção acadêmica de esquerda do período. Joel Rufino dos Santos entendia a popularização do jogo da bola no âmbito de manipulações ideológicas de uma classe dominante, no intuito de desviar, no tempo livre dos trabalhadores, a energia das massas da questão da luta de classes. Ou seja, construíam-se cada vez mais campos de futebol apenas para afastar os trabalhadores das reuniões sindicais. O futebol servia apenas para o controle social e a disciplinarização do povo.

Duas obras acadêmicas sobre o futebol no Brasil marcaram o ano de 1982. Uma foi o livro organizado por Roberto DaMatta, *Universo do futebol*³⁹. Inscrita no campo da antropologia, a obra buscava compreender como o estilo de jogo nacional expressava as

³⁶ SANTOS, Joel Rufino dos. Na CBD até o papagaio bate continência. *Encontros com a civilização brasileira*, 1978, n. 5, pp. 119-129.

³⁷ KLINTOWITZ, Jacob. A implantação de um modelo alienígena exótico e outras questões pertinentes: a seleção brasileira de futebol – 1978. *Encontros com a civilização brasileira*, 1978, n. 5, pp. 113-118.

³⁸ SANTOS, Joel Rufino dos. *Op. cit.*, p. 120.

³⁹ DAMATTA, Roberto et ali. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

características do povo brasileiro. DaMatta concluiu afirmando que tanto no futebol como em sua vida cotidiana, o estilo de ser do brasileiro estava imbuído de um certo jogo de cintura, característico de sua cultura. A segunda foi “Futebol e Cultura”, organizada por José Carlos Sebe Bom Meihy e José Sebastião Witter.⁴⁰ O livro, que contou com artigos de dois brasilianistas americanos – Robert M. Levine, da universidade de Nova York, e Matthew G. Shirts, da universidade de Berkley –, apresenta uma antologia de diversos estudos sobre o futebol.

Apesar de um início promissor, a produção acadêmica sobre o futebol não continuou a dar frutos após este breve despertar e permaneceu latente por um longo período⁴¹.

Mesmo afirmando que “a própria dinâmica das mudanças sociais propicia o aparecimento de trabalhos novos que vêm acrescer o já amplo campo bibliográfico em torno do ‘esporte-rei’”⁴², é apenas no decorrer dos anos 90 que a academia voltaria a se preocupar com o futebol. Às vésperas da Copa do Mundo de 1990, é formado o Núcleo Permanente de Estudos de Sociologia do Futebol, no Departamento de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Centro interdisciplinar, o núcleo era aberto a pesquisadores de todas as áreas e instituições, sendo que “Comunicação Social, Letras, Educação Física e Psicologia, nessa ordem, têm sido as áreas de maior aproximação e intercâmbio mais proveitoso.”⁴³ A História ainda não articulava sua aproximação com o esporte. No acalorar da Copa dos Estados Unidos, em 1994, e com a euforia gerada pelo quarto título mundial da seleção brasileira, o Núcleo de Sociologia do Futebol lança o número zero da revista *Pesquisa de Campo*, como “um espaço de periodicidade semestral, para a reflexão multidisciplinar em

⁴⁰ MEIHY, José Carlos S. B., WITTER, José Sebastião. *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: IMESP/DAESP, 1982.

⁴¹ Teria a derrota da seleção brasileira na Copa de 1982, na Espanha, tido alguma influência nesta estagnação da produção acadêmica brasileira? A falta de estudos sobre o tema faz com que esta afirmação seja apenas uma hipótese.

⁴² MEIHY, José Carlos S. B., WITTER, José Sebastião. *Op. cit.* p. 7.

⁴³ MURAD, Maurício. *Dos pés à cabeça: elementos básicos da sociologia do futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996, p. 159.

torno do futebol”.⁴⁴ No mesmo período, a *Revista USP* organiza e publica uma edição voltada ao futebol (Dossiê futebol). Contando com nomes de peso como Roberto DaMatta e Nicolau Sevcenko, a revista retoma o futebol como um tema a ser estudado por acadêmicos das ciências sociais.

Já no século XXI, o Laboratório de Estudos do Tempo Presente / TEMPO, ligado ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), criou o núcleo Memória Social dos Esportes, coordenado pelo professor Francisco Carlos Teixeira da Silva. Desta iniciativa resultaram algumas obras que vieram contribuir com o estudo da história do esporte, como a caixa *Memória social dos esportes – São Januário: arquitetura e história*⁴⁵, e o livro *Memória social dos esportes – futebol e política: a construção de uma identidade nacional*⁴⁶.

Percebe-se assim que os trabalhos sobre o esporte – em especial o futebol – vêm sendo produzidos com cada vez maior frequência, mas ainda estão distantes de serem vistos sem preconceitos pela comunidade acadêmica. Neste sentido ainda temos um longo caminho a percorrer.

Grande parte da produção sobre a história do futebol no Brasil se detém, principalmente, em dois períodos. O primeiro vai da chegada de Charles Miller a São Paulo, com suas famosas duas bolas de couro e livro de regras, até meados da década de 20. O período aborda a introdução do futebol no Brasil nos últimos anos do século XIX e sua popularização, passando pela questão do negro, em especial o campeonato carioca de 1923 e suas conseqüências. O segundo momento tem seu início caracterizado pela Copa do Mundo de 1950. Ele é marcado pela presença do estádio Maracanã, dos campeonatos mundiais disputados pela seleção brasileira e pelos atletas que se destacaram mundialmente, como Pelé

⁴⁴ MURAD, Maurício. Editorial. *Pesquisa de Campo*, n. 0, junho, 1994, p. 5.

⁴⁵ MALHANO, Clara B., MALHANO, Hamilton Botelho. *São Januário: arquitetura e história*: projeto de pesquisa Memória Social dos Esportes. Rio de Janeiro: Mauad / FAPERJ, 2002.

⁴⁶ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

e Garrincha, entre outros. Pode-se, portanto, observar um intervalo na produção historiográfica referente às décadas de 1930 e 40. Com isso não quero dizer que não houve nenhuma obra sobre o período, mas que até há alguns anos, este período não havia sido abordado como os outros.

Nos últimos anos este intervalo começou a ser alvo de alguns trabalhos. Leonardo Affonso Pereira adentra este período até 1938, fazendo uma excelente análise do período varguista até o início do Estado Novo⁴⁷. Eduardo Manhães⁴⁸ atenta especificamente para a questão da criação do Conselho Nacional de Desportos (CND) e sua utilização do esporte como meio de consolidação dos ideais getulistas; Manhães se detém, entretanto, apenas ao Decreto-Lei nº 3.199 e seus desdobramentos legislativos, traçando uma comparação do texto do Decreto-Lei aos ideais difundidos pelo Estado Novo, sem traçar nenhuma análise referente aos efeitos gerados pela intervenção governamental no esporte.

Já Ivan Soter⁴⁹ centra seu trabalho na seleção brasileira, de sua origem até os tempos atuais, passando pelas Copas do Mundo e pelos Campeonatos Sul-Americanos, compilando um grande número de referências. Gilberto Agostino⁵⁰ dedica um capítulo à integração entre o futebol e a política na América Latina, dando ênfase aos casos de Brasil e Argentina, separadamente. A questão da utilização dos espaços esportivos pelo governo Vargas é abordada por Clara e Hamilton Malhano⁵¹, em especial no que se refere ao estádio de São Januário. Fátima Antunes⁵² aborda a construção da identidade nacional brasileira através de

⁴⁷ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Coleção histórias do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

⁴⁸ MANHÃES, Eduardo Dias. *Política de esportes no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986. Livro de sua tese de mestrado publicado em 1986, ano da Copa do Mundo do México. Manhães elaborou sua tese quando trabalhava para o então deputado Marcio Braga, “cartola” ligado ao Clube de Regatas do Flamengo.

⁴⁹ SOTER, Ivan. *Enciclopédia da seleção: as seleções brasileiras de futebol (1914-2002)*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002.

⁵⁰ AGOSTINHO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: FAPERJ / Mauad, 2002.

⁵¹ MALHANO, Clara B., MALHANO, Hamilton Botelho. *São Januário: arquitetura e história: projeto de pesquisa Memória Social dos Esportes*. Rio de Janeiro: Mauad / FAPERJ, 2002.

⁵² ANTUNES, Fátima M. R. F. *Com brasileiro não há quem possa: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo: Unesp, 2004.

análise das crônicas de José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues. A autora não se dirige aos desdobramentos políticos na ideologia reproduzida nas crônicas analisadas, fazendo mais um estudo sobre o discurso destes cronistas do que sobre sua importância na construção da identidade brasileira.

A existência de biografias também é abundante no estudo do futebol. Para este trabalho, as principais são a biografia de Leônidas da Silva⁵³ – de André Ribeiro – e a de Domingos da Guia⁵⁴ – de Aidan Hamilton –, estrelas maiores do futebol brasileiro nas décadas de 1930 e 40, e a biografia de Nelson Rodrigues escrita por Ruy Castro.⁵⁵ Nesta Ruy Castro dedica grande espaço e faz uma breve biografia de Mario Rodrigues Filho, autor de *O negro no futebol brasileiro*, dono do *Jornal dos Sports* – fonte primária essencial neste trabalho – e um dos grandes intelectuais do Estado Novo que, segundo o autor, “entrava e saía de gabinetes de presidentes da república como se fossem a casa da mãe Joana.”⁵⁶

É importante observar que mesmo com todo o crescimento da produção acadêmica sobre os esportes no Brasil, a falta de um periódico de âmbito nacional também dificulta o intercâmbio entre os grupos universitários que embrionam este projeto de uma produção acadêmica séria e de qualidade sobre o esporte no Brasil. Em novembro de 2005 foi lançada a revista digital *Esporte e sociedade*⁵⁷, proporcionando mais um espaço de integração acadêmica de estudos do esporte e que, sendo digital, está disponível em todo o mundo.

Tal grupo encarregado de integrar os diversos centros de estudos do esporte pode ser encontrado no âmbito da América Latina. O Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO), através de seu Grupo de Trabalho Esporte e Sociedade – coordenado por Pablo Alabarces –, produziu congressos sul-americanos de estudos do esporte e organizou publicações coletivas, contando com a participação de estudiosos de diversos países da

⁵³ RIBEIRO, André. *O diamante eterno*: biografia de Leônidas da Silva. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.

⁵⁴ HAMILTON, Aidan. *Domingos da Guia*: o divino mestre. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

⁵⁵ CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico*: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 222.

⁵⁷ Disponível em: <<<http://www.eefd.ufrj.br/espsoc/>>>. Acesso em: 15 de julho de 2007.

América Latina.⁵⁸ Outro importante instrumento na reunião de produções acadêmicas sobre o tema é a revista digital “Lecturas: Educación Física y Deportes”⁵⁹. Esta revista conta com artigos de variadas áreas acadêmicas – da medicina à educação física – provenientes de toda a América Latina.

Dentro da história do futebol na Argentina, tema central deste trabalho, pode-se destacar os trabalhos de Eduardo Archetti e Pablo Alabarces, estes último ligado à universidade de Buenos Aires. Outros autores serão também de fundamental importância para a compreensão da influência do esporte na sociedade platina. Estes, porém, serão citados à medida que seus trabalhos sejam utilizados nesta pesquisa.

⁵⁸ ALABARCES, Pablo (org.). *Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

⁵⁹ Disponível em: <www.efdeportes.com>.

1 OS GOVERNOS DE VARGAS E PERÓN, UMA ANÁLISE COMPARADA

A história comparada é o método de pesquisa que convida a uma mudança na atitude no modo de fazer história; é uma nova perspectiva dos pesquisadores como sujeitos em relação ao objeto de pesquisa.⁶⁰

Para melhor se compreender o papel desempenhado pelo esporte na formação das identidades nacionais promovidas pelos governos de Vargas e Perón, faz-se necessário um estudo mais aprofundado sobre a importância da formação de uma nova identidade fomentada pelos mesmos. Para isso, não se pode esquecer do intrínseco caráter político existente na cultura, na ideologia e na identidade nacional. Caráter este que se torna ainda mais evidente em governos ditos *populistas*⁶¹ em geral, que se utilizam da cultura como meio de acumulação de capital político, principalmente junto às camadas mais baixas da sociedade.

Com o nacional-estatismo⁶² não foi diferente. Muitas foram as políticas culturais adotadas tanto por Getúlio Vargas no Brasil quanto por Juan Domingo Perón na Argentina. No entanto, uma reflexão mais aprofundada em torno de tais políticas requer uma ampla análise da sociedade em questão, principalmente no que toca as suas novas formas de produção cultural e das mediações exercidas entre o Estado, fomentador destas políticas, e seus receptores, o povo. E neste processo de produção, divulgação, circulação e consumo cultural, é necessário que o pesquisador esteja sempre atento às ressignificações imprimidas aos produtos oficiais por parte de seus receptores.

⁶⁰ THELM, N., BUSTAMANTE, R. M. da C. Editorial: história comparada: olhares plurais. *Phoenix*, 2004, n. 10, p. 5.

⁶¹ Neste estudo, trabalho com o conceito de nacional-estatismo no que se refere a certos tipos de governos que são por muitos denominados *populistas*. O conceito de populismo é um conceito muito amplo, que busca generalizar um grande número de governos muito diferentes entre si. Neste caso, utilizo o termo populismo justamente como um termo generalizado, uma vez que este fator não ficou restrito aos regimes nacionais-estatistas.

⁶² Por nacional-estatismo entendo um projeto político visando o desenvolvimento econômico e social; com forte presença do Estado junto à sociedade civil; na defesa do capitalismo nacional em oposição à dependência ao capital estrangeiro; interferência estatal nos mercados e a criação de companhias estatais estratégicas; assim como a defesa de leis sociais e do patrimônio cultural do país.

Não se deve conceber a ideologia oficial como uma imposição aceita passivamente pelo povo, estabelecida pelo Estado, com o auxílio dos meios de comunicação massiva, e recebida sem maiores questionamentos ou ressalvas. É evidente que esses produtos culturais, ao circularem em meio à sociedade, foram transformados por seus consumidores e readaptados por seus produtores, readeguando-os às exigências da sociedade em questão. Em outras palavras, mesmo a cultura dita de elite, imposta “de cima para baixo”, ao se popularizar é transformada pelos diversos grupos sociais que a (re)interpretam e modificam⁶³.

Assim, fica aparente que ao se pensar sobre a formulação de uma nova identidade e de uma nova ideologia, não se trata de identidades e ideologias criadas somente pelo Estado, mas de uma relação de troca entre iniciativas estatais e demandas sociais. A cultura nacional, divulgada e incentivada pelo poder estatal, deve então ser entendida como um produto híbrido⁶⁴ resultante deste processo de circularidade cultural.

Dessa forma, faz-se necessário um breve olhar sobre as trajetórias políticas de Vargas e Perón, de forma a melhor se compreender a forma com que tais governantes souberam utilizar todos os meios disponíveis na consolidação de sua posição política e na divulgação de seu ideal nacionalista.

É importante ressaltar que a análise aqui traçada traz periodizações arbitrárias, determinadas por objetivos heurísticos, tendo em vista uma melhor perspectiva de comparação entre os dois casos analisados.

⁶³ Utilizo aqui o conceito de “circularidade cultural” como visto por Carlo Ginzburg, “um relacionamento circular [entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas] feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo”. GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 13.

⁶⁴ Néstor García Canclini chama de hibridação “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1997, p. XIX.

1.1 OS ANTECEDENTES

O movimento que desencadeou a Revolução de 1930 no Brasil foi uma resposta ao profundo descontentamento da realidade política brasileira da Primeira República. Esta era então vista como um antro de políticos corruptos e eleições fraudulentas, assim como dominada por uma oligarquia retrógrada e decadente – elementos que se encontravam ainda mais agravados devido às repercussões da crise de 1929 sobre o país e sua economia.

Desde o início da década de 1920, a sociedade brasileira entra em um período de grande ebulição e de transformações político-culturais. O ano de 1922 foi um ano marcante deste período, com as conturbadas eleições presidenciais, o movimento tenentista, a semana de Arte Moderna e a criação do Partido Comunista. Estas transformações colocariam o sistema político vigente em cheque, levantando insatisfações sobre a base do sistema oligárquico em que se baseava a República Velha.

No caso argentino, a Revolução de 1943 veio como proposta de restauração nacional após o período da história argentina que ficou conhecido como a “década infame”. Este período teve início em setembro de 1930 – pouco antes da Revolução de 30 no Brasil –, quando um golpe de Estado derrubou o governo constitucional do radical Hipólito Yrigoyen e instaurou uma ditadura militar liderada pelo general José Félix Uriburu. Marcadas por uma política de fraudes eleitorais, corrupção generalizada e repressão a seus opositores, as oligarquias em poder no período eram vistas como “vende-pátria”⁶⁵, especialmente após o Pacto Roca-Runciman⁶⁶. Estes governos, vistos como ilegítimos, fraudulentos, corruptos e

⁶⁵ CAPELATO, Maria Helena R. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998, p. 51.

⁶⁶ Este pacto econômico, firmado entre o vice-presidente argentino Julio A. Roca (Filho) e o ministro britânico Sir Walter Runciman, foi amplamente favorável à Grã-Bretanha. Nesta a nação européia garantia a compra de carne argentina nos parâmetros de 1932, em troca de grandes concessões econômicas d a Argentina, como o auxílio à empresas britânicas na Argentina, entre outros. Para maiores detalhes, ver ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, pp. 72-75.

alheios aos interesses nacionais criaram profunda insatisfação em diversos setores da sociedade, que receberam como benfazejos os resultados da Revolução de 1943.

As mudanças decorrentes dos governos de Getúlio Vargas e Juan Perón também afetaram profundamente o campo esportivo. Apesar de possuírem grandes diferenças entre si, as organizações esportivas do Brasil e da Argentina adquiriram novas feições com seus novos governos. No entanto, os governos que os antecederam também foram palco de grandes transformações no âmbito esportivo.

No Brasil, o futebol já era o esporte predominante em meados da década de 1910, posições anteriormente ocupadas pelo turfe e depois, na virada do século XX, pelo remo⁶⁷. Já em 1919, o Campeonato Sul-Americano disputado no Rio de Janeiro mobilizou grandes massas populares, culminando no enorme número de pessoas presentes na final, disputada no estádio das Laranjeiras. Multidões se espremiavam nas ruas nas vizinhanças do já lotado estádio. A seleção brasileira já mobilizava paixões nos mais diversos grupos populares⁶⁸.

No entanto, foi justamente na década de 1920 que sementes de mudança foram plantadas no futebol brasileiro. A ascensão de jogadores negros e o campeonato carioca conquistado pela equipe vascaína em 1923 provocaram grande agitação na estrutura da organização esportiva nacional. Desde sua implantação, o futebol era oficialmente regido pelo sistema amador. Apesar disso, a prática do pagamento a jogadores por partidas disputadas, vitórias e conquistas, o chamado “bicho”, aproximava veladamente o esporte do profissionalismo. No decorrer dos anos 20, a questão da profissionalização passou a se tornar cada vez mais um assunto de debate entre os clubes e os dirigentes, o que levou à implantação do sistema profissional por alguns clubes em 1933, já sob o governo de Getúlio Vargas.

⁶⁷ MELO, Victor Andrade de. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará / FAPERJ, 2001.

⁶⁸ Foi nesta ocasião que Pixinguinha escreveu o choro 1x0, em homenagem à vitória na final, vencida com um gol de Arthur Friedenreich.

O futebol argentino, durante a Década Infame, também passou por momentos marcantes. Meses antes do golpe de 6 de setembro de 1930, A seleção argentina havia perdido a final do primeiro campeonato mundial de futebol organizado pela FIFA, com a derrota por 4 a 2 para o Uruguai, no estádio Centenário em Montevideu. A mesma seleção argentina já havia perdido a medalha de ouro para mesma seleção uruguaia na final dos jogos olímpicos de 1928.

Em 10 de maio 1931, o profissionalismo foi implantado entre os clubes de futebol argentinos, partindo de uma reunião entre diversos clubes, como Boca Juniors, River Plate, Racing, San Lorenzo e Independiente, entre outros. A recém formada Liga Argentina de Football organizou então um campeonato profissional com 18 times e, em 1934, passou a se denominar Asociación del Fútbol Argentino (AFA).

Foi durante este período que Buenos Aires testemunhou a criação de seus dois principais estádios de futebol. Em 25 de maio de 1938, o Club Atlético River Plate inaugurou seu estádio, conhecido como Monumental de Nuñez – bairro de Buenos Aires onde se localiza. Dois anos mais tarde seu maior rival inaugura seu próprio estádio. Em 2 de junho de 1940 o Club Atlético Boca Juniors faz a partida inicial no estádio Camilo Cichero, conhecido como “La Bombonera”⁶⁹.

Apesar de não ter gerado muito interesse político durante os anos 20 no Brasil, o esporte, em especial o futebol, teve uma relação próxima de poderes políticos na Argentina antes da ascensão de Juan Domingo Perón. Augustín Pedro Justo, presidente argentino de 1932 a 1938, demonstrou grande interesse nos esportes. Justo apoiou pessoalmente a presença da seleção argentina na Copa de 1934, na Itália, e nas olimpíadas de 1936, em Berlim. Mas foi com o futebol que o general se aproximou mais, percebendo a influência social exercida pelo esporte. Com a criação da AFA em 1934, o presidente pressionou a associação para que, em

⁶⁹ Em 2000 o estádio recebeu o nome de Alberto J. Armando, presidente do clube eleito em 1954, que esteve à frente do clube por aproximadamente 30 anos.

1937, elegeu seu genro, Eduardo Sánchez Terrero, presidente da entidade. Terrero permaneceu à frente do futebol argentino por dois anos. Em 1939 largou a direção da AFA para assumir a presidência do Boca Juniors, onde inaugurou o novo estádio, com a presença de seu sogro, já ex-presidente da nação. Foi no governo de Justo que o governo argentino criou a *Comisión Asesora Honoraria para administrar El Fondo de los Deportes*, em 1937⁷⁰. É através desta comissão que é aprovado o empréstimo de 2.500.000 pesos para a finalização do estádio do River Plate e de 1.600.000 pesos para a conclusão do La Bombonera. O presidente argentino Augustín P. Justo ficou marcado na história do futebol argentino por ter sido o único presidente nomeado sócio honorário tanto do Boca Juniors como do River Plate, os maiores rivais do esporte platense.

Durante o governo do último presidente da Década Infame, Ramón S. Castillo, seu filho, também chamado Ramón Castillo, presidiu a AFA. Sua permanência na entidade durou, no entanto, até a derrubada de seu pai na Revolução de 1943, quando teve início a ascensão de Perón.

1.2 A ASCENSÃO

Naquele 3 de outubro de 1930, ao amarrarem seus cavalos no obelisco da avenida Rio Branco, os revolucionários gaúchos aparentemente não sabiam estar reproduzindo o ato dos gaúchos argentinos que amarraram seus cavalos às cercas da pirâmide da Plaza de Mayo, em 1820. Porém, ao o fazerem, os gaúchos brasileiros estavam dando início a um dos mais importantes períodos da vida política de seu país, conhecido como o “Período Vargas”.

Getulio Dornelles Vargas assume o poder em 1930, ao final de um golpe militar desencadeado após sua derrota nas eleições no início do ano. Em 3 de novembro Vargas

⁷⁰ LUPU, Victor. *Historia política del deporte argentino (1610-2002)*. Buenos Aires: Corregidor, 2004, p. 141.

assume o governo provisório e toma a liderança política da nação. Como presidente do governo provisório, Getúlio possuía poderes quase totalitários. Através deste poder, o novo governo vai buscar a centralização do poder estatal em detrimento das oligarquias regionais e a construção de um Estado forte, objetivos que só viriam a ser efetivamente estabelecidos com a instauração do Estado Novo, sete anos mais tarde.

Já na Argentina, Juan Domingo Perón chega à cúpula do poder com o golpe militar de 4 de junho de 1943, que derruba o governo do presidente Ramón Castillo. O golpe militar foi liderado pelo general Arturo Rawson, mas seu governo durou apenas 48 horas. O governo militar instaurado foi então encabeçado pelo general Pedro Pablo Ramírez, ministro da Guerra de Castillo, e tinha em sua cúpula de decisões um grupo fechado de militares, o *Grupo de Oficiales Unidos* (GOU). Assim como no caso dos tenentes brasileiros em 1930, os tenentes argentinos do GOU foram os principais líderes do movimento de 1943.

Com o estabelecimento do governo militar, os oficiais tomaram uma série de medidas em vista a consolidar sua posição, silenciar a oposição e os protestos sociais através de medidas autoritárias e de um governo ditatorial. Acuaram os sindicatos, dissolveram os partidos e perseguiram professores universitários opositores ao novo regime. A luta contra o comunismo também foi uma temática importante para os membros do GOU, assim como fora para o primeiro governo de Getúlio Vargas. Os militares argentinos, em grande parte germanófilos, perseguiram e baniram comunistas do país.

Apesar de, a princípio, não se encontrar em posição de destaque no governo, o coronel Perón era um dos membros mais influentes do GOU. Nos primeiros meses do novo governo argentino, Perón se firmou como secretário particular do ministro da Guerra, Edelmiro Farrell. Perón utilizou sua influência para alcançar o posto de liderança no então Departamento Nacional de Trabalho, que mais tarde viria a se tornar Secretaria de Trabalho e Provisão, sem perder sua estratégica posição de destaque na Secretaria de Guerra.

A relação de Perón e Vargas com o mundo do trabalho é por vezes muito similar. Ao assumir o governo provisório em 1930, Vargas não tardou em criar o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, inicialmente sob o comando de Lindolfo Collor, em novembro de 1930. Em 1931, foi editada a Lei de Sindicalização, que tornava obrigatória a aprovação dos estatutos sindicais, tanto trabalhistas quanto patronais, pelo recém criado ministério.

Já Perón, à frente da Secretaria de Trabalho e Provisão, dedicou-se a criar vínculos com os dirigentes sindicais, apoiando seus aliados e perseguindo seus opositores. Perón se aproveitou do fechamento do congresso para passar decretos de cunho social que até então vinham sendo vetados pela maioria conservadora, como a ampliação do regime de aposentadorias, férias remuneradas e acidentes de trabalho⁷¹. Perón expandiu os mecanismos arbitrais do governo em negociações sindicais e tomou medidas voltadas aos trabalhadores, como o barateamento de produtos da cesta básica, o controle dos preços dos aluguéis e a suspensão dos despejos⁷².

Como chefe da *Secretaría de Trabajo y Provisión*, Perón vai se aproximar do povo, principalmente pela utilização dos meios de comunicação massivos, em especial o rádio – assim como Getúlio Vargas havia feito no Brasil. Da mesma forma, o coronel começa a colecionar desafetos dentro de outras facções do GOU e dentre políticos nacionalistas civis.

A influência de Perón no governo aumenta quando da deposição do general Ramírez, depois de seu rompimento com a Alemanha em fevereiro de 1944. Nesta ocasião, o ex-ministro da Guerra e vice-presidente, Edelmiro Farrell, na verdade um títere de Perón, assume a presidência argentina e Perón acumula o cargo de Ministro da Guerra e a chefia da Secretaria de Trabalho e Provisão. Meses mais tarde, em julho de 1944, o coronel assume a vice-presidência da nação após uma eleição fechada a militares de alta patente, acumulando

⁷¹ Cf. ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p. 93.

⁷² Cf. FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*. São Paulo: Ed. 34, 2004, p. 277.

mais um cargo de grande influência política dentro do governo. Em 25 de agosto de 1945, logo após o final da Segunda Guerra, o governo argentino cria o *Consejo Nacional de Posguerra*, mais uma entidade a ser comandada pelo onipresente coronel.

Com todo o capital político acumulado nestes poucos anos de governo militar, Juan Domingo Perón consegue se livrar de seus principais rivais e se consolida como o homem forte do regime. Como aponta Guillermo Aringoli, “la situación del momento se puede resumir con un slogan del futuro adaptado a esa peculiar circunstancia histórica: *Farrell al gobierno, Perón al poder*”⁷³. A influência de Perón sobre o general Farrell pode ser vista também em alguns escritos do general. Quando fala sobre sua nomeação à ministro da Guerra, Perón justifica sua nomeação dizendo que “desde el primer momento, aconsejé al nuevo presidente nombrar a un general como ministro de Guerra, proposición con la que estuvo completamente de acuerdo, prometiéndome hacerlo así”⁷⁴. Ou então quando escreve sobre sua nomeação à vice-presidente, diz

Corrían los días un tanto plácidamente desde que el general Farrell ocupara la primera magistratura. Varias veces habíamos conversado los dos sobre la necesidad de designar un vicepresidente. Mi opinión, y así insistí siempre ante él, era que debía designarse al almirante Teisaire, a fin de que la Marina tuviera su representación. El general encontró atinada la idea y lo decidió así. Recuerdo que confidencialmente llegué hasta felicitarlo al buen amigo Teisaire⁷⁵.

Observam-se nesses exemplos o tom natural com que Perón demonstra ter grande influência sobre o presidente Farrell, dizendo ter ele escolhido os nomes a ocupar cadeiras tão importantes quanto as de ministro da Guerra e vice-presidente – ambos cargos que viria ele,

⁷³ ARIGNOLI, Guillermo Enrique D’Arino. *La propaganda peronista (1943-1955)*. Ituzaingó: Maipue, 2006, p.50. Grifo do autor. De acordo com o autor, o slogan a que se refere teria sido criado nas eleições de março de 1973, quando Perón estava juridicamente incapacitado de participar do pleito presidencial e teria utilizado o presidente da Câmara dos Deputados, Héctor Cámpora como seu delegado. O slogan original seria: “*El tío [Cámpora] al gobierno Perón [o pai] al poder.*” Ibid., p. 51, nota 16.

⁷⁴ Bill de Caledônia. *¿Dónde estuvo?* Relatos históricos del 17 de octubre de 1945. Buenos Aires: Instituto Nacional Juan Domingo Perón de Estudios e Investigaciones, Históricas, Sociales, y Políticas, 2006, p.9. Conforme Lorenzo Pepe, secretário geral do Instituto Perón que assina a apresentação desta edição, o livro é uma reedição de um folheto que teria sido escrito pelo próprio Perón, em conjunto com sua equipe de imprensa, pouco depois de sua libertação em 45 (idem, p.3). No texto original, essas palavras aparecem como citações de Juan Perón. Disponível em: <<http://www.jdperon.gov.ar/cuadernos.htm>>, Acesso em 26 de abril de 2007.

⁷⁵ Ibid., p. 9.

Perón, a ocupar. De acordo com Perón, todos os nomes por ele indicados receberam a imediata aprovação de Farrell. O coronel só foi nomeado aos cargos citados, no entanto, devido à insistência de outros oficiais de influência no governo – como os chefes de divisão do *Campo de Mayo* e do Primeiro Exército–, os quais teriam vindo diretamente a ele e pedido por sua nomeação aos cargos, argumentando: “*Mi coronel, usted nos ha metido en esto y no puede negarse a ser nuestro ministro [ou vicepresidente]*”.⁷⁶ Alegando desejar se dedicar exclusivamente à Secretaria de Trabalho e Provisão, Perón teria então aceitado a assumir os cargos muito a seu contragosto, como uma imposição de seus superiores.

Em suas ascensões ao poder, tanto Vargas como Perón já desenhavam o caminho que iriam trilhar no que se refere às ligações com o esporte. No Brasil, esse foi um período de grande turbulência interna no campo do esporte. A ascensão de uma nova elite ligada à Revolução de 1930 gerou um grande conflito interno na estrutura do esporte brasileiro, então comandado pela Confederação Brasileira de Desportos, a CBD. A rivalidade entre os dois grupos que passaram a disputar o poder sobre o esporte nacional foram crescendo, até que em 1933, os dois grupos se dividiram. Sob as bandeiras do “profissionalismo” contra o “amadorismo”, o esporte brasileiro passou a ser comandado por duas organizações rivais. Diversas modalidades esportivas foram afetadas por essa disputa, mas o futebol foi, sem dúvidas, o que mais sentiu seus efeitos. Nos anos seguintes a 1933, dois campeonatos eram organizados simultaneamente, um pelos amadores (a CBD) e outros pelos profissionais, tendo cada esporte sua determinada liga. Esta divisão durou até 1937, acabando pouco antes do golpe que deu origem ao Estado Novo.

Foi justamente essa disputa interna que fez com que a seleção brasileira não contasse com sua força total na segunda Copa do Mundo, disputada no ano de 1934, na Itália fascista de Mussolini. Desfalcado de diversos jogadores que atuavam na liga profissional, o escrete

⁷⁶ CALEDÔNIA, Bill de. *¿Dónde estuvo?* Relatos históricos del 17 de octubre de 1945. Buenos Aires: Instituto Nacional Juan Domingo Perón de Estudios e Investigaciones, Históricas, Sociales, y Políticas, 2006. Disponível em: <<http://www.jdperon.gov.ar/cuadernos.htm>>. Acesso em: 26 abr. 2007, p.9.

brasileiro foi eliminado logo no primeiro jogo, ao perder da seleção espanhola por 3 a 1. O mesmo destino teve a seleção argentina, eliminada ao perder para a Suécia na primeira rodada por 3 a 2. Competições internacionais, especialmente as de futebol, como a Copa do Mundo, os campeonatos sul-americanos e a Copa Rio Branco, despertaram o interesse do governo pelo poder simbólico do esporte, visto que mobilizava os grupos mais distintos através de seu sentimento de pertencimento à nação.

Já o período de ascensão do peronismo foi testemunha da escassez de disputas esportivas internacionais, devido à Segunda Guerra Mundial. Esse período foi marcado, no futebol argentino, pela formação de uma das mais renomadas linhas dianteiras da história do futebol argentino, a equipe do River Plate conhecida como “La Máquina”. O time de Juan Carlos Muñoz, José Manuel Moreno, Adolfo Pedernera, Angel Labruna e Félix Loustau – com algumas eventuais remodelações – recebeu este apelido do maior cronista esportivo argentino do período, Eduardo Lorenzo Borocotó, do jornal El Gráfico. Segundo o periodista, a linha de ataque jogava como uma máquina, com os jogadores alternando de posição a todo o momento. Mesmo contando com esta excepcional linha de ataque, “La Máquina” dividiu os títulos argentinos com seus principais rivais. De 1940 a 1945, Boca Juniors e River Plate contavam com 3 títulos nacionais cada.

1.3 RESISTÊNCIAS

Tanto o governo provisório de Vargas quanto o governo velado de Perón foram alvo de resistência de grupos oligárquicos que haviam sido aliados do poder. No caso brasileiro a reação se deu em 1932, com a eclosão da Revolução Constitucionalista em 9 de julho de 1932. Os paulistas se consideravam os grandes perdedores da Revolução de 30 e, insatisfeitos

com a política centralizadora do governo e com o caráter ditatorial do regime, exigiam maior autonomia do estado e a constituinte.

Um dos estopins para a luta armada dos paulistas aconteceu em maio de 32. Na noite do dia 23, uma multidão reunida nas ruas, com toda sua agitação, resolve se lançar à sede do partido do governo. Na confusão quatro jovens paulistas morrem e de suas iniciais, MMDC – Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo – surge uma organização destinada a angariar fundos para o esforço revolucionário.

Mesmo com todo o esforço para recolher donativos e recursos financeiros, e com toda a organização civil, a posição de São Paulo era complicada. Líderes políticos de outros estados não conseguiram organizar pólos de resistência de apoio aos paulistas em seus estados, fazendo com que estes lutassem praticamente sozinhos contra o governo federal.

O esforço paulista durou três meses. A rendição de São Paulo veio no dia 2 de outubro de 32. No entanto, mesmo tendo sido derrotado, São Paulo conseguiu obter diversos ganhos políticos. O estado passou a ser governado por um interventor civil paulista, Armando Sales de Oliveira, e o governo provisório assumiu o compromisso em levar adiante o processo da constituinte, que redemocratizaria o país⁷⁷.

Com o fim da Revolução Constitucionalista de 1932, Getúlio procurou reaproximar as partes de sua fragmentada pátria. Neste sentido, foi organizado no ano seguinte o primeiro torneio Rio-São Paulo. As duas praças esportivas já alimentavam uma grande rivalidade de longa data⁷⁸. Na Copa do Mundo de 1930, a seleção brasileira contou com a presença de apenas um jogador de São Paulo, Araken. Isso se deu devido ao fato de que a CBD não havia convocado nenhum membro da elite do esporte paulista para a comissão técnica do

⁷⁷ PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs). *O Brasil republicano: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 26.

⁷⁸ Ivan Soter relata um exemplo desta rivalidade na escolha do capitão da seleção para o sulamericano de 1917. A escolha de um capitão carioca – no período o capitão atuava também como técnico do time – quase fez com que os paulistas abandonassem a delegação. SOTER, Ivan. *Enciclopédia da seleção: as seleções brasileiras de futebol (1914-2002)*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002, p. 30.

selecionado nacional. Assim, a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) determinou que nenhum de seus jogadores – foram 15 os convocados de São Paulo, contra oito, originalmente, do Rio – deveria se apresentar à seleção. Apenas Araken desobedeceu a liga paulista e se inscreveu na competição como atleta do Flamengo. Vê-se assim que a aproximação esportiva entre Rio de Janeiro e São Paulo era um importante passo para a integração nacional.

Com a eleição para uma Assembléia Nacional Constituinte, em 1933, viu-se uma vitória majoritária dos partidos situacionistas, articulados pelos interventores em cada estado. Estas eleições foram marcadas por um novo código eleitoral, que instituía importantes novidades como a Justiça Eleitoral, a permissão do voto para as mulheres e o voto secreto, tudo isso de forma a distinguir este processo eleitoral das eleições da República Velha.

A Constituinte deu início a seus trabalhos na elaboração de uma nova constituição no simbólico dia 15 de novembro de 1933 e promulgou sua Carta Magna em 16 de julho de 1934. No dia seguinte, Getúlio Vargas foi eleito presidente da República de forma indireta, contando com a maioria dos votos. Escolhido pelos constituintes, Getúlio não deixou de mostrar sua insatisfação com a nova constituição, tendo dito em discurso à Assembléia dias após sua eleição:

A Constituição de 34, ao revés da que se promulgou em 1891, enfraquece os elos da Federação: anula, em grande parte, a ação do presidente da República, cerceando-lhe os meios imprescindíveis à manutenção da ordem, ao desenvolvimento normal da administração; acoroça as forças armadas à prática do faccionismo partidário, subordina a coletividade, as massas proletárias e desprotegidas ao bel-prazer das empresas poderosas; coloca o indivíduo acima da comunhão.⁷⁹

⁷⁹ PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs). *O Brasil republicano: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp. 13-37, p. 29.

Na Argentina, em meados de 1945, já se antevia uma saída democrática para a Revolução de 1943, com um candidato militar de grande aceitação popular a disputar as eleições, Juan Domingo Perón. O regime enfrentava a opinião pública contrária a um regime autoritário, como o que ocorria no mesmo período no Brasil, ante o fim do Estado Novo. Com o final da Segunda Guerra se aproximando, a pressão norte-americana se tornou ainda mais forte, fazendo o governo recuar em vários pontos, como o abrandamento da censura, a restituição de autonomia às universidades e a tardia declaração de guerra à Alemanha.

A oposição civil aglutinava suas forças e pedia a saída dos governantes militares e a entrega do poder à Suprema Corte. Os partidos de oposição se uniram na União Democrática, reunindo comunistas, socialistas, democratas progressistas, contando ainda com o apoio velado de grupos conservadores⁸⁰. Estes grupos se uniram na “*Marcha por la Constitución y la Libertad*”, no dia 19 de setembro de 1945, que reuniu uma multidão que marchava pelas ruas da cidade de Buenos Aires cantando *La Marsellesa* e pedindo a saída do governo “nazi-fascista”⁸¹.

Entretanto, a insatisfação da opinião pública só teve resultado com a entrada do exército em meio às disputas. O coronel sindicalista, que acumulava os cargos de vice-presidente, ministro da Guerra e Secretário de Trabalho e Provisão, foi obrigado a renunciar no dia 9 de outubro do mesmo ano, pressionado por setores do exército. Porém, ao sair de seu posto de poder dentro do governo, Perón pede a seu amigo particular e presidente da República, Edelmiro Farrell: se despedir de seus subordinados na Secretaria de Trabalho e Provisão e dirigir uma mensagem aos trabalhadores argentinos pela rádio. Como veremos mais adiante, essa jogada foi um movimento certo de Perón que, sabendo que grande parte

⁸⁰ ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p. 95.

⁸¹ ARINGOLI, Guillermo D'Arino. *La propaganda peronista: 1943-1955*. Ituzaingó: Maipue, 2006, p. 72.

da imprensa estava contra ele, utilizou o meio mais rápido e direto para chegar ao trabalhador argentino⁸².

No entanto, a rearticulação dos peronistas foi facilitada pela desarticulação das oposições – militar e civil – quanto ao rumo a seguir após o afastamento do coronel. Perón é posto sob custódia do exército no dia 13 de outubro, o que incita ainda mais suas bases populares. Os grupos leais ao ex-homem forte do governo organizam então uma demonstração de apoio ao coronel e reúnem milhares de pessoas na *Plaza de Mayo*, no dia 17 do mesmo mês. A multidão, formada essencialmente por operários, pedia a libertação de Perón e sua restituição aos cargos por ele anteriormente ocupados. A manifestação continuou até o início da noite, quando o coronel faz um discurso de agradecimento à multidão de um balcão da Casa Rosada, já como candidato oficial à Presidência. Em um acordo com a oposição, Perón negociou seu afastamento do governo até as próximas eleições, em fevereiro de 1946, quando seria eleito presidente da República argentina.

Pode-se assim inferir que o “queremismo argentino” de 1945, que ocorrera em meio ao mesmo período do queremismo brasileiro⁸³, obteve sucesso, enquanto que o brasileiro fracassou. Ainda assim, faz-se necessário sair um pouco das amarras cronológicas em vista a traçar uma comparação diferenciada, que pode proporcionar novos olhares sobre o tema. Sob esta nova perspectiva, percebe-se uma relevante diferença entre os dois movimentos, uma vez que o movimento de apoio a Getúlio Vargas fora organizado em meio à sua iminente derrocada, após 15 anos de governo, sendo oito sob o regime autoritário do Estado Novo. Além disso, o apoio a um ditador ao final da guerra, com as tropas brasileiras tendo lutado em favor dos ideais democráticos aliados, se opondo aos ideais ditatoriais fascistas, fazia com que

⁸² ARINGOLI, Guillermo D'Arino. *La propaganda peronista: 1943-1955*. Ituzaingó: Maipue, 2006, p. 66.

⁸³ A primeira manifestação queremista, movimento criado por Hugo Borghi que pedia a permanência de Getúlio no poder, ocorreu no dia 13 de agosto. Sua contrapartida argentina desenrolou-se dois meses depois. A comparação entre os dois “queremismos” foi inicialmente feita por Boris Fausto e Fernando Devoto. *Op. cit.* p. 283. Apesar de serem historicamente próximos, os dois movimentos queremistas foram organizados em momentos muito díspares dos governos de Vargas e Perón. Enquanto no Brasil o primeiro movimento era organizado no apagar das luzes do Estado Novo, o argentino marcou a ascensão de Perón à presidência.

o continuísmo de Getúlio se tornasse inda mais difícil de ser sustentado. Já na Argentina, o movimento de apoio a Perón ganhou mais força pela proximidade das reformas introduzidas pelo caudilho. Tendo começado sua escalada ao poder em 1943, Perón ainda representava a esperança por muitas reformas a serem feitas, e já apontava o caminho da redemocratização, encabeçando a lista de futuros candidatos. Além disso, Perón continuava a contar com militares de renome em seu círculo de aliados, enquanto Vargas já não contava com o apoio de seus próprios ministros militares, principalmente após a nomeação de seu irmão Benjamin Vargas para a Chefia de Polícia⁸⁴.

Durante disputas sul americanas do final de 1945 e do início de 1946, uma série de fatores políticos levou a uma interrupção dos confrontos futebolísticos entre Brasil e Argentina por um período de dez anos⁸⁵, durante os dois primeiros mandatos de Perón. Durante a Segunda Guerra Mundial, as competições regionais, como o Campeonato Sul-americano, a Copa Roca (taça disputada entre Brasil e Argentina) e a Copa Rio Branco (disputada entre Brasil e Uruguai), assumiram papel de destaque. A disputa da Copa Roca de 1945 foi marcada por um incidente envolvendo Ademir e Battagliero, durante o jogo de desempate em São Januário. Em uma dividida casual, o meio-campo argentino saiu de campo com a perna fraturada e o Brasil venceu a partida por 3 a 1, ficando com a Copa Roca.

No Campeonato Sul-americano no início do ano seguinte, realizado na Argentina, o evento voltaria à tona. Na final do campeonato, entre Brasil e Argentina, a atmosfera que já era pesada no Monumental de Nuñez, ficou próxima do caos quando os argentinos deram a volta no campo com Battagliero em uma maca, com a perna enfaixada. A tênue linha que mantinha a ordem no estádio foi rompida quando, em um lance envolvendo Jair e Salomón, o zagueiro argentino quebra a perna. Neste momento a torcida invade o campo e o time

⁸⁴ Esta teria sido o estopim da crise para os militares, que interpretaram a manobra como uma preparação para uma tentativa de golpe, e se tornou o pretexto ideal para a derrubada de Vargas, que já vinha desde muito sendo cogitada nos meios militares.

⁸⁵ De 10 de fevereiro de 1946 a 05 de fevereiro de 1956. Cf. SOTER, Ivan. *Enciclopédia da seleção: as seleções brasileiras de futebol (1914-2002)*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002, pp. 334-344.

brasileiro se refugia no vestiário. A violência foi tão grande que o atacante Chico, do Vasco da Gama, que não conseguira se reunir ao grupo no estourar da confusão, foi levado de volta ao vestiário, inconsciente. Após mais de uma hora o policiamento havia conseguido reinstalar a ordem no estádio, mas a equipe brasileira se recusava a retornar. Diante da ameaça do chefe de polícia, de que, caso não voltassem ao campo para o restante da partida, não se responsabilizaria pela segurança da delegação, a seleção brasileira retornou apenas para finalizar a partida e perdeu por 2 a 0.

As repercussões deste incidente foram tão grandes que a CBD suspendeu suas relações com a AFA por dez anos.

1.4 A CONSOLIDAÇÃO DOS REGIMES

Ao serem eleitos, Vargas e Perón alcançaram a legitimação de seus governos junto à sociedade civil. Apesar de eleitos de formas distintas – Vargas fora eleito indiretamente, enquanto Perón recebera a maior parte dos votos argentinos em uma eleição direta –, ambos os governantes consolidavam seus regimes ao realizarem a consulta eleitoral, diminuindo as tensões até então existentes e abrindo caminho para longos governos. No entanto, é essencial recordar que as semelhanças entre os dois casos estão em geral acompanhadas de singularidades que não devem ser menosprezadas.

O governo peronista de 10 anos que se segue foi, na verdade, a sucessão de dois mandatos conquistados em eleições diretas. Eleito pela primeira vez através do pleito realizado em fevereiro de 1946, Perón – promovido a general em vista de sua ascensão à presidência da República – contou com cerca de 55% dos votos. O então ainda coronel liderou uma coligação entre o recém criado Partido Trabalhador (*Partido Laboralista – PL*),

originário do movimento sindical e do qual era o primeiro filiado⁸⁶, e o Partido Radical – Junta Renovadora (PR-JR), oriundo de uma cisão no radicalismo. Como observou o historiador argentino Luiz Romero, “Juan Domingo Perón tinha vencido as eleições, mas o peronismo ainda viria a ser construído”⁸⁷.

Ao contrário de Perón, Getúlio Vargas não foi eleito de forma direta durante a primeira Era Vargas. Após o governo provisório, Getúlio foi eleito de forma indireta após a confecção da nova constituição, em 1934, e consolidou sua posição três anos depois, quando fechou o congresso e instaurou o Estado Novo, sob uma nova constituição. Nesse ponto, as diferenças com o caso argentino são bastante significativas.

Com a solidificação de seu governo sob o lábaro estadonovista, Getúlio Vargas pôde enfim colocar sua política em pleno funcionamento. Utilizando-se da tentativa de levante comunista conhecida como *Intentona*, ocorrida em novembro de 1935, quando integrantes da Aliança Nacional Libertadora se insurgiram contra o governo, Getúlio decretou Estado de Guerra e iniciou uma forte onda de repressão. Comunistas e até mesmo liberais que se posicionavam contra o presidente são perseguidos, acusados de colaboração com a extinta Aliança Nacional Libertadora. Políticos de oposição são presos e, em setembro de 1936, é criado o Tribunal de Segurança Nacional, encarregado de “processar e julgar, em primeira instância, as pessoas acusadas de promover atividades contra a segurança externa do país e contra as instituições militares, políticas e sociais”⁸⁸.

Com eleições presidenciais agendadas para janeiro de 1938, surgem três candidatos à presidência: Armando de Salles Oliveira, governador de São Paulo que renuncia ao cargo tendo em vista a disputa do pleito eleitoral; José Américo de Almeida, ex-ministro da viação

⁸⁶ ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p. 96.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 97.

⁸⁸ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. *Tribunal de Segurança Nacional (TSN)*. Retirado do sítio eletrônico <http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos30-37/ev_radpol_tsn.htm>, em 29 de abril de 2007.

de Vargas e candidato das forças governistas; e o integralista Plínio Salgado, líder nacional da AIB. No entanto, ao passo que a perspectiva de eleições próximas acalma os ânimos da oposição, os planos da cúpula de governo não prevêem sua realização. Com a anuência de Plínio Salgado, a quem fora prometido o ministério da Educação, em setembro de 1937 divulga-se a “descoberta” do Plano Cohen, um suposto plano que visava a tomada do poder no Brasil pelos comunistas. Um novo estado de guerra⁸⁹ é aprovado pela Câmara e no dia 10 de novembro de 1937, em uma segunda-feira, é criado o Estado Novo brasileiro.

O novo regime tinha na figura do presidente Vargas seu centro de poder. Entre os principais articuladores do golpe se encontrava a alta cúpula do exército, representada no governo pelos generais Eurico Gaspar Dutra, ministro da Guerra, e Góes Monteiro, chefe do Estado-Maior do exército; bem como intelectuais como Francisco Campos, redator da nova constituição.

Com a instauração do Estado Novo, Vargas afasta todas as lideranças da oposição e decreta interventores aos governos dos estados. São abolidos os partidos e o parlamento. Acabam-se os mediadores entre o governo e o povo, mantendo-se apenas duas entidades polarizadoras no cenário político brasileiro, Getúlio Vargas e o exército. O Presidente da República conquista então toda a autonomia desejada para implantar de vez seu projeto político para a nação.

Por outro lado, na Argentina, o peronismo foi implantado e desenvolvido dentro do estado de direito, diferenciando-se do caso brasileiro. A eleição presidencial argentina foi marcada pela tensão entre peronistas e a União Democrática, partido oposicionista. No entanto, a entrada em cena do embaixador norte-americano Spruille Braden, acusando Perón

⁸⁹ O estado de guerra decretado após o levante comunista em 1935 fora prorrogado indefinidamente e foi susado apenas em julho de 1937. Com o pretexto de um novo golpe comunista com o Plano Cohen, um novo estado de guerra foi decretado em outubro do mesmo ano, apenas 3 meses após o término do anterior. Ver Maria Helena Capelato, *O Estado Novo: o que trouxe de novo?.* In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia (orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp. 107-143.

de ser agente nazista e interferindo no processo eleitoral argentino deu um novo fôlego para as forças peronistas. O lema “Braden ou Perón” ecoou por todos que apoiavam o sorridente caudilho.

Desde seu primeiro mandato como presidente da nação argentina, Perón contou com a presença de seu mais influente aliado, Eva Perón. A presença de Evita ao lado do chefe de governo foi um fator decisivo e constante durante a consolidação de seu regime. O avanço do autoritarismo no governo peronista era evidente. A expropriação do jornal *La Prensa*, em abril de 1951, é um grande exemplo. O matutino, último grande baluarte de oposição ao governo na imprensa argentina, já vinha sendo alvo de retaliações do regime há certo tempo. Em 1948, o jornal já tinha diminuído seu número de páginas de 30 para 16, por ordem do governo, sob o pretexto de economia de papel, e mais tarde viria ainda sofrer embargos na importação de bobinas⁹⁰. Em 1951 o *La Prensa* é expropriado e passa ao poder da Confederação Geral do Trabalho.

A via autoritária do regime visava enquadrar todos os setores da sociedade em organizações controladas e “peronizadas”. Como apontou Luiz Alberto Romero,

A “peronização” da administração pública e da educação cresceu com a exigência de filiação partidária, da exibição do “escudinho” ou do luto pela morte de Eva Perón, da doação de salários para a fundação [Eva Perón] e todo o tipo de manifestações em homenagem ao líder e sua esposa, cujos nomes foram impostos a estações ferroviárias, hospitais, ruas, praças, cidades e províncias. [...] Os espaços da oposição foram reduzidos ao mínimo, na imprensa e no parlamento, onde o doutor Cámpora, presidente da Câmara dos Deputados, proclamou a superioridade da obediência sobre a consequência.⁹¹

As eleições de novembro de 1951 garantiram ao regime peronista a reeleição. As primeiras eleições com participação feminina na Argentina deram a Perón 64% dos votos, assim como a totalidade dos senadores e a esmagadora maioria dos deputados eleitos. Mas

⁹⁰ Ver GAMBINI, Hugo. *Historia del peronismo: El poder total (1943-1951)*. Buenos Aires: Vergara, 2007, p. 370.

⁹¹ ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p. 120.

apesar de começar seu segundo mandato fortalecido, Perón sofreu um dos mais duros golpes de seu governo, a morte de Evita em julho de 1952. Este foi o início do declínio de Perón, que permaneceu ainda por 3 anos no poder, mas trilhando o caminho que levaria à seu exílio.

Tanto no caso do Estado Novo brasileiro, como no governo de Juan Perón, os esportes nos dois países alcançaram um estágio até então inédito em suas respectivas pátrias.

Durante o Estado Novo, o esporte, então novamente unificado, se desenvolveu sob uma tutela mais próxima do Estado, que passou a possuir seu próprio órgão de gerência esportiva, o Conselho Nacional de Desportes – CND. O CND regia os estatutos de todas as federações esportivas e buscava incentivar o esporte amador. No entanto, foi mesmo com o futebol, dentro do campo esportivo, que o governo brasileiro estreitou ainda mais seus laços com o povo.

Já na Argentina, o futebol continuaria a ser o esporte mais popular. Mas o governo não iria centrar seus esforços apenas neste esporte. Na verdade, ao contrário do caso brasileiro, o governo de Perón teve sua imagem ligada a um grande número de modalidades esportivas diferenciadas, da sinuca à natação, passando pelo automobilismo, hipismo e xadrez, entre tantos outros. O primeiro Pan-Americano, realizado em Buenos Aires em 1951, e o campeonato mundial de basquete, em 1950, foram os principais símbolos dessa proximidade do governo com o esporte. Ao buscar a realização de competições internacionais em solo argentino, Perón procurava demonstrar seu sólido apoio ao esporte. As vitórias argentinas no campo esportivo eram então celebradas como vitórias do próprio Perón e de seu justicialismo. Assim, ao apontar os novos ídolos populares, estes não o ofuscariam, mas o agradeceriam após cada conquista, dedicando o título conquistado ao Primeiro Mandatário e sua esposa. Surgia assim o slogan “*Perón apoya el deporte*”, criado pelos jornalistas esportivos do período. Uma verdade irrefutável, habilmente tecida por Perón.

Já no Estado Novo, o Brasil foi palco de poucas competições internacionais. A realização da Copa Roca em 1939 e 1940, e da Copa Rio Branco em 1940, foram duas das poucas exceções. Não há dúvida de que a principal competição internacional disputada por uma equipe brasileira, no governo de Getúlio, foi a Copa do Mundo de 1938, na França. Na ocasião, o Brasil conquistaria o terceiro lugar e as transmissões da partida por rádio mobilizariam grandes massas populares.

Este foi o período de maior aproximação dos dois regimes com o esporte. Os instrumentos utilizados e as formas de aproximação e ingerência do Estado no campo esportivo serão analisados mais profundamente no terceiro capítulo deste trabalho.

1.5 A QUEDA

A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial foi um ponto marcante no governo de Vargas. À medida que as tropas aliadas iam ganhando terreno na Europa, Getúlio ia perdendo no Brasil. A popularização e o sucesso das forças democráticas no teatro de operações geravam uma atmosfera hostil à continuidade do sistema de governo autoritário do Estado Novo, e Vargas teria que se ajustar a esses novos tempos. Em 1944, críticas foram feitas ao regime por oficiais brasileiros que lutavam na Itália. No entanto, o presidente tentava se manter no poder, adiando a reestruturação da ordem política nacional para depois da guerra.

No início de 1945, os protestos antes ofuscados pela forte censura aos meios de comunicação começaram a perpassar a forte cortina do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Ao se aproximar do estabelecimento das datas das eleições, o Brigadeiro Eduardo Gomes, ex-tenente e opositor de Vargas, surgiu como primeiro candidato oficial. Boatos de que Getúlio sairia como pretendente ao cargo que já ocupava geraram diversas manifestações contrárias, e até um comício da recém criada União Nacional dos Estudantes

(UNE). Como resultado, em março o presidente anuncia que não lançaria seu nome ao novo pleito e o general Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra, foi indicado como concorrente governista às próximas eleições. Em 28 de maio é baixado o decreto que marca as eleições presidenciais para 2 de dezembro do mesmo ano. O clima de democratização é aparente. Até mesmo o Partido Comunista é novamente legalizado.

Em agosto de 1945, um movimento popular emerge, pedindo a continuidade de Getúlio, o adiamento das eleições e a convocação de uma Assembléia Constituinte em seu lugar. Seu refrão, “Queremos Getúlio!”, outorgou-lhes o nome de queremistas. Apesar do apelo popular e do queremismo, Vargas manteve sua posição de não se candidatar, mas apoiava a reivindicação pela Constituinte. A posição dúbia do presidente fazia com que seus adversários temessem um novo golpe de sua parte.

A cena política argentina do período, com volta triunfante de Perón em 17 de outubro de 1945, deixou a oposição brasileira a Getúlio ainda mais ressabiada, uma vez que a ligação íntima de Vargas com os trabalhadores remetia-o a Perón, que ainda iniciava seu regime no país vizinho.

A situação se tornou insustentável quando Getúlio nomeou seu irmão, Benjamin Vargas, como Chefe de Polícia do Distrito Federal, no lugar de João Alberto. Com a nomeação, Góes Monteiro, Ministro da Guerra que substituíra Dutra, articulou seus contatos com o alto escalão do exército e exigiu que o presidente retirasse a nomeação de seu irmão. Perante a recusa de Vargas, o Ministro da Guerra mobilizou a guarnição local do exército e sitiou o palácio presidencial. Em 30 de outubro, Vargas se exilava em São Borja, sua cidade natal no sul do Brasil, próxima à fronteira com a Argentina, que ainda seria liderada por Perón pelos próximos 10 anos.

Assim como o governo de Getúlio, a Argentina peronista também chegaria a um período de esgotamento e de crise. Após a morte de Evita, o comando peronista perdeu um de

seus principais elos de ligação com as camadas populares. Mesmo após o falecimento da “Chefa Espiritual da Nação”, o regime continuou utilizando seu nome como apelo às obras do Estado, e seu funeral foi uma das maiores manifestações populares de todos os anos do regime peronista. A ausência de Eva Perón junto ao primeiro mandatário abalou profundamente o governo. Como apontou Romero, “nos três últimos anos de seu governo, Perón teve uma conduta errática. Era evidente a dificuldade para preencher o vazio deixado pela morte de Eva Perón”.⁹²

Foi seu conflito com a Igreja Católica, entretanto, que agilizou o fim do governo peronista, em 1955. Esse conflito surge no final de 1954, com a fundação do Partido Democrata Cristão, que demonstrava a não conformização da Igreja com a “Comunidade Organizada”, o projeto nacional de peronização das instituições da sociedade argentina. A ativa influência do Estado nas organizações estudantis, em especial dos estudantes secundários, assim como os avanços do peronismo nas áreas assistenciais, em especial através da Fundação Eva Perón, eram fatores de profundo descontentamento da Igreja. Já os altos círculos peronistas tinham dificuldades em aceitar a interferência mais aberta da Igreja Católica no campo político e, não tão aberta, no meio estudantil. O enfrentamento aberto entre as duas forças teve início em novembro de 1954, quando Perón lança um duro ataque contra a Igreja, que foi respondido por uma maciça demonstração pública no dia da Imaculada Conceição a favor da instituição católica, em dezembro. Com o acirramento do embate, o governo passou leis proibindo procissões públicas, suprimindo o ensino religioso e permitindo o divórcio. A reabertura dos prostíbulos foi autorizada e encaminhou-se um projeto de separação da Igreja do Estado.

O conflito aumentou as tensões internas na sociedade argentina e afastou ainda mais o peronismo das classes médias urbanas e das Forças Armadas. A Marinha, que sempre havia

⁹² ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p. 119.

sido mais hostil ao regime, tomou a dianteira e, em junho de 1955, liderou um levante contra Perón. O plano consistia no bombardeio da Casa Rosada, da Praça de Maio e da residência presidencial. A execução do ataque resultou em um massacre de civis que se reuniam na Praça de Maio, em um ato de apoio ao presidente. O exército controlou a rebelião, e um breve período de negociações teve início. No entanto, em fins de agosto, Perón voltou a atacar violentamente seus opositores e igrejas foram incendiadas no centro de Buenos Aires na mesma noite.

Em 16 de setembro, uma nova rebelião militar estourou em Córdoba, centro do antiperonismo e do catolicismo, prontamente apoiado pela Marinha. Perón já não possuía o apoio militar necessário e então renuncia e se refugia na embaixada paraguaia, iniciando seu périplo de exílio.

Com o fim do governo Vargas, o esporte brasileiro continuou subordinado ao Estado nacional através do CND. A organização da Copa do Mundo de 1950 no Brasil marcou o auge da ligação do Estado com o esporte. A construção do Maracanã foi a realização de um projeto que já circundava o Catete desde os tempos de Getúlio. Roberto Sander afirma que “em setembro de 1938, o presidente Getúlio Vargas chegou a receber, no Palácio do Catete, uma comissão que estudava a construção de um Estádio Nacional, que seria localizado na capital federal.”⁹³ A política esportiva do governo Dutra foi apenas uma continuação da política de Getúlio.

Já a saída de Perón marcou uma profunda mudança na política de esportes argentina. Em março de 1956 é passada a Lei n. 4161, publicada no dia 9, de proibição de elementos de afirmação ideológica ou de propaganda peronista⁹⁴. Com base nesta lei, é criada a “Comissão

⁹³ SANDER, Roberto. *Anos 40: viagem à década sem Copa*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004, p. 233.

⁹⁴ Decreto Ley 4161, 5 de marzo de 1956, apud LUPO, Victor. *Historia política del deporte argentino (1610-2002)*. Buenos Aires: Corregidor, 2004, p. 468.

Investigadora de Irregularidades Desportivas N. 49”⁹⁵, que buscava remover todas as referências ao peronismo do mundo esportivo argentino. Como medida de prevenção contra uma possível propaganda peronista ligada aos esportistas que iriam disputar as olimpíadas de Melbourne, em 1956, o novo regime, através de sua intervenção do Comitê Olímpico Argentino, proibiu a ida aos jogos dos atletas argentinos que possuíam chances de pódio e tinham sua imagem ligada a Perón. Devido a essas e outras medidas deste novo governo, essa “desperonização do esporte” resultou no que Victor Lupo chamou de “verdadeiro genocídio esportivo” argentino⁹⁶.

1.6 A VOLTA FINAL

Uma última similaridade aproxima as trajetórias políticas de Getúlio Vargas e Juan Domingo Perón. Ambos os presidentes voltaram ao poder, após serem afastados pelas Forças Armadas, através do voto popular e deixaram o governo no mesmo momento em que deixaram a vida.

Após uma campanha marcada pela divisão da oposição pela UDN e pelo PSD, Vargas foi eleito com quase a metade dos votos válidos nas eleições de 1950. Mais uma vez em um 3 de outubro, e novamente em um ano no qual o Uruguai se sagrara campeão mundial de futebol, Getúlio chegou à presidência do Brasil, recebendo 48,7% dos votos, contra 29,7% de Eduardo Gomes e 21,5% de Cristiano Machado⁹⁷.

O segundo governo Vargas poderia ter sido marcado por sua contemporaneidade com o governo de Perón, reeleito em 1952. No entanto, como bem demonstrou Hamilton

⁹⁵ apud LUPU, Victor. *Historia política del deporte argentino (1610-2002)*. Buenos Aires: Corregidor, 2004, p. 341.

⁹⁶ Ibid., p. 343.

⁹⁷ SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 108.

Almeida⁹⁸, as relações entre os dois governos nesta ocasião foi sensivelmente menos intensa do que poderia ser esperado. Pesou para isso a necessidade que Getúlio tinha de manter a aparente distância de sua imagem com a de Perón, uma vez que as forças opositoras a Vargas viam no Argentino muitas das características que temiam em Vargas e que este lutava para provar contrárias. Desta forma, o governo brasileiro acabou não assinando o pacto ABC, ou Pacto de Santiago, que visava formar uma aliança entre a Argentina peronista, o Brasil de Getúlio e o Chile de Ibañez, formando um bloco de oposição aos Estados Unidos. A relutância de Vargas, que lutava contra seus oponentes internos, em especial a UDN e os militares, distanciou-o do governo de Perón.

As tensões sociais geradas no segundo governo Vargas fizeram com que a situação do presidente fosse se aproximando cada vez mais da crise. Com fortes apelos nacionalistas que buscavam alcançar o apoio popular, mas com a maior parte dos meios de comunicação a seu encalço, Getúlio ia se equilibrando no poder. A oposição golpista das Forças Armadas mais uma vez ameaçava pôr um fim em seu governo.

Foi nesse contexto que a tentativa frustrada do assassinato de Carlos Lacerda atingiu proporções brutais. Gerado por iniciativa de homens próximos ao presidente, mas sem contar com seu conhecimento, o ataque apenas feriu o jornalista, mas tirou a vida do major Rubens Vaz, militar da aeronáutica, corporação de grande antagonismo ao getulismo.

As pressões pela renúncia de Getúlio se mostraram então ainda mais fortes do que em 1945. O presidente, apesar de manter seu prestígio junto a muitos grupos populares, não possuía um movimento organizado que lutasse por sua permanência no governo. É nesse momento que o grande caudilho da política brasileira dá sua cartada final. Em 24 de agosto de 1954, Getúlio Dornelles Vargas se suicida com um tiro no peito, deixando sua famosa carta-testamento.

⁹⁸ ALMEIDA, Hamilton. *Sob os olhos de Perón: o Brasil de Vargas e as relações com a Argentina*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

Já a volta de Perón ao poder requisitou uma maior articulação política do ex-presidente argentino. Em 11 de março de 1973, eleições gerais foram organizadas na Argentina. Mesmo tendo se certificado de que Perón não participaria do pleito, o governo militar em vigência acabou por ceder, permitindo que seu delegado pessoal, Hector J. Cámpora, então presidente da Câmara dos Deputados, se candidatasse à disputa. O caráter fictício de sua candidatura era evidente mesmo em seu slogan, “Cámpora no governo, Perón no poder”⁹⁹.

Em 25 de maio de 1973, Cámpora assume o governo e no dia 20 de junho, Perón retorna de seu exílio. Menos de um mês após o retorno de Perón, no dia 13 de julho de 1973, o presidente argentino e seu vice-presidente, Solano Lima, renunciam. Assume então o cargo o presidente da Câmara dos Deputados, Raúl Listiri, ligado também a Perón, e novas eleições são convocadas para setembro do mesmo ano. Desta vez, Juan Domingo Perón encabeça uma chapa que tem sua esposa, Maria Estela Martínez – conhecida como Isabel Perón, para a vice-presidência. A dupla Perón-Perón obtém 62% dos votos, iniciando assim o terceiro mandato de Juan Perón. No dia 1º de julho de 1974, menos de um ano após sua posse, Perón morre e é substituído por sua esposa. Em 24 de março de 1976, Isabelita Perón foi deposta por um golpe militar.

A segunda passagem de Vargas e Perón não marcou o esporte tão profundamente quanto seus primeiros governos. Vargas veria a Copa de 1954 assolado pela profunda crise de seu governo, a pouco mais de um mês antes de seu suicídio. Já Perón não ficou muito tempo no poder para operar maiores mudanças no esporte argentino. No entanto, poucos meses após sua eleição, Perón envia uma carta ao Congresso Nacional, chamando pela “Lei do Esporte”, que criaria o Conselho Nacional de Desportes argentino, visando centralizar todo o esporte

⁹⁹ Cf. ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p.179. De acordo com Guillermo Arignoli, o slogan original seria: “*El tío [Cámpora] al gobierno Perón [o pai] al poder.*” ARIGNOLI, Guillermo Enrique D’Arino. *La propaganda peronista (1943-1955)*. Ituzzaingó: Maipue, 2006, p. 51, nota 16.

nacional sob sua tutela. A brevidade do intervalo entre sua eleição e sua carta ao Congresso – de 23 de setembro a 09 de novembro – demonstra a importância que o esporte possuía para o presidente. Na carta, pode-se perceber a idéia que Perón propaga do esporte.

El deporte tiene una característica que lo configura como impostergable para el normal desarrollo del Hombre, por lo que debe ser organizado y científicamente programado para que su práctica se haga efectiva a partir de los 5 (cinco) años de edad. Por ello, el Estado debe asumir la responsabilidad de orientar, promover, asistir, ordenar y fiscalizar la actividad deportiva, posibilitando el acceso del Pueblo a la práctica del deporte para que éste deje de ser un privilegio de pocos para ser un derecho de todos.¹⁰⁰

Perón termina a carta dizendo:

Consecuente con la máxima Doctrina: “los pueblos que olvidan a su niñez renuncian a su porvenir” y siendo imprescindible posibilitar la práctica deportiva en la Juventud para la Formación del *Hombre Nuevo* que construya la *Argentina Potencia*, es que se somete esta Ley a consideración de vuestra Honorabilidad.¹⁰¹

Ainda no final de sua vida, Perón buscava a construção do “Homem Novo” (*Hombre Nuevo*) para a construção de uma Nova Argentina (*Argentina Potencia*). Como em seus dois primeiros mandatos, Perón visa a aproximação com o esporte e com a juventude, como um dos meios de construção deste novo modelo de homem e de nação. A “Lei do esporte” argentina foi promulgada em 2 de abril de 1974, três meses antes de seu falecimento.

1.7 CONSIDERAÇÕES

Mesmo atuando em tempos distintos, tanto Vargas quanto Perón tiveram profundas ligações ideológicas. Ambos foram influenciados pelos governos nazi-fascistas europeus e construíram seus modelos de propaganda política inspirados na propaganda italiana e alemã.

¹⁰⁰ Apud LUPPO, Victor. *Historia política del deporte argentino (1610-2002)*. Buenos Aires: Corregidor, 2004, p. 453.

¹⁰¹ *Ibid.*, p. 454. Grifo nosso.

Assim, da mesma forma que a Itália de Mussolini e a Alemanha hitlerista, o varguismo e o peronismo tiveram uma relação com o esporte até então inédita na América Latina.

Getúlio e Perón buscaram no esporte uma ferramenta, entre tantas outras utilizadas, de propaganda política. Através do esporte, visaram criar uma atmosfera de euforia e otimismo, na criação de uma nova raça, forte e eugênica, que marcaria o futuro do novo Estado brasileiro e da Nova Argentina peronista. O esporte funcionaria então como mais um instrumento formador da identidade nacional, elemento de suma importância tanto para Vargas, como para Perón.

2 NOVOS HOMENS E NOVAS NAÇÕES: O ESPORTE E A FORMAÇÃO DE IDENTIDADES NACIONAIS NOS GOVERNOS DE VARGAS E PERÓN

[...] enfocar sobre la cultura, la ideología, la identidad, la clase o la modernización es ignorar el punto fundamental que es el nacionalismo refiere, ante a todo, a la política.

John Breully¹⁰²

Tanto Vargas como Perón tinham grande preocupação com a formação da identidade nacional em seus respectivos países. E nesse sentido, o esporte teria uma importância estratégica, já que atuaria como um mediador entre indivíduos e identidades. Ao se tornar um símbolo pátrio, o esporte associaria todos os cidadãos sob um mesmo signo, sob uma mesma comunidade imaginada. No imaginário de cada um destes cidadãos há um sentimento comum de pertencimento a sua comunidade – seja essa seu país, sua cidade ou seu clube –, que advém do compartilhamento de vários símbolos, como idioma, hino nacional e bandeira, entre muitos outros, nos quais pode-se citar os esportes.

Assim, a identificação dos governos com os esportes seria um importante instrumento na construção de uma identificação da nação com sua liderança. E Vargas e Perón não poupariam esforços em associar suas imagens aos esportes nacionais.

2.1 A IDENTIDADE NACIONAL E O ESPORTE

Stuart Hall define a identidade cultural como “aspectos de nossa identidade que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de

¹⁰² Apud Elias Palti. *La nación comoproblema: los historiadores y la “cuestión nacional”*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003, p. 142.

tudo, raciais.”¹⁰³ No entanto, ao continuar, Hall enfatiza a dificuldade de se definir a idéia de “identidade”, uma vez que este conceito “é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova.”¹⁰⁴ Ainda assim, uma tentativa de delimitação deste objeto se faz imprescindível para a execução deste trabalho.

A identidade no mundo moderno é fundamentalmente um fenômeno social, baseado em uma relação de alteridade entre um indivíduo e o outro. A identificação social é um processo de reconhecimento mútuo. Ou seja, o sentimento de pertencimento a um determinado grupo depende de ser reconhecido por outros como parte deste grupo ou não. Como apontou Kellner, “a identidade de um sujeito está ligada a seu reconhecimento por outros, associada a auto validação deste reconhecimento.”¹⁰⁵

O nacionalismo é, sem dúvida, uma das identificações mais arraigadas ao indivíduo moderno¹⁰⁶. Desta forma, faz-se aqui necessária uma análise mais destacada deste fenômeno nas sociedades modernas. Para isso, deve-se indagar quanto ao significado de uma nação. Benedict Anderson a define como uma “comunidade política imaginada – e que é imaginada ao mesmo tempo como intrinsecamente política e soberana.”¹⁰⁷ Mesmo sem nunca se encontrarem, os cidadãos desta nação se imaginam como parte atuante de sua pátria, “na mente de cada um existe a imagem de sua comunhão.”¹⁰⁸

Segundo Stuart Hall,

a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural As pessoas não são apenas cidadãos/ãs

¹⁰³ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 8.

¹⁰⁴ Ibidem.

¹⁰⁵ KELLNER, Douglas. “Popular culture and the construction of postmodern identities”. In: LASH, Scott; FRIEDMAN, Jonathan. *Modernity and identity*. Blackwell: Oxford, 1996, p. 141. Tradução nossa.

¹⁰⁶ Para maiores detalhes sobre a origem do fenômeno do nacionalismo, ver HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004 e ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005.

¹⁰⁷ ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005, p. 25.

¹⁰⁸ Ibidem.

legais de uma nação; elas participam da idéia da nação tal como representada em sua cultura nacional.¹⁰⁹

Desta forma vemos que a identificação com a nação não é inerente ao local de nascimento. Na realidade, as identidades de um indivíduo vão sendo formadas e transformadas durante toda a sua vida. O que faz um brasileiro ou um argentino se identificar com sua pátria não é apenas o fato de ter nascido em seu território. A “brasilidade”, assim como a “argentividade”, é resultante da representação da cultura oficial do Brasil no imaginário da sociedade.

Nota-se então que a identidade nacional está diretamente ligada à idéia de uma cultura nacional. No entanto, a própria idéia de uma única cultura nacional brasileira já apresenta alguns problemas. Como apontou Stuart Hall, a cultura nacional “é também uma estrutura de poder cultural.”¹¹⁰ Mesmo com uma série de culturas brasileiras diferenciadas, a nação brasileira é imaginada através da representação de uma dessas culturas, mais especificamente a do eixo Rio-São Paulo, no sudeste do país. As demais culturas são vistas como culturas regionais.

No caso argentino, a questão da identidade nacional é ainda mais complicada do que no Brasil, visto o grande impacto que a imigração teve na formação do país. Archetti aponta os impressionantes números da imigração argentina. Em 1930, a cidade de Buenos Aires contava com mais de 3 milhões de habitantes, dos quais aproximadamente um terço eram imigrantes europeus. O aumento do número de estrangeiros também impressiona: 13,8% em 1869, 24% em 1895 e 42,7% em 1914, aproximadamente¹¹¹. Com uma população tão heterogênea, a construção de uma identidade nacional era fundamental. A imagem do gaúcho, na Argentina, foi um fator determinante no modelo de uma identidade rural masculina. Já nos

¹⁰⁹ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 49.

¹¹⁰ *Ibid.*, p. 59.

¹¹¹ ARCHETTI, Eduardo. *Masculinidades: fútbol, tango y pólo em La Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia, 2003, p. 23.

principais centros urbanos, em Buenos Aires especialmente, o tango e o futebol ocuparam posição de destaque no âmbito cultural.

O mesmo acontece com o esporte, e em especial com o futebol, a modalidade esportiva mais popular tanto no Brasil como na Argentina. O Brasil é mundialmente famoso pela “escola brasileira de futebol”, seu estilo de jogo supostamente único e irreproduzível. No entanto, não se deve considerar o futebol brasileiro como homogêneo. O estilo de jogo praticado no sul do país é identificado com características muito diferentes do estilo brasileiro dito como “padrão”, ou seja, do jogo que seria praticado no eixo Rio-São Paulo. No primeiro, a disciplina tática e a força física seriam tão valorizados quanto a técnica. Possivelmente por sua posição geográfica, esse estilo de jogo se aproxima muito dos argentinos e uruguaios. Já no estilo de jogo que seria característico do Brasil, a técnica individual e a improvisação são consideradas seus atributos centrais.

As diferenças de estilo de jogo são um fator essencial na visão de uma nação representada por uma seleção esportiva. Eduardo Archetti cita uma passagem do jornal argentino *El Gráfico*, de 1923, que já demonstra essa percepção quanto à representatividade nacional no estilo de jogo de seleções sul-americanas.

Entre los sudamericanos existen ya esas diferencias de estilo. Los argentinos se han distinguido por rápidas arremetidas a pases largos, terminados con potentes shots. Un juego muy distinto es el de los uruguayos, quizás más brillante pero menos eficaz. Pases precisos, cortos, con poco trabajo de las alas, siempre próximo al arco contrario, aunque sin rematar bien al ataque. Los chilenos, un juego completamente abierto y violento, carente aún de táctica, sus hombres hacen derroche de resistencia física. Los brasileños con táctica semejante a la de los uruguayos aventajan a éstos en sus tiros al arco hechos a toda carrera. Los paraguayos tienen un juego semejante al de los argentinos.¹¹²

Através dos diferentes estilos de jogo comentados no jornal portenho, os leitores argentinos tenderiam a se sentir parte de uma mesma comunidade. Através da confirmação de

¹¹² El Gráfico, 1923, apud ARCHETTI, Eduardo. Estilo y virtudes masculinas en *El Gráfico*: la creación del imaginario del fútbol argentino. Revista Digital *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 1999, n. 16.

seu estilo único, apontado pelo artigo acima como “mais brilhante, mas menos eficaz”¹¹³, um sentimento de alteridade quanto aos “outros” sul-americanos reforçaria sua identidade nacional. Estes sentimentos de unidade e alteridade são essenciais na formação de identidades. Como observou Néstor García Canclini, “a reivindicação da identidade tem sempre algo de violento a respeito do outro.”¹¹⁴ Ao comparar o estilo argentino com outros estilos de futebol praticados por seus vizinhos – é importante notar que neste período as competições internacionais estavam limitadas a confrontos entre as seleções da América do Sul –, o leitor se deparava claramente com um “nós contra eles”, reforçando assim seu sentimento nacional.

Desta forma, se faz necessário indagar como estas concepções de identidades eram difundidas pelas massas. Neste sentido, os meios de comunicação massivos desempenharam um papel fundamental. A imprensa, o rádio e o cinema permitiram que cidadãos das mais diversas regiões de seu país se identificassem através de uma vivência cotidiana de nação.

Nesse sentido, tanto o governo de Juan Perón como o de Getúlio Vargas tiveram uma grande preocupação com o controle dos meios de comunicação e com a sua utilização efetiva como um meio difusor da propaganda política do regime.

2.2 A PROPAGANDA POLÍTICA E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Procedimientos modernos de difusión, información y propaganda

Esa es la idea moderna de la conducción. Para hacerla y formarla, hoy el mundo y los conductores disponen de medios extraordinarios que antes no tenían. La difusión, la información, la propaganda, son extraordinarias. Los medios son numerosos y permiten realizar el trabajo fácilmente. Pero es necesario ir dosificándolos para evitar la saturación; es necesario utilizarlos lentamente, de acuerdo con la necesidad. Es lo que nosotros estamos

¹¹³ Vale ressaltar que o artigo é de 1923. A seleção uruguaia seria campeã olímpica em 1924 e 1928 e campeã da primeira Copa do Mundo em 1930. A Argentina perderia a final para os uruguaianos nas duas últimas competições.

¹¹⁴ CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006, p. 24.

haciendo en estos momentos en el peronismo. ¡Y no es cuestión de días, sino de años!

Juan Domingo Perón¹¹⁵

A propaganda política foi um elemento fundamental dos governos de Getúlio Vargas e Juan Domingo Perón. Ambos os líderes souberam utilizar os meios de comunicação em vista a divulgar um pensamento oficial e transmitir um sentimento à população, como não havia sido feito até então.

Admiradores confessos de Mussolini e Hitler, tanto Vargas como Perón herdaram dos regimes europeus a consciência de que a propaganda política poderia se tornar uma arma de grande eficiência na árdua tarefa de unificação nacional. Apesar de não serem definidos como fenômenos fascistas, a influência de certos fatores destes regimes sobre os governos latino-americanos foi aparente, mesmo que sob uma nova interpretação, sob um olhar local.

A propaganda política latino-americana tinha, desta forma, diversas similaridades à propaganda nazista, por exemplo. Apelos emocionais, promessas de benefícios ao povo – como emprego, aumento de salários – e a utilização de insinuações indiretas, são exemplos destas semelhanças. Além disso, pode-se ver a propaganda de Vargas e Perón à luz da concepção de Hitler, segundo o qual “a arte da propaganda consiste em ser capaz de despertar a imaginação pública fazendo apelo aos sentimentos, encontrando fórmulas psicologicamente apropriadas que chamam a atenção das massas e tocam os corações”.¹¹⁶

Este caráter da propaganda política como um meio de aflorar sentimentos junto ao povo, provocando a imaginação pública quanto ao papel do líder foi muito bem explorado por Perón ainda em janeiro de 1944, após um terremoto que devastou a cidade de San Juan, capital da província argentina que leva o mesmo nome. Tal foi a magnitude do desastre que

¹¹⁵ Juan Domingo Perón. *Conducción política (Capítulos I, II y III)*. Buenos Aires: Instituto Nacional Juan Domingo Perón de Estudios e Investigaciones, Históricas, Sociales, y Políticas, 2006, p.56.

¹¹⁶ Apud Maria Helena R. Capelato. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998, p. 64.

vinte e cinco segundos de tremores foram suficientes para deixar a capital sob escombros e tirar mais de 10 mil vidas, em uma cidade de aproximadamente 200 mil habitantes.¹¹⁷

Como primeiro oficial do governo a se pronunciar, o então secretário de Trabalho e Provisão invade as ondas de rádio em nome do presidente Ramírez. Perón afirma que o exército já está tomando todas as providências para o auxílio dos desabrigados e demais vítimas do acidente. Mas a jornada do coronel não para por aí. Ele levanta um fundo de auxílio às vítimas do terremoto e começa com a contribuição de 200 mil pesos descontados diretamente dos soldos dos funcionários militares que trabalham no governo.

Apesar de se pronunciar em nome do presidente Ramírez, é Perón e sua Secretaria de Trabalho e Provisão que aparecem na campanha. Como se pode ver em sua afirmação: “En la Secretaría de Trabajo y Previsión a mi cargo están abiertas las puertas para recibir a quienes de una u otra forma quieren hacerse presentes en esta cruzada del dolor argentino”.¹¹⁸ O nome de Perón e sua secretaria simbolizam a luta contra a dor argentina.

Mas o coronel não parou por aí. De volta ao rádio no dia seguinte, convoca a criação de uma comissão de coleta para as vítimas do desastre e, ainda no mesmo dia de domingo, volta ao ar como secretário do Ministro da Guerra – o futuro presidente Farrell – para divulgar os atos do exército quanto ao desastre. Perón se utiliza de todas as suas funções no governo para ligar sua imagem à recuperação nacional frente ao desastre.

Durante a semana, como secretário de Trabalho, se reúne com atores de teatro, cinema e rádio e organiza uma coleta “Pro Víctimas de San Juan”.¹¹⁹ Nestes dias, os atores convocados por Perón percorrem as ruas do centro de Buenos Aires, acompanhados cada um de representantes do exército e da marinha fardados recolhendo doações em uma urna lacrada

¹¹⁷ ARINGOLI, Guillermo D’Arino. *La propaganda peronista: 1943-1955*. Ituzaingó: Maipue, 2006. p. 33.

¹¹⁸ Ibidem.

¹¹⁹ Ibid, p. 35.

coberta com uma faixa com a legenda “Secretaria de Trabalho e Provisão”.¹²⁰ A Imagem de Perón se funda cada vez mais com o delicado momento emocional argentino. Perón ainda afirma que as doações em dinheiro devem ser feitas em nome de “Secretaria de Trabalho e Provisão, coronel Juan Perón”. O recado fica evidente. Mais claro do que isso somente quando Perón anuncia no rádio que iria às onze da manhã de sábado percorrer pessoalmente a rua Florida – centro nevrálgico da capital nacional – para recolher doações à nobre causa. E assim ele faz, acompanhado de vários nomes do mundo do espetáculo portenho. Ainda na mesma manhã, o coronel vai à estação ferroviária receber órfãos da catástrofe.

Um grande termômetro da campanha de arrecadação é exibido junto ao obelisco, mostrando a quantidade arrecadada pelo governo, ou pela Secretaria de Trabalho de Perón. O sucesso da campanha é inegável e o próprio presidente Ramírez o credita ao coronel. O fechamento da campanha se dá na arena Luna Park. O estádio, palco tradicional de lutas de boxe, recebe uma multidão entretida por números artísticos, transmitidos em cadeia nacional pelo rádio. Ao final da noite o público recebe com grande entusiasmo o general Ramírez e o coronel Perón. O esforço do novo governo se fez reconhecido e foi ressaltado pelo breve discurso do general. No entanto, apesar de estar no palco junto ao presidente da nação, é Perón quem se pronunciará no encerramento do evento.

Fica aparente, nesta ocasião tão bem aproveitada pelo coronel, como a propaganda pode ser utilizada de modo a despertar as emoções e provocar paixões. E é exatamente isso que Perón procura produzir com sua quase onipresença nas rádios e nas campanhas beneficentes. Desta forma, Perón consolidava sua imagem de benfeitor, caráter essencial para um grande número de pessoas mais necessitadas na Argentina, que mais tarde viriam a ser denominadas “descamisados”.

¹²⁰ Dentre estes encontrava-se uma então desconhecida atriz de rádio, Eva Duarte. Cf. Juan Domingo Perón. *Como conocí a Evita y me enamoré de ella*: discurso de Perón el 17 Octubre de 1951. Buenos Aires: Instituto Nacional Juan Domingo Perón de Estudios e Investigaciones, Históricas, Sociales, y Políticas, 2006, p. 5.

Assim como Perón, Getúlio Vargas também fez grande uso da propaganda em seu governo. No entanto, sua participação na propaganda do regime não se faz de forma tão direta como com Perón. Getúlio utiliza-se de um poderoso órgão de propaganda que se espalha por todos os setores da cultura nacional, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado em 1939. Na verdade, a criação do DIP foi o ponto culminante de sua preocupação com a propaganda. Em 1931, menos de um ano após sua chegada ao poder, Getúlio Vargas cria o DOP – Departamento Oficial de Publicidade, vinculado ao Ministério da Justiça. A princípio, o DOP se ocupava basicamente com o rádio e com o fornecimento de informações oficiais à imprensa. É apenas com a criação do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), em abril de 1934, que a propaganda é alçada a um ponto de importância maior. O novo órgão, que substituiu o então extinto DOP, ficou ao encargo de Lourival Fontes, jornalista e escritor sergipano. Manifesto admirador do fascismo italiano¹²¹.

Foi a importância do cargo ocupado por Lourival Fontes, assim como sua simpatia por Mussolini e seu regime, que fez com que a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) o convidasse para chefiar a delegação brasileira que se encaminhava à segunda Copa do Mundo organizada pela FIFA, sediada na Itália. Fontes havia intervindo diretamente na querela entre as duas entidades que disputavam o controle do futebol nacional¹²², fazendo com que cessassem as acusações mútuas e passassem a exaltar a seleção nacional, que representaria a pátria no certame internacional. O esporte, em especial o futebol, já despontava no Brasil como um importante elemento de propaganda nacionalista.

¹²¹ Lourival Fontes chegou até a dirigir uma revista chamada *Hierarquia*, de mesmo nome de uma revista fascista italiana. Era conhecido como “o Goebbels tupiniquim”. Cf. OLIVEIRA, Lucia Lippi. “O intelectual do DIP: Lourival Fontes e o Estado Novo”. In: BOMENY, Helena (org.). *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: FGV, 2001, pp. 37-58.

¹²² O período de 1933 a 1937 foi marcado por uma profunda divisão no futebol brasileiro. Duas entidades disputavam o controle do futebol no Brasil, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), amadorista, e a Federação Brasileira de Football (FBF), profissionalista. Na realidade, esta divisão era uma contenda entre duas elites que buscavam o comando do esporte no Brasil. A primeira, representada pela CBD, era comandada por Luiz Aranha e simbolizava a nova elite que chegara ao poder com a Revolução de 1930. A da FBF, que possuía em Arnaldo Guinle seu principal nome, representava a antiga oligarquia que comandava o futebol brasileiro desde suas origens. Ver seção 3.4 desta dissertação.

Em 10 de novembro de 1937, forças presidenciais fecham o Congresso Nacional e é instituído o Estado Novo. Os partidos políticos são extintos e uma nova Carta Constitucional, a “Polaca”, entra em vigor em todo território brasileiro. Esta nova carta impôs rígidos códigos à imprensa nacional – agora considerada serviço de utilidade pública – e ampliou o alcance de controle governamental nos meios de comunicação. No início de 1938 o DPDC é transformado no Departamento Nacional de Propaganda (DNP), ainda ligado ao Ministério da Justiça e sob as ordens de Lourival Fontes. O DNP começa a exercer a censura e o controle de todos os meios de comunicação, atuando em todos os campos da cultura nacional, como a educação, o cinema e o esporte, entre tantos outros. Foi com o DNP que teve início o famoso programa de rádio “Hora do Brasil”, transmitido diariamente em todas as rádios do país.

De acordo com o Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro do CPDOC/FGV,

O DNP teve como uma de suas principais atividades a promoção do Brasil no exterior, particularmente através do lançamento de jornalistas e escritores nacionais em jornais estrangeiros e da criação do *Boletim de Informações*, editado em quatro idiomas e distribuído em hotéis, consulados, embaixadas, navios etc.¹²³

Esta preocupação com a promoção do Brasil no exterior foi refletida também na Copa do Mundo de 1938, disputada na França. A delegação brasileira que se encaminhava ao campeonato tinha sua ligação com Vargas feita através de Alzira Vargas, filha do presidente e madrinha da seleção nacional. Contando com uma generosa subvenção governamental para as despesas no campeonato, a seleção brasileira partiria para a França para disputar, pela primeira vez, uma Copa do Mundo com sua força total. O otimismo popular era grande. Antes do embarque no navio “Arlanza”, os membros do escrete brasileiro foram recebidos pelo presidente da República, que fez questão de cumprimentar os jogadores e deixar clara a importância que o título teria para o espírito pátrio.

¹²³ ARAÚJO, Rejane. Departamento de Imprensa e Propaganda. In: ABREU, Alzira Alves de; BELOCH, Israel; LATTMAN-WELTMANN, Fernando; LAMARÃO, Sérgio Tadeu de Niemeyer. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001, v. 2, p. 1832.

De fato o Brasil faria uma grande participação no certame, ficando em terceiro lugar, tendo perdido apenas para a campeã Itália na semifinal, sem sua principal estrela, Leônidas, em um jogo muito polêmico, principalmente no tocante ao pênalti que resultou no segundo gol da Itália. O jogo gerou profundas revoltas entre os brasileiros, que receberam os jogadores festejando um título “moral”. O poder do esporte como um símbolo nacional chegava a um de seus pontos culminantes na ocasião, como aponta Gilberto Agostinho:

O locutor Gagliano Neto, o primeiro a transmitir um jogo de futebol da Europa para a América, considerou o pênalti legítimo, enquanto muitos cogitavam no Brasil de que o jogo pudesse ser anulado. Transparecendo o nacionalismo latente de um mundo que destilava xenofobia, o locutor foi duramente atacado pelos próprios brasileiros, passando a ser chamado de “italiano nato” e tendo sua carreira de radialista seriamente comprometida¹²⁴.

Tal simbolismo não passou despercebido por Getúlio, que dentre as várias entradas de seu diário sobre os jogos do Brasil nesta Copa, escreveu: “o jogo de *football* monopolizou as atenções. A perda do *team* brasileiro para o italiano causou uma grande decepção e tristeza no espírito público, como se se tratasse de uma desgraça nacional.”¹²⁵ A esta altura, o esporte já está definitivamente incluído nos planos propagandísticos do governo.

O controle estatal sobre os meios de comunicação se aperfeiçoaram ainda mais quando, em dezembro de 1939, o Departamento Nacional de Propaganda foi transformado no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), ainda comandado por Lourival Fontes. O novo órgão, agora ligado diretamente ao presidente da República, ampliava ainda mais o controle estatal sobre a propaganda oficial e exercia a censura à imprensa.

A identificação do governo com o esporte era de grande importância para a propaganda política. O estímulo ao esporte estava também ligado à idéia da formação

¹²⁴ Agostinho, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: FAPERJ / Mauad, 2002, p. 145.

¹²⁵ VARGAS, Getúlio. *Diário*. 2V. v. 2. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: FGV, 1995, p. 140.

eugênica da juventude nacional. Tanto no Brasil quanto na Argentina o esporte era visto como um fator primordial na formação moral e física do cidadão. Segundo Getúlio Vargas,

Associando o cinema, o rádio e o culto nacional dos desportos, completará o governo um sistema articulado de educação mental, moral e higiênica, dotando o Brasil dos instrumentos imprescindíveis à preparação de uma raça empreendedora, resistente e varonil.¹²⁶

Deste modo, não é surpresa que a temática esportiva tenha sido utilizada em dois filmes brasileiros produzidos no período: *Football em Família* e *Alma e Corpo de uma Raça*, ambos assistidos por Getúlio.¹²⁷ O primeiro teve a direção de Ruy Costa, e segundo, tinha o roteiro e a direção ao encargo de Milton Rodrigues, irmão de Mário Filho¹²⁸. Os atores eram atletas do Clube de Regatas do Flamengo, incluindo a atriz protagonista, Lygia Cordovil, descrita como um “typo eugenico, de linhas puras e movimentos harmoniosos”,¹²⁹ e como “a mais linda nadadora do Brasil”.¹³⁰ O roteiro girava em torno de uma história de amor, onde os valores do espírito desportivo e da eugenia da raça brasileira eram constantemente trabalhados como pano de fundo. Apenas o título do filme já seria suficiente para deixar evidente sua identificação com o governo de Vargas e sua ideologia esportiva.

Assim como o DIP era ligado diretamente a Vargas no Brasil, na Argentina a Secretaria de Imprensa e Difusão era a Perón. Era esta secretaria, sob a direção de Raúl Apold, que se encarregava da direção da propaganda oficial peronista. Apesar de não haver uma censura propriamente dita na Argentina, a secretaria contava com 13 editoriais, 17 periódicos, 10 revistas e 4 agências de informação.¹³¹ No entanto, o controle da imprensa argentina passava também pelo ministro do interior, Ángel Borlhegi. Tanto na Argentina

¹²⁶ Apud SCHEMES, Claudia. *Festas cívicas e esportivas: um estudo comparativo dos governos Vargas (1937-1945) e Perón (1946-1955)*. Novo Hamburgo: Feevale, 2005, p. 94.

¹²⁷ VARGAS, Getúlio. *Diário*. 2V. v. 2 São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: FGV, 1995, pp. 173 e 230.

¹²⁸ Para maiores informações sobre os filmes e sobre a relação esporte-cinema, ver MELO, Victor Andrade de. *Esporte e cinema no Brasil: longas-metragens: um panorama*. In: MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria (Orgs.). *O esporte vai ao cinema*. Rio de Janeiro: SENAC, 2005, pp. 11-20; e _____. *Cinema & esporte: diálogos*. Rio de Janeiro: Aeroplano / FAPERJ, 2006.

¹²⁹ *Jornal dos Sports*, 02 de agosto de 1937, p. 1.

¹³⁰ *O Globo Sportivo*, 31 de março de 1944, p. 4.

¹³¹ ARINGOLI, Guillermo D’Arino. *La propaganda peronista: 1943-1955*. Ituzaingó: Maipue, 2006, p. 160.

como no Brasil, a pressão dos governos sobre a imprensa não era apenas política, mas também econômica. Isenções de impostos de importação sobre papel – concedidas apenas aos jornais que seguissem as orientações governamentais – e de créditos bancários governamentais, entre outros meios, se mostraram meios muito eficientes de se cooptar jornais ao ideário governista.

A propaganda peronista na imprensa ganha um novo impulso através da aquisição da maioria das ações do grupo Haynes, império periodístico que contava com o jornal *El Mundo* e com as revistas *El Hogar*, *Selecta*, *Mundo Argentino* e *Caras y Caretas*, todos de grande circulação. Após assumir o controle da empresa, o governo argentino lança uma série de revistas, tendo em vista levar suas idéias a todos os públicos. Desta forma, aos títulos pré-existentes, somam-se revistas como *Mundo Agrário*, *Mundo Infantil*, *Mundo Radial*, *Mundo Deportivo*, *Mundo Atômico* e *Mundo Peronista*. Financiados em parte por uma série de anúncios do governo, os novos periódicos são comandados pelo major Carlos Aloé, antigo colaborador de Perón e governador da província de Buenos Aires em 1952.

2.3 A IMPRENSA ESPORTIVA

Em 1949, Aloé funda e dirige o semanário *Mundo Deportivo*, revista esportiva do grupo Haynes que visa concorrer com o também semanal *El Gráfico*. Publicado um dia antes de seu concorrente, com mais cores e páginas, *Mundo Deportivo* assume abertamente seu caráter peronista. Recheada de artigos sobre as obras do governo, sobre a influência de Perón sobre o esporte ou mesmo na cobertura de atletas patrocinados pelo governo que conquistavam vitórias no exterior, seus editoriais, assinados por Carlos Aloé, geralmente terminavam relacionando o tema abordado à “Nova Argentina”. Como no editorial de 27 de abril de 1950, sobre “A Mulher e o Esporte”, em que o editorial é fechado dizendo:

Es la Nueva Argentina en marcha, con toda la juventud, solidaria y unida, que ha encontrado su destino y va hacia la historia con la seguridad que le dan su juventud de hombres y mujeres sanos y fuertes, y que tendrá hijos también sanos y fuertes – hijos de deportistas –, que serán enérgicos, tenaces, con esa férrea voluntad para vencer. Y vencerán¹³².

Ou no editorial na ocasião das olimpíadas de Helsinque, em 1952, na qual o editorial fala em nome da Nova Argentina de Perón.

Diecisiete millones de argentinos les han dado su fe y su confianza. Diecisiete millones de habitantes de esta Nueva Argentina de Perón y Eva Perón están con sus miradas fijas en ellos, prontos a brindarles el estímulo y la mano a quien desfallezca, como a alentar y dar el impulso necesario al que se achique...

A ustedes, queridos muchachos en Helsinki, la juventud de Perón les envía el más fraterno y caluroso abrazo en este “BUENA SORTE”.¹³³

Através de seu periódico esportivo, Aloé buscava, sempre que possível, associar o governo ao sucesso esportivo da nação, como no campeonato de xadrez disputado na Iugoslávia, onde um enxadrista argentino terminou na segunda colocação. A manchete do *Mundo Deportivo* destacava “La notable actuación en Dubrovnik es el triunfo de la Nueva Argentina.”¹³⁴ Tal esforço pode ser encontrado de forma consistente nas páginas deste periódico.

Já na revista *El Gráfico*, as menções ao governo peronista ou a algum de seus membros eram escassas e, quando presentes, sucintas. Apesar da forte presença do governo na área cultural, alguém que apenas lesse o *El Gráfico* poderia não perceber que a Argentina vivia sob a égide de Perón. Apesar de não se posicionar diretamente contra o governo peronista – algo compreensível visto o momento político vivido no país –, a mera ausência de nomes como Perón e Evita nas manchetes já era sinal de dissidência.

Essa disparidade entre os dois periódicos pode ser vista quando do falecimento de Eva Perón, em julho de 1952. O primeiro número do *Mundo Deportivo* após sua morte é

¹³² *Mundo Deportivo*, 27 de abril de 1950, p. 26.

¹³³ *Mundo Deportivo*, 17 de setembro de 1952, p. 26.

¹³⁴ *Mundo Deportivo*, 14 de novembro de 1950, p. 66.

inteiramente dedicado a Evita, tendo na capa sua foto sobre a inscrição “Eva Perón, chefe espiritual da nação”.¹³⁵ Neste número, 45 das 75 páginas são dedicadas à esposa de Perón, destacando sua participação em diversos esportes. Já *El Gráfico* destaca apenas 3 páginas de sua edição do dia 1 de agosto, com um curto texto na página 3 e apenas fotografias ocupando a maior parte desta página e as páginas 4 e 5¹³⁶. O texto se resumia a dizer:

El sábado 26 de Julio, a las 20.25 horas, a muerto Eva Perón, esposa Del primer magistrado, general Juan Perón, y Jefa Espiritual de la Nación. El deporte siente su prematura desaparición, como la siente el pueblo entero de la Argentina, porque su actividad infatigable llegó también hasta nuestro ambiente. Creación de Eva Perón fueron los Campeonatos Infantiles, y las dos fotos que aquí reproducimos la muestran jerarquizando con su presencia esos torneos.¹³⁷

O mesmo se daria nas edições da semana seguinte, com fotos de Evita junto ao povo e apenas um pequeno texto¹³⁸. Já o *Mundo Deportivo* dedicaria mais 12 páginas à Eva Perón, onde esta era vista como o princípio norteador do esporte e o espírito da nação. Ainda mais uma edição seria dedicada à falecida esposa do presidente. Novamente, o *Mundo Deportivo* dedicaria grande espaço ao funeral da primeira dama, com as reportagens “El homenaje de La ciudadanía” e “Eva Perón, alma del pueblo y amiga del deporte, descansa em La gloria”.¹³⁹ Como das outras vezes, seu rival disporia apenas fotografias do funeral e de cerimônia realizada pela delegação argentina nas olimpíadas de Helsinque, novamente nas páginas 3, 4 e 5¹⁴⁰.

Esta disparidade entre os dois periódicos não ficou restrita, no entanto, às homenagens à Eva Perón. Em praticamente todas as competições nas quais Perón, Evita, ou algum outro membro do governo se fazia presente, o *Mundo Deportivo* anunciava em destaque esta presença oficial, enquanto o *El Gráfico* buscava ocultar o máximo possível. Os Campeonatos

¹³⁵ *Mundo Deportivo*, 31 de julho de 1952, p. 1.

¹³⁶ *El Gráfico*, 01 de agosto de 1952.

¹³⁷ *El Gráfico*, 01 de agosto de 1952, p. 3.

¹³⁸ *El Gráfico*, 08 de agosto de 1952.

¹³⁹ *Mundo Deportivo*, 14 de agosto de 1952.

¹⁴⁰ *El Gráfico*, 15 de agosto de 1952.

Infantis de Futebol Evita, que desfrutavam de grande popularidade na época, eram constantemente alardeados pelos órgãos do grupo Haynes. Fotos de Perón e Evita com os participantes da final, dando o pontapé inicial ou apenas observando a disputa eram constantes nas páginas dos periódicos governistas. Já o *El Gráfico* costumava dedicar apenas pequenas notas, e se referia a estes campeonatos apenas como “Campeonatos Infantis” em suas manchetes. Mesmo em ocasiões como os Jogos Pan-Americanos de 1951, realizados na própria capital argentina, o jornal buscava minimizar ao máximo a presença de Perón nas disputas, ainda que o presidente tenha comparecido à praticamente todas as disputas de medalhas.

O caráter anti-peronista de *El Gráfico* emergiu de forma ainda mais evidente após a chamada “Revolução Libertadora” de 1955. No clima de vingança política instalada após o fim do regime justicialista, a revista esportiva não se diferenciava dos outros grupos aliçados do poder pelos últimos dez anos. Em 6 de janeiro de 1956 a revista publica a matéria “A los pecadores: ¿Perdonarlos o Castigarlos?”, onde expressava: “Pero el deporte argentino sólo se reconstruirá cabalmente desechando en su futura edificación hasta el último escombros del bochornoso decenio pasado”.¹⁴¹

Já no Brasil, a imprensa esportiva não foi alvo de intervenção direta do governo, que instaurara a censura através do DIP e não possuía grandes jornais opositores. O *Jornal dos Sports*, principal diário esportivo da capital brasileira, foi um grande aliado do governo. Dirigido por Mario Filho a partir de 1936, o *Jornal dos Sports* propagava em suas páginas valores compartilhados pela nova ideologia oficial. Do lápis nº 2 de Mario Filho saíam colunas esportivas que geraram vários livros, dentre os quais destacou-se como sua obra prima “O Negro no Futebol Brasileiro”, que era, nas palavras de Ruy Castro, “uma espécie de

¹⁴¹ Apud LUPO, Victor. *Historia política del deporte argentino (1610-2002)*. Buenos Aires: Corregidor, 2004, p.341.

Casa Grande e Senzala urbana.”¹⁴² Assim como Gilberto Freyre, o diretor do *Jornal dos Sports* atuava na promoção do ideal da democracia racial brasileira, promovendo os grandes jogadores negros no Brasil e destacando o papel da miscigenação racial na formação do estilo brasileiro de jogar futebol. Não foi por acaso que Gilberto Freyre assinou o prefácio à primeira edição do livro de Mario Filho. Neste, Freyre compartilha com o autor a idéia de um jogo tipicamente natural, dizendo que “em nossa cultura, era natural que o futebol, no Brasil, ao engrandecer-se em instituição nacional, engrandecesse também o negro, o mulato, o cafuzo, o mestiço.”¹⁴³

O ideal de democracia social, aliado a um discurso de unidade nacional era recorrente nas páginas dos principais veículos da imprensa esportiva brasileira. A busca da intelectualidade nacional por um símbolo de unidade era refletida nas crônicas esportivas, e o esporte – em especial o futebol, no Brasil – era um palco privilegiado para tal. Como escreveu o consagrado escritor José Lins do Rego, também cronista esportivo, após a vitória brasileira da Copa Rio Branco de 1932.

Os rapazes que nos representaram, triunfalmente, em Montevideú, eram no fundo um retrato da nossa democracia social, onde Paulinho, filho de uma família importante, se uniu ao negro Leônidas, ao mulato Gradim, ao branco Martim. Tudo feito à boa moda brasileira.¹⁴⁴

A vitória da equipe brasileira sobre os uruguaiois causou grande comoção na cidade. O Uruguai sagrara-se campeão do mundo dois anos antes na primeira Copa do Mundo, na qual fora país sede, em 1930. Na verdade, os uruguaiois consideravam-se tricampeões mundiais, visto que tinham vencido as duas olimpíadas anteriores, em 1924 e 1928, além da Copa de 30. É nesta disputa que aparece pela primeira vez na seleção nacional brasileira aquele que vai se tornar o maior ídolo da década no futebol nacional: Leônidas da Silva – autor dos dois gols da

¹⁴² CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 222.

¹⁴³ RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 25.

¹⁴⁴ Apud RIBEIRO, André. *O diamante eterno: biografia de Leônidas da Silva*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999, p. 50.

vitória por 2x1. O futebol tornava-se mais um elemento formador do novo conceito de brasilidade, ou da “boa moda brasileira”, como disse José Lins do Rego.

Termos como “civismo”, “pátria” e “nação” inundavam as páginas da imprensa esportiva do período. Juntamente com Bastos Padilha, presidente do Flamengo e seu cunhado, Mario Filho lançou uma série de campanhas de cunho nacionalista que tinham a juventude como alvo. Como exemplo de tais campanhas, pode-se citar um projeto de educação física e moral de crianças sócias do clube rubro-negro. A partir deste projeto, o *Jornal dos Sports* e o *Globo*, em conjunto com o Clube de Regatas do Flamengo, criaram um concurso para crianças e jovens de até 15 anos. Os jornais publicavam, diariamente, um selo. Os selos deveriam ser preenchidos com uma frase onde se encontrassem as palavras “Flamengo” e “Brasil”.

Segundo o jornal, a promoção idealizada pelo clube carioca “plasmará uma juventude eugênica, pronta a servir a pátria em todos os domínios da actividade humana”, uma vez que no esporte “se acham entrelaçados dois bellos sentimentos: o amor pátrio e o amor pelo club que visa o ideal de todo ser humano: ‘mens sana in corpore sano’”.¹⁴⁵ O ideal nacionalista e eugênico varguista era uma constante presente nas páginas de Mário Filho. Os vencedores do concurso são grandes exemplos disso. As frases vencedoras do concurso possuíam forte teor nacionalista, tais como: “O Flamengo ensina: amar o Brasil sobre todas as coisas”, de Marcio Lyra – 13 anos, primeiro colocado; “Brasil! O valor do teu povo construiu um Flamengo”, de Léa de Almeida – 7 anos, em segundo; e “Flamengo, o futuro da mocidade do Brasil”, de Antonio Vieira – 14 anos, em terceiro¹⁴⁶.

¹⁴⁵ *Jornal dos Sports*, 02 de março de 1937, p. 4.

¹⁴⁶ *Jornal dos Sports*, 04 de maio de 1937, p. 4.

2.4 RECEPÇÃO E RESISTÊNCIA

Apesar de toda a propaganda política envolvendo o esporte, não se deve acreditar que a relação entre os ídolos esportivos e o governo fosse de completa e total subserviência. É certo que nem todos os atletas compartilhavam das mesmas idéias dos governos em que estavam inseridos, mas, por diversas razões, nem sempre suas divergências chegaram ao conhecimento público. Apesar de muitos acabarem por se adequarem ao sistema, como foram os casos de diversos esportistas na Argentina e no Brasil, alguns poucos se opuseram à situação presente e, até certo limite, ao jogo político em questão. No entanto, a censura aos meios de comunicação e as restrições impostas aos que não se adequavam às regras impostas pelo sistema, faziam com que poucos levantassem sua voz contra o que não concordavam e que menos ainda fossem os que conseguiam fazer sua voz chegar ao público.

O caso de atletas em conformidade com o governo de Getúlio Vargas é extenso, mas é na Argentina peronista que os esportistas mais se identificavam publicamente com o governo. Na Argentina, ao contrário do Brasil, tornou-se comum a propaganda do governo por meio dos principais atletas de cada modalidade esportiva. Como será visto mais adiante, era normal que esportistas dedicassem suas vitórias a Perón e Evita. Outros, como Juan Manuel Fangio, chegaram mesmo a visitar Eva Perón em seu leito de morte e se declaravam amigos pessoais do casal presidencial. Evita chegara a presentear Fangio com uma medalha da “Virgem de Luján”, santa padroeira da Argentina, a qual Fangio carregava sempre consigo e que acreditara ter-lhe salvado a vida em um grave acidente que sofrera em uma corrida.¹⁴⁷

O apoio a Perón pelos esportistas argentinos era, na realidade, massivo. Poucos se opunham ao regime. Entre esses, destacou-se o piloto Eusebio Marcilla, apelidado de “O

¹⁴⁷ Mundo Deportivo, 07 de agosto de 1952, p. 7.

Cavaleiro do Caminho”. Marcilla ganhara o apelido após ficar em segundo lugar na disputa “Buenos Aires-Caracas”, apenas 12 minutos atrás do vencedor, tendo perdido mais de 20 minutos socorrendo outros competidores que haviam se envolvido em acidentes. Entre eles estavam Juan Manuel Fangio e seu co-piloto Daniel Urrutia, que faleceu ao chegar no hospital, após terem capotado. Mesmo com todo este apelo emocional ao seu redor, Eusebio Marcilla sofreu severas restrições do governo ao se recusar a utilizar a propaganda oficial do governo em seu Chevrolet N° 3 preto. Por essa razão, seu nome foi retirado da lista de pilotos que eram agraciados com a isenção de impostos na importação de peças para seu carro. Victor Lupo conta que um renomado radialista do período, correligionário de Perón, se recusava a citar seu nome ao narrar as corridas. Este se referia a Marcilla como “o carro negro” ou “o Chevrolet N° 3”¹⁴⁸. Para os anti-peronistas, o Cavaleiro do Caminho era um símbolo de liberdade de pensamento. Eusebio Marcilla faleceu em 14 de março de 1953, após acidente em uma prova disputada na província de Santa Fé.

Dedicar a conquista a Perón era algo fundamental naquele período, talvez mais importante do que dedicá-la à própria nação. Como no caso de Noemi Simonetto, medalhista de ouro de salto em distância nas olimpíadas de 1948, que se sentiu relegada pela imprensa após uma entrevista em seu retorno dos jogos de Londres. Na ocasião, ao ser entrevistada por um jornalista que perguntou se ela dedicava sua medalha a Perón, a atleta disse que a dedicaria não a Perón, mas à pátria argentina.

Se tais momentos de resistência não eram comuns na Argentina, tampouco o eram no Brasil. Com um número bem menor de atletas no holofote da imprensa esportiva, visto que no Brasil o futebol ocupava quase a totalidade do espaço da mídia esportiva, e a censura atuante do DIP nas páginas dos diários nacionais, são poucos os casos conhecidos de esportistas brasileiros levantando sua voz contra o regime estabelecido. Um caso que ficou conhecido

¹⁴⁸ LUPU, Victor. *Historia política del deporte argentino (1610-2002)*. Buenos Aires: Corregidor, 2004, p. 233.

ocorreu nas eleições presidenciais que marcaram a redemocratização do país após os quinze anos da primeira Era Vargas. Os jogadores da seleção se concentravam em Caxambu e, no dia da eleição, 2 de dezembro de 1945, urnas improvisadas na concentração possibilitaram que os 32 jogadores votassem para presidente. Leônidas da Silva, o maior ídolo do futebol brasileiro desde a década de 1930, declarou então seu voto no candidato do PCB, Yedo Fiuza, justificando seu voto: “Votei no Fiuza porque sou um homem do povo.”¹⁴⁹ Assim, um dos maiores ídolos nacionais declarava sua proximidade do Partido Comunista, que apenas há pouco havia sido legalizado novamente no Brasil, e que em pouco tempo voltaria à ilegalidade.

Reforçando o que foi dito anteriormente, não se deve achar que tal produção cultural do Estado fosse ditada “de cima para baixo”, imposta pelos meios oficiais. A ideologia oficial deve ser vista como o resultado de um sistema de trocas de idéias já presentes em meio à sociedade, como uma negociação entre produtores e receptores. Não como uma visão pré-estabelecida a ser absorvida e adotada por uma massa maleável a ser manipulada. Não apenas a cultura de elite é absorvida e readaptada pelas camadas populares. A cultura popular também tem contato com as elites culturais, que são influenciadas por essa e por muitas vezes adotam e adéquam produtos culturais dessa de acordo com seu habitus.

Como exemplo deste processo de trocas, pode-se apontar para os casos do futebol e do samba, no Brasil, e do futebol e do tango, na Argentina. Vale notar que o futebol e o samba – assim como o tango – têm grande semelhança em seu processo de assimilação como ícones identificadores da nação. Na realidade, o samba, no Brasil, e o tango, na Argentina, fizeram o percurso oposto ao futebol nestes dois países. Ambos são manifestações culturais dos grupos

¹⁴⁹ Apud RIBEIRO, André. *O diamante eterno: biografia de Leônidas da Silva*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999, p. 191.

sociais mais populares que são absorvidos pelas elites, enquanto o futebol surge com as elites e é assimilado pelas camadas populares¹⁵⁰.

Vê-se assim que a preocupação de Vargas e Perón com o esporte apenas refletiam idéias já em voga em suas sociedades. Na verdade, essas preocupações não traziam em si nenhuma novidade. Seus modelos inspiracionais de propaganda, a Alemanha nazista e a Itália fascista, já havia muito se utilizavam também do esporte como um de seus diversos meios de propaganda política. E é justamente com esta intenção que a propaganda política varguista e peronista se aproximam do esporte.

É importante também ressaltar que a propaganda política, mesmo com o apoio de todos os meios de comunicação, funciona apenas como reforço a tendências já presentes na sociedade. Com isso, não se pretende afirmar que a propaganda política desempenhou um papel de menor importância ao que usualmente lhe é atribuído. Esta foi, de fato, um dos principais sustentáculos dos regimes em questão. No entanto, não se deve acreditar que a propaganda gerada pelo Estado conquistou o apoio unânime às suas idéias, como demonstra a afirmação de Perón acerca da eficiência dos meios de comunicação, após sua eleição em 1973: “Em 1955, tendo a totalidade dos meios [de comunicação] à disposição, fui derrotado; em 1945 e 1973, antes das eleições, a imprensa toda se opôs a mim não impedindo minha chegada à Casa do Governo.”¹⁵¹

¹⁵⁰ Uma análise comparativa entre o tango e o samba ainda carece de um estudo acadêmico mais aprofundado, mas certos apontamentos já foram traçados por Archetti. Cf. ARCHETTI, Eduardo P. “El potrero, la pista y el ring. Cuestiones metodológicas y problemas de comparación”. *Revista Digital Lecturas: Educación Física y Deportes*, 2003, n. 64. Sobre o samba no Brasil, ver VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. Sobre o tango na Argentina, ver ARCHETTI, Eduardo. *Masculinidades: fútbol, tango y pólo em La Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

¹⁵¹ Apud CAPELATO, Maria Helena R. *Multidões em cena: propaganda política no Varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998, p. 97.

3 O ESPORTE COMO POLÍTICA DE ESTADO

os desportos, sobretudo o futebol, exercem uma função social importante. A paixão desportiva tem poder miraculoso para conciliar até o ânimo dos integralistas com o dos comunistas ou, pelo menos, para amortecer transitoriamente suas incompatibilidades ideológicas. (...) É preciso coordenar e disciplinar essas forças, que avigoram a unidade da consciência nacional.

Getúlio Vargas¹⁵²

Ao assumirem o poder, Vargas e Perón começaram a colocar em prática propostas que representavam uma nova visão de Estado e de nação. As políticas desses governantes em relação ao esporte estavam inseridas em uma característica maior de seus governos, que visava ampliar a intervenção estatal em diversas dimensões da sociedade, como a saúde, a educação, o serviço social e a distribuição de bens culturais, entre tantos outros. O esporte estava inserido então como mais um, entre tantos outros instrumentos de mediação entre Estado e sociedade.

Desta forma, no que se refere à ingerência do governo sobre a sociedade civil, o esporte não foi um caso diferenciado. Ainda assim, tanto no Brasil como na Argentina, a intervenção do regime sobre o esporte pode ser vista como uma inovação para o período, uma vez que pela primeira vez, nos dois casos analisados, o Estado designava aparelhos que tinham como objetivo organizar, patrocinar, promover e controlar as atividades esportivas nacionais.

Nos governos de Vargas e Perón, o esporte começou a ser visto como um importante elemento na relação entre o regime e a sociedade. Tal fato não deve ser entendido apenas como uma resposta à crescente popularidade do esporte. Ainda que crescente em seus governos, a massificação do esporte já havia ocorrido muito antes destes governos.

¹⁵² Citado por LYRA FILHO, João. *Introdução à psicologia dos desportos*. Rio de Janeiro: Record, 1983, p.128.

Provavelmente, a influência dos regimes de Mussolini e Hitler sobre os dois governantes latino-americanos possa apontar para um melhor entendimento dessa nova visão política, uma vez que ambos tiveram uma estreita ligação com o esporte e sua utilização como propaganda política. O alto grau de mobilização popular nestes governos – também uma característica do nazi-fascismo europeu – pode ser igualmente visto como um fator relevante nessa visão política do esporte.

3.1 ESTADO E ESPORTE

Na utilização do esporte como política de Estado, os governos de Vargas e Perón buscaram uma identificação, por vezes direta, entre o regime e o sucesso obtido no campo esportivo. Outro ponto importante era a formação eugênica da juventude de uma nova nação, que daria origem a um novo homem, um novo cidadão.

A ligação do Estado com a juventude através do esporte tinha como um de seus objetivos formar o novo homem nacional através da educação física, moral, cívica e eugênica. Para tal, a aproximação do governo com o esporte não competitivo era importante. Assim, pode-se perceber uma maior interação dos governos analisados com a prática de educação física.

Mesmo não tendo sido iniciada sob os regimes estudados, a educação física foi vista com maior importância a partir de então, uma vez que era vista como responsável pela melhoria das qualidades físicas e morais dos indivíduos.

No Brasil, a prática da educação física se tornou obrigatória em todas as instituições de ensino a partir da Constituição de 1937. Os grandes desfiles como os do Dia da Raça (12 de outubro), com a organização de desfile de estudantes, apresentações de ginástica, cantos orfeônicos, e muito mais, eram eventos que valorizavam publicamente a disciplina e a

formação cívica da nação que se transformava. A imagem por estes desfiles apresentada foi bem descrita nas páginas da Revista de Educação Física:

São milhares de jovens que desfilam garbosos, disciplinados, cheios de maiores esperanças. São milhares de corações irradiando patriotismo e alegria [...], onde moças e rapazes, garbosos, fortes e satisfeitos enchem as ruas da cidade representando o nosso padrão racial.¹⁵³

A nova raça brasileira idealizada pelos intelectuais estadonovistas era representada por esses jovens sadios. Dessa forma o regime se apresentava como produtor de uma nova estirpe de brasileiros, de uma raça bem constituída, forte e perseverante. Em um período onde a própria idéia da formação e da identidade do povo brasileiro estava sendo redefinida, acreditava-se que o Estado teria papel fundamental em moldar a nova geração de brasileiros, transformando-os na base de um país a progredir.

A associação do esporte com o aprimoramento dos jovens também esteve presente na Argentina peronista. De acordo com o governo, as crianças deveriam ser iniciadas nas práticas esportivas ainda na escola. Além disso, o Estado estabeleceu, em 1953, uma organização de estudantes secundaristas chamada *Unión de Estudiantes Secundários* (UES), que reuniam estudantes sob o pretexto da prática de esportes e atividades físicas. Em seu curto tempo de existência sob o governo peronista, a UES se tornou rapidamente em uma entidade de alcance nacional e edificou instalações por todo o país, como o teatro Juan Domingo Perón, na capital federal. Como pode ser visto até mesmo pelo nome do teatro da entidade estudantil, a UES foi formada já como um braço do partido justicialista junto à juventude argentina, e desde seus primórdios teve uma atuação pública muito intensa de apoio ao presidente. Em todos os eventos públicos de apoio a Juan Perón, a UES marcava sua presença, e todos os periódicos ligados ao governo clamavam o apoio da juventude ao presidente. Assim como o partido oficial do governo, a UES era dividida em dois ramos, um masculino e outro feminino. Tal

¹⁵³ Apud SCHEMES, Claudia. *Festas cívicas e esportivas: um estudo comparativo dos governos Vargas (1937-1945) e Perón (1946-1955)*. Novo Hamburgo: Feevale, 2005, p. 89.

era o grau de proximidade da organização ao governo, que a primeira sede feminina foi construída na antiga residência presidencial, situada à rua Suipacha, no centro de Buenos Aires. A sede continha biblioteca, sala de musculação, refeitório e dormitórios para meninas de outras províncias que haviam recebido bolsas de estudo para estudar na capital. Alguns meses depois, outra sede feminina foi inaugurada na residência presidencial de Olivos¹⁵⁴.

O retrato de Perón, assim como algumas de suas frases famosas, estava presentes em todas as sedes da UES. Seu hino falava que “os jovens seguem os passos de Perón” e que “sentem seus corações queimarem com a chama luminosa de Perón”.¹⁵⁵ Não é de se estranhar então que, na ocasião da auto-proclamada “Revolução Libertadora”, que tirou Perón do poder, cercearam-se as atividades da UES, banindo vários de seus membros de competições esportivas em território nacional¹⁵⁶.

Apesar de todos os seus percalços, não se pode negar que a *Unión de Estudiantes Secundários* utilizou o esporte para atrair milhares de jovens argentinos, que se aproximavam assim do partido justicialista e do regime peronista.

A ligação do Estado argentino com a juventude não teve início apenas com a UES, em 1953. Desde o início de seu governo, Perón esteve próximo do esporte. No entanto, foi através de sua esposa Eva Perón que o Estado argentino alcançou seu maior grau de identificação com o esporte. Conhecida também como “Evita”, “Mãe dos Humildes”, “Dama da Esperança”, “Fada da Esperança” ou de “Chefa Espiritual da Nação”, Eva Perón assumiu a liderança da ação social, no país, em especial após a criação da Fundação Eva Perón.

¹⁵⁴ A criação da sede esportiva da UES na residência de Olivos foi muito utilizada pela propaganda antiperonista. Rumores sobre o estabelecimento começaram a circular. Alguns diziam que este havia sido erguido para desfrute do presidente e de seus colaboradores, outros chegaram mesmo a afirmar que ali se organizavam orgias entre o presidente e as estudantes que este corrompia. Após a queda de Perón, Nelli Rivas, uma das meninas da UES, publicou um livro no qual dizia ter tido um longo relacionamento amoroso com Perón enquanto participante da UES em Olivos, e que vivera com o presidente durante os últimos dois anos de seu governo, como sua amante. Não busco aqui levantar a veracidade deste relato, mas mesmo que não seja verdadeiro, ele é um bom indicativo dos rumores que surgiram no período.

¹⁵⁵ Apud REIN, Raanan. ‘El Primer Deportista’: the political use and abuse of sport in peronist Argentina. *The International Journal of the History of Sport*, v. 15, n. 2, 1998, p. 66. Tradução nossa.

¹⁵⁶ LUPO, Victor. *Historia política del deporte argentino (1610-2002)*. Buenos Aires: Corregidor, 2004, p. 294.

A Fundação Ajuda Social Maria Eva Duarte de Perón foi criada em 1948, e mais tarde teria seu nome mudado apenas para Fundação Eva Perón.¹⁵⁷ Também conhecida apenas como A Fundação (*La Fundación*), era administrada pelo Ministro da Fazenda de Perón, Ramón Cereijo¹⁵⁸, e apesar de ser, teoricamente, uma entidade não-governamental, era intimamente ligada ao partido justicialista e aos seus principais líderes. A princípio, a Fundação tinha como recursos apenas doações espontâneas de quem havia se identificado com o espírito benfeitor de Evita. No entanto, logo se estabeleceram duas datas anuais nas quais seriam descontadas as “contribuições” dos trabalhadores argentinos à Fundação, descontadas diretamente de seus contracheques. As datas escolhidas eram emblemáticas, O Dia dos Trabalhadores (1º de maio) e o dia que marcara a ascensão de Perón ao poder, o 17 de outubro, institucionalizado então como o Dia da Pátria.

Com toda essa arrecadação, a Fundação Eva Perón logo se tornou uma grande ferramenta de propaganda peronista, exaltando a imagem de Evita, que viria a se tornar um verdadeiro mito argentino. Com sua Fundação, Eva Perón assumiu a liderança da ação social, no país. Assim, sua imagem alcançou uma grandeza ímpar no regime peronista, tornando-se uma figura quase sagrada, especialmente para seus *hijos*, os descamisados. Sua imagem passou a ser tão importante quanto a do próprio Perón, como pode ser percebido através do slogan popular, “*Perón cumple, Evita dignifica*”.

Além de toda sua atuação social junto às crianças, aos jovens e aos necessitados, Evita desempenhou um forte papel junto aos esportes no país, atuando junto a seu marido na promoção de uma identidade nacional, da Nova Argentina, especialmente junto às crianças.

¹⁵⁷ Decreto 20.268, de setembro de 1950. Apud LUPO, Victor. *Historia política del deporte argentino (1610-2002)*. Buenos Aires: Corregidor, 2004, p. 182.

¹⁵⁸ O ministro da fazenda de Perón, Ramón Cereijo, era um grande fã de esportes, em especial do Racing Club de Avellaneda, o mesmo time para o qual torcia Perón. Durante os anos peronistas, o Racing foi um dos times mais fortes do futebol argentino, tendo sido tricampeão argentino em 1949-50-51. Devido ao apoio recebido pelos nomes do governo, o Racing ganhou o apelido de *Deportivo Cereijo*. Cf. REIN, Raanan. ‘El Primer Deportista’: the political use and abuse of sport in peronist Argentina. *The International Journal of the History of Sport*, v. 15, n. 2, 1998, p. 58.

Através da Fundação que levava seu nome, o governo promovia campeonatos infantis de diversos esportes, conhecidos como *Campeonatos Infantis Evita*.

Os Campeonatos Evita tiveram início em 1948, envolvendo apenas crianças da Grande Buenos Aires, com o nome de “*Doña Maria Eva Duarte de Perón*”.¹⁵⁹ O campeonato foi um sucesso tão grande que, em março de 1949 foi disputado um jogo beneficente para o auxílio das crianças italianas vítimas da guerra, na qual foi disputada uma partida entre duas seleções mirins provenientes deste campeonato – a seleção da capital e a da província de Buenos Aires. O Jogo foi organizado pela Comissão Organizadora do Campeonato Evita, presidida por Ramón Cereijo. Os Campeonatos Evita passaram então a serem disputados anualmente, agora envolvendo times de crianças de todas as províncias argentinas, com a denominação de Campeonato Argentino de Futebol Infantil ‘Evita’. Nas primeiras etapas os times jogavam contra outros de suas províncias e, na fase final, os vencedores se enfrentavam na capital federal. Os jogos finais eram disputados em estádios de times profissionais, como os do River Plate, do Boca Juniors e do San Lorenzo, e contavam com a presença de Perón e Evita, além de outros políticos da alta esfera do governo.

Estes campeonatos receberam grande atenção da mídia peronista, especialmente do semanário *Mundo Deportivo*, uma vez que além de associarem o regime à prática esportiva infantil, auxiliavam na criação de um sentimento de identificação e integração nacional, ao promover a disputa direta entre crianças de todas as províncias em um “campeonato argentino”. Raanan Rein cita um dos primeiros números do semanário infantil do grupo Haynes, *Mundo Infantil*, que se referia aos Campeonatos Evita dizendo:

O Campeonato Evita irá realizar o sonho de professores e líderes: ele irá unir a juventude argentina através de um laço que transcenderá divisões locais, e mesmo provinciais, porque a voz do esporte é gritante, poderosa, envigorante e eletrificante. Neste quadro, todos se sentirão como iguais, todos pensarão da mesma maneira.”¹⁶⁰

¹⁵⁹ El Gráfico, 24 de setembro de 1948, p.63.

¹⁶⁰ Apud REIN, Raanan. ‘El Primer Deportista’: the political use and abuse of sport in peronist Argentina. *The International Journal of the History of Sport*, v. 15, n. 2, 1998, p. 59. Tradução nossa.

O mesmo sentimento de unidade nacional foi apontado por Carlos Aloé, em seu editorial em *Mundo Deportivo*, ao escrever que “Niños de todas las latitudes de la Patria intervendrán, cotejando sus fuerzas, para establecer cuál de sus equipos es el mejor.”¹⁶¹

A popularidade das competições foi assombrosa. A primeira edição do campeonato em 1948 contou com mais de 15 mil participantes¹⁶², e o número crescia à medida que o campeonato englobava mais províncias e se tornava mais popular. No ano seguinte, a imprensa peronista já alardeava que o número de inscritos ultrapassara os 150 mil¹⁶³. Em 1953 foram instituídos os Jogos Esportivos Juvenis Juan Perón, e o número total de participantes dessas competições excedia os 200 mil inscritos.¹⁶⁴

É também importante notar que, além do sentimento nacional gerado pelas competições, estas também carregavam a imagem dos governantes consigo. Tal era a ligação do regime, e em especial de Eva Perón, com a competição que, entre as várias equipes envolvidas, diversas possuíam nomes que faziam referência ao peronismo, como “17 de Outubro” e “San Martín”. No Campeonato Evita de 1952, o time campeão de Santa Fé tinha o nome de “Evita, Estrela da Manhã”.¹⁶⁵ Antes dos jogos, os participantes cantavam as marchas “Evita Capitana” e a marcha “Los Muchachos Peronistas”, além da marcha oficial do campeonato, na qual diziam: “A Evita devemos nosso clube, por isso lhe guardamos nossa gratidão. Nós cumprimos os ideais, nós cumprimos a Missão, da Nova Argentina de Evita e Perón”.¹⁶⁶

Mas os Campeonatos Infantis Evita não se resumiam ao futebol. Logo outras modalidades esportivas passaram a ser disputadas nestes campeonatos, como basquete,

¹⁶¹ Mundo Deportivo, 27 de outubro de 1949, p. 22.

¹⁶² REIN, Raanan. ‘El Primer Deportista’: the political use and abuse of sport in peronist Argentina. *The International Journal of the History of Sport*, v. 15, n. 2, 1998, p. 63.

¹⁶³ Mundo Deportivo, 27 de outubro de 1949, p. 22.

¹⁶⁴ REIN, Raanan. *Op. cit.* p. 63.

¹⁶⁵ Mundo Deportivo, 20 de março de 1952.

¹⁶⁶ Apud REIN, Raanan. *Op. cit.* p. 64.

atletismo e pólo aquático. E em cada um desses, Perón e sua esposa eram presenças garantidas no jogo final, seja dando o pontapé inicial nas partidas de futebol, distribuindo medalhas ou saindo em diversas fotos que seriam publicadas nos mais diversos jornais argentinos no dia seguinte.

A ligação de Vargas com o esporte não era nem mesmo próxima à conquistada por Perón. Vargas tentou estabelecer um vínculo entre sua filha Alzira Vargas e a seleção brasileira de 1938, nomeando-a madrinha da seleção nacional. No entanto, tal relação não pode ser comparada à importância de Evita para o esporte argentino, o que não teve paralelos na história do esporte brasileiro, e talvez em nenhum outro país.

Outra grande diferença entre a relação de Vargas e Perón com o esporte era a imagem esportiva do presidente. Além de não possuir um tipo físico esportivo, Getúlio não possuía sua imagem identificada com a prática esportiva. Através de diversas entradas em seu diário, Getúlio se declara um golfista amador. Em 5 de junho de 1938, escreve: “Pela manhã, fui ao golf no Itanhangá.”¹⁶⁷ Em 22 de janeiro de 1939, diz: “Fui ao golf, como de costume.”¹⁶⁸

No entanto, a imagem de um presidente golfista não é algo com o qual a grande massa da população possa se identificar, ou mesmo identificá-lo como esportista. Ainda mais visto que o golfe não era um esporte consumido pela grande maioria da população brasileira no período.

Já na Argentina, a imagem esportiva construída por Perón foi quase diametralmente oposta. A identificação do presidente com o esporte atingiu proporções tão avassaladoras, que ele era conhecido como “El Primer Deportista”. Como publicou o semanário *Mundo Deportivo*, “Perón y deporte se confunden como causa y efecto.”¹⁶⁹

¹⁶⁷ VARGAS, Getúlio. *Diário*. 2V. v. 2. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: FGV, 1995, p. 138.

¹⁶⁸ *Ibid.*, p. 194.

¹⁶⁹ *Mundo Deportivo*, 29 de abril de 1954, p. 4.

Durante sua juventude, Perón dizia ter praticado tiro, pólo, natação, futebol, esqui, basquetebol, esgrima e boxe. Campeão argentino de esgrima de 1918 a 1928¹⁷⁰, Perón fora selecionado para participar dos Jogos Olímpicos de 1924 pela Argentina, mas teve sua autorização negada pelo então Ministro da Guerra, Augustín P. Justo¹⁷¹. Além de grande esgrimista, dizia-se também que Perón havia sido um grande boxeador amador em sua juventude. Em um número do semanário *Mundo Deportivo* que contou com um fascículo sobre a história do boxe na Argentina, o então Presidente da República é mencionado entre tantos outros pugilistas, profissionais e amadores, que haviam marcado a história da modalidade. Sob seu nome, o artigo destaca:

Hemos separado de intento un nombre, de entre los varios que contribuyeron a la mayor difusión y mejor comprensión del boxeo entre el pueblo. Ese nombre es el del hoy presidente de la Nación, general Juan Perón, quien en aquellos tiempos estimuló con su entusiasmo y dedicación los balbuceos del deporte, y terminó por dejar una obra de carácter permanente con la fundación de Boxing Club de Paraná.

[...]

La Historia del boxeo en la Argentina no puede, por lo tanto, olvidar al general Juan Perón. A su hora habremos de rendirle el mismo agradecido homenaje que como él ganaron quienes hicieron grande el deporte merced a su amplio punto de vista, a su entusiasmo y dedicación permanentes.¹⁷²

Vê-se assim que a imagem do presidente era profundamente ligada aos esportes. De fato, o Primeiro Esportista argentino era identificado com praticamente todas as modalidades esportivas. Em outra ocasião, já em 1954, o semanário esportivo ligado ao governo dedica um número praticamente inteiro ao general. Em um de seus artigos, destaca toda a versatilidade e excelência do primeiro mandatário no esporte.

Perón conoció a la juventud en los campos de deportes, a los que frecuentó como atleta integral. El boxeador de las clases académicas se transformó en el esgrimista de estilo clásico, y en esa prodigiosa multiplicación de personalidades que forja el estadio, pasó a ser basquetbolista pionero, y futbolista sagaz, tanto como automovilista fervoroso, capaz motociclista.¹⁷³

¹⁷⁰ MASSARINO, Marcelo. 'Por Perón y por la patria'. Um análisis Del discurso peronista y deporte (1946-1955). *Revista digital Lecturas: educación física y deportes*, n. 46, abril, 2001. Disponível em: <www.efdeportes.com>. Acesso em: 20 nov. 2007, foto 5.

¹⁷¹ LUPO, Victor. *Historia política del deporte argentino (1610-2002)*. Buenos Aires: Corregidor, 2004, p. 190.

¹⁷² *Mundo Deportivo*, 20 de abril de 1950, p. 59.

¹⁷³ *Mundo Deportivo*, 22 de abril de 1954, p. 27.

Além de ser um *sportsman* exemplar, Perón era também visto como o grande guia esportivo da nação, assim como o responsável por todo sucesso esportivo alcançado. Através do Ministro da Fazenda, Ramón Cereijo, o Estado liberava vultosas somas para os clubes profissionais. O futebol não era o único esporte agraciado, mas no topo da lista se encontrava o Racing Club, que recebera do governo 16.700.000 pesos¹⁷⁴. Outros clubes populares receberam também elevadas quantias, como o Club Atlético Boca Juniores, \$10.000.000, o River Plate, \$7.000.000, Vélez Sarsfield, \$6.000.000, entre muitos outros. O total da verba de governo destina aos clubes teria sido, de acordo com os números do semanário Mundo Deportivo, 111.923.000 pesos, montante que o jornal esportivo diz ter “contribuido a hacer la felicidad de los deportistas, que es como decir del pueblo todo.”¹⁷⁵

A associação do regime com o esporte atingiu proporções tão grandes na Argentina, que várias praças esportivas foram batizadas em homenagem ao primeiro mandatário e sua esposa. Em setembro de 1950, o Racing inaugura seu novo estádio, construído com as acima mencionadas verbas do governo, batizado Estádio Presidente Perón. Já o Club Atlético Sarmiento – que teria recebido \$1.250.000 do governo – inaugurou seu estádio em julho de 1951, sob o nome de Estádio Eva Perón. Outros esportes também foram contemplados com a construção de suas praças, a maioria com nomes ligados ao peronismo, como o velódromo Presidente Perón, em Palermo, e o autódromo 17 de outubro, em Buenos Aires, nomeado em homenagem à marcante data peronista¹⁷⁶. Foi comum, durante o período peronista, a nomeação de campeonatos, troféus e centros esportivos com nomes peronistas ou associados ao movimento justicialista.

¹⁷⁴ Números oficiais, retirados do semanário peronista Mundo Deportivo, 22 de abril de 1954, pp. 52-54.

¹⁷⁵ Mundo Deportivo, 22 de abril de 1954, p. 54.

¹⁷⁶ Em 17 de outubro de 1945, milhares de pessoas se reuniram na Plaza de Mayo para pedir a libertação do então coronel Perón, que havia sido preso por um grupo de militares. Perón foi solto no mesmo dia e discursou à multidão do balcão central da Casa Rosada, de onde anunciou que concorreria às eleições de fevereiro de 1946, quando se tornou presidente argentino. Ver seção 1.3 desta dissertação.

A construção de estádios também foi uma realidade no governo de Getúlio Vargas, mesmo que em escala muito menor. Dentre as praças esportivas construídas no Brasil, destaca-se o estádio municipal do Pacaembu, inaugurado em 27 de abril de 1940. Este estádio, aliado ao estádio de São Januário, no Rio de Janeiro, seria um dos grandes palcos do espetáculo do poder do governo Vargas. Assim como os estádios argentinos sob Perón, os estádios brasileiros serviram de palco para várias festas cívicas. Entre tais festas destacavam-se o aniversário de Vargas (19 de abril), o Dia da Independência (7 de setembro) e, em especial, o Dia do Trabalho (1º de maio).

3.2 AS FESTAS CÍVICAS

Os esportes e as festas públicas funcionavam como a teatralização de uma imagem de “nação feliz e longeva”. Ao mesmo tempo, essas celebrações cívicas comemoravam o “novo”. Um novo governo, um novo regime, um novo país, seja este o Estado Novo de Vargas ou a Nova Argentina de Perón. Nesse sentido, Claudia Schemes aponta esse caráter de ruptura com o antigo dessas festas, afirmando: “A festa cívica reforça a imagem do poder, comemorando a morte do passado – o velho – e a instauração do novo – o futuro.”¹⁷⁷ A autora estressa que o novo tempo marcado por Getúlio e Perón trazia consigo a idéia de ruptura com um passado arcaico e atrasado. E era através de uma nova geração de brasileiros e argentinos que esse passado seria superado, sob a condução de seus líderes, que se encontravam acima das disputas que dividiam a sociedade.

Essa nova geração tinha sua ligação com o esporte ressaltada através da construção de uma nova raça, tendo em vista o velho ideal de “*mens sana in corpore sano*”. Tal ideal era

¹⁷⁷ SCHEMES, Claudia. *Festas cívicas e esportivas: um estudo comparativo dos governos Vargas (1937-1945) e Perón (1946-1955)*. Novo Hamburgo: Feevale, 2005, p. 34.

constantemente lembrado por Vargas e Perón em seus discursos ou em suas propagandas oficiais. Como apontou Perón em discurso durante uma competição esportiva:

Seja nossa homenagem para as glórias do esporte que nos acompanham, para os campeões, para todos os desportistas que estão construindo a Nova Argentina que desejamos, de homens sãos, robustos e fortes. Porque fazem nações fortes, os povos sãos e vigorosos.¹⁷⁸

A formação desta nova geração tinha nas festas cívicas sua apoteose. No Brasil, eram em festas cívicas como o Dia da Raça e o Dia da Juventude que se celebrava essa nova raça brasileira de maneira espetacular. Festejadas normalmente em estádios de futebol ou nas ruas da cidade, contavam com grandiosos desfiles de crianças e jovens uniformizados e ensaiados, em um majestoso teatro da grandiosidade pátria e de seu chefe, onipresente na festividade através de centenas de retratos distribuídos pelos participantes, que os ostentavam com orgulho.

As celebrações em estádios de futebol já ocorriam no Brasil desde o início do Governo Vargas. Mas, após a instauração do Estado Novo, estas celebrações se intensificam. As comemorações da Semana da Pátria – a semana do 7 de setembro – eram sempre recheadas de eventos e apresentações esportivas, algumas delas em estádios, principalmente em São Januário. A Hora da Pátria, celebrada no dia 7 de setembro, foi por muitas vezes celebrada no estádio, assim como as festas do 1º de maio.

O estádio do Fluminense também era utilizado. Sede da Escola de Educação Física, era palco de diversas apresentações dos alunos da Escola. Até mesmo o Dia do Marinheiro, em 1938, foi motivo de exibições militares e esportivas no estádio das Laranjeiras. Festas no Dia das Crianças, no Dia da Raça e na Semana da Pátria eram freqüentemente celebradas com eventos esportivos. No entanto, a maior celebração Varguista era, certamente, o Dia do Trabalho.

¹⁷⁸ Apud SCHEMES, Claudia. *Festas cívicas e esportivas: um estudo comparativo dos governos Vargas (1937-1945) e Perón (1946-1955)*. Novo Hamburgo: Feevale, 2005, p. 112.

No 1º de maio, Getúlio Vargas sempre participava da comemoração pública oficial, que por diversas vezes ocorreu no estádio de São Januário. O estádio ficava lotado de pessoas que se dirigiam de todos os cantos da cidade, em linhas especiais de ônibus e bondes que transportavam passageiros gratuitamente. A entrada no estádio era franca, tudo feito de modo a incentivar a presença popular nas arquibancadas do então maior estádio da capital brasileira. Getúlio adentrava o gramado do estádio em carro aberto, normalmente acompanhado do Ministro do Trabalho e de alguns membros de seu gabinete. Tocava-se então o Hino Nacional, seguido de vários discursos e de desfiles de atletas militares e operários. O simbolismo do evento era grandioso, sendo este transmitido pelo DIP para todo o país, além de ser traduzido para outros idiomas e retransmitido para o exterior. Nestas cerimônias, Vargas assinava publicamente algum decreto em benefício aos trabalhadores – como o que instituía o salário mínimo, assinado em 1940 – e se retirava do estádio de forma triunfal, sendo saudado pelo povo, que “atira-lhe flores, desfralda bandeiras, ergue vivas, numa apoteose que demora vários minutos”.¹⁷⁹

Em 1942, nas comemorações do 1º de maio, Getúlio Vargas estava programado para participar das festividades das tribunas do estádio de São Januário, quando tinha o costume de assinar decretos de leis trabalhistas. No entanto, um imprevisto fez com que o presidente não pudesse participar das celebrações neste dia. Ao retornar de Petrópolis e se dirigir para o estádio de São Januário, um acidente de carro fez com que Vargas não participasse das celebrações naquele ano, que seria a última a ser organizada no estádio de futebol. A partir de 1943, as celebrações do Dia do Trabalho no Rio de Janeiro passaram a ocorrer na esplanada do Castelo, com Vargas se dirigindo à população da sacada do 3º andar do Palácio do Trabalho. As festas ainda contavam com desfiles de trabalhadores e corais regidos por Villa-

¹⁷⁹ Correio da Manhã, 03 de maio de 1941, p. 6.

Lobos, mas as tradicionais disputas de futebol que ocorriam após as festividades já não mais ocorriam.

Em São Paulo, o estádio do Pacaembu tinha função similar à de São Januário na capital federal. Em geral sem a presença do presidente, que participava das celebrações no Rio de Janeiro, as festas do 1º de maio paulista também agregavam milhares de pessoas¹⁸⁰. Assim como no Rio de Janeiro, parte das arquibancadas era reservada para sindicatos e associações trabalhistas e grupos militares. As festas contavam com desfiles militares, exibição de pilotos da aeronáutica, e partidas amistosas de futebol, envolvendo os melhores jogadores da cidade. Tudo sempre muito bem controlado, documentado e divulgado – até para o exterior – pelo DIP.

Já na Argentina, as festas cívicas eram realizadas de forma mais freqüente nas ruas da cidade, em especial da Praça de Maio. Segundo Clauda Schemes,

as festas argentinas eram realizadas em diversas situações, como por exemplo, antes das eleições, depois de agitações políticas, nas datas mais importantes para o país e para o regime, ou quando Perón queria impressionar seus opositores com uma mostra pública de solidariedade popular.¹⁸¹

Em festas como o 17 de outubro, multidões se espremiavam em frente à Casa Rosada, esperando por horas até que Perón e Evita aparecessem nos balcões da casa do governo. O casal presidencial era recebido com grandes ovações, gritos, emoção e clamor.

No entanto, tais festividades não costumavam contar com eventos esportivos. O 1º de maio peronista era celebrado com grandes desfiles pelas ruas de Buenos Aires, organizados pela CGT, com a participação de trabalhadores e militares em conjunto, encabeçados pelo presidente. Estes evoluíam pela *Avenida de Mayo*, da Praça do Congresso até a concentração na *Plaza de Mayo*, seguidos pelos discursos de Juan e Evita Perón.

¹⁸⁰ Em 1944, Vargas celebrou o 1º de maio no estádio do Pacaembu, em São Paulo.

¹⁸¹ SCHEMES, Claudia. *Festas cívicas e esportivas: um estudo comparativo dos governos Vargas (1937-1945) e Perón (1946-1955)*. Novo Hamburgo: Feevale, 2005, p. 43.

A maior celebração pública esportiva em homenagem ao regime peronista foi, sem dúvida, um desfile organizado pela CADCOA (Confederação Argentina de Desportes – Comitê Olímpico Argentino), em abril de 1954, em homenagem ao presidente. O desfile, realizado na Avenida Corrientes, uma das principais vias da capital argentina, contou com aproximadamente 50 mil atletas¹⁸² das mais variadas modalidades, como pólo, hóquei, beisebol, luta, boxe, futebol, basquetebol e ciclismo, entre outros. Até mesmo Juan Manuel Fangio participou do desfile, pilotando sua Ferrari na ala dos automobilistas, assim como astros do futebol argentino, como Labruna e Loustau, entre tantos. A multidão, formada por jovens e adultos, todos vestindo trajes esportivos, lotaram a avenida.

O desfile, um tipo de festa cívica desportiva, tinha como objetivo agradecer ao presidente da nação, toda a ajuda que este havia cedido aos esportes nacionais. O clima festivo, de comemoração do sucesso pátrio e sua ligação com o presidente, contando com o discurso de autoridades políticas e com exibições públicas da aeronáutica, aproximavam-no de uma festa cívica, da comemoração de alguma data nacional.

Em um período no qual seu governo já apresentava fortes dissidências e mostrava sinais de enfraquecimento, o mundo esportivo buscava mostrar todo seu apoio ao seu grande líder, ao Primeiro Desportista. Como apontou o jornal Clarín,

No faltó en el desfile ningún deporte. Todos estuvieron dignamente representados, porque todos han recibido de parte del general Perón la ayuda y el estímulo que necesitaban para desarrollarse y alcanzar los legítimos y orgullosos triunfos que nuestra juventud merecía por su esfuerzo, su dedicación y su destreza, triunfo que el pueblo argentino ha celebrado siempre con la íntima satisfacción y el fervor patriótico que tenía derecho a expresar. [...] El polo y el ciclismo, el ajedrez y la natación, el automovilismo y la equitación, el hipismo y el motociclismo, el fútbol y el atletismo en sus diversas ramificaciones, al igual que otras prácticas y ejercicios destinados a vigorar el cuerpo y la mente de la raza.¹⁸³

¹⁸² Clarín, 22 de abril de 1954, p. 1.

¹⁸³ Clarín, 22 de abril de 1954, p. 3.

Esse desfile de esportistas argentinos, assim como os eventos esportivos das festas cívicas brasileiras, utilizava-se do capital simbólico envolvido no esporte, tendo em vista associá-lo ao regime e a seus líderes. A associação entre o esporte e a festa cívica era mais uma ferramenta na promoção da simbiose esporte/Estado. Além de contribuir para a formação do clima festivo e da sensação de progresso, ambos de fundamental importância para os governos de Vargas e Perón.

3.3 A REGULAMENTAÇÃO DO ESPORTE

Como visto acima, o esporte foi uma importante ferramenta de propaganda política empregada pelos governos de Vargas e Perón. A propaganda Varguista tinha no futebol sua maior fonte de elementos nacionalistas, fator derivado da supremacia colossal do futebol sobre as outras modalidades esportivas no Brasil. Mas isso não significa que os outros esportes fossem esquecidos e deixados de lado. Olhando mais a fundo, pode-se mesmo constatar a influência governamental na tentativa de se associar o futebol a outros esportes na tentativa de arrecadação de fundos e adeptos – assunto que pode ser estudado e analisado mais profundamente em outro trabalho. Já na Argentina, por outro lado, o futebol aparece como mais um esporte a ser associado ao governo. Apesar de ser, como no Brasil, o esporte mais popular na Argentina, outras modalidades esportivas ganharam tanta atenção como o futebol, com divulgação, infra-estrutura e financiamentos.

Desta forma, não é de se espantar que em ambos os países fossem elaborados projetos de intervenção estatal nos esportes. A demanda de uma intervenção estatal nos esportes se deu no Brasil sob o governo de Getúlio Vargas. Antes mesmo da instauração do Estado Novo, já se discutiam projetos acerca da “oficialização dos esportes”. Projetos como os do deputado Pádua Soares e do capitão João Alberto. No primeiro, “o deputado paranaense achava que se

devia dar poderes absolutos ao governo para uma quase intervenção”¹⁸⁴, tendo Pádua Soares proposto um “absolutismo de poderes” do governo, o que não tardaria a chegar com a implantação do Estado Novo. Já o capitão João Alberto, que recebera a incumbência de elaborar tal proposta diretamente de Getúlio, sugere a criação de um Departamento de Educação Física, um órgão do Estado que controlaria todos os esportes e “não admitiria a interferência de qualquer outro ministério”.¹⁸⁵

No entanto, apesar do pedido de Vargas pela aprovação de tais projetos na Câmara, a oficialização dos esportes viria apenas em abril de 1941. No dia 16 foi publicado no Diário Oficial da União o decreto-lei que criava o Conselho Nacional de Desportos (CND), no Ministério da Educação e Saúde. O CND tinha como função “orientar, fiscalizar e incentivar a prática dos desportos em todo o país”.¹⁸⁶ Em outras palavras, o conselho detinha o controle total dos desportos, o “absolutismo de poderes” que anos antes o deputado Pádua Soares pedia à Câmara. A criação do CND marcou o início do retorno da CBD ao comando do futebol brasileiro.

O Decreto-Lei n. 3.199 vai além da criação do CND. Toda a estrutura da organização desportiva brasileira é alterada. De acordo com o decreto, cada esporte, ou grupo de esportes, poderia se organizar em apenas uma confederação em todo território nacional, sendo essa, necessariamente filiada à entidade internacional de seu ramo desportivo.¹⁸⁷ Cada unidade territorial brasileira – Distrito Federal, estados e territórios – teriam uma federação filiada a cada confederação. O decreto-lei lista as confederações calcadas pela lei:

- I - Confederação Brasileira de Desportos.
- II - Confederação Brasileira de Basquetebol.
- III - Confederação Brasileira de Pugilismo.
- IV - Confederação Brasileira de Vela e Motor.
- V - Confederação Brasileira de Esgrima.

¹⁸⁴ Jornal dos Sports, 03 de janeiro de 1937, p. 1.

¹⁸⁵ Jornal dos Sports, 05 de fevereiro de 1937, p. 4.

¹⁸⁶ Decreto-Lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941. Diário Oficial da União, 16 de abril de 1941.

¹⁸⁷ “Os desportos universitários e os da Juventude Brasileira, bem como os da Marinha, os do Exército e os das forças policiais” teriam uma organização à parte dos demais desportos, ligadas diretamente ao CND. Decreto-Lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941. Diário Oficial da União, 16 de abril de 1941.

VI - Confederação Brasileira de Xadrez.¹⁸⁸

A Confederação Brasileira de Desportos aparece então como a principal confederação desportiva do país, sendo responsável pela organização do futebol, do tênis, do atletismo, do remo, da natação, dos saltos, do pólo aquático, do vôlei, do handebol e de qualquer outra modalidade desportiva que não se enquadrasse em nenhuma das outras confederações. As outras confederações têm competência administrativa sobre as modalidades descritas em sua nomeação. Isso não significa que o futebol receba o mesmo tratamento que as outras modalidades desportivas, visto que o próprio decreto - lei afirma que “o futebol constitui o desporto básico e essencial da Confederação Brasileira de Desportos”. Sob a égide da CBD são criadas federações de desportos em todas as unidades federais, que substituem as ligas especializadas no controle local dos esportes administrados pela confederação. No Distrito Federal, a Liga de Football do Rio de Janeiro dá lugar à Federação Metropolitana de Futebol, e em São Paulo é criada a Federação Paulista de Futebol.¹⁸⁹

O conselho detinha controle quase total não apenas sobre os esportes, como também sobre as entidades desportivas. Os estatutos das confederações e das federações a elas filiadas tinham que ser aprovados pelo CND, que poderia propor ao Ministro da Educação a criação ou a supressão de qualquer confederação. No tocante às competições internacionais, o Conselho Nacional de Desportos exercia um controle ainda mais rígido. A participação de qualquer clube ou entidade em uma competição internacional deveria ser previamente autorizada pelo CND. Caso o conselho decidisse pela participação de alguma equipe em um campeonato internacional, esta não poderia abster-se da convocação. Assim, os clubes que

¹⁸⁸ Decreto-Lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941. DOU de 16 de abril de 1941.

¹⁸⁹ A criação do CND devolve à CBD, e à elite que a dirigia, o controle do futebol brasileiro. Sobre A criação do CND, ver DRUMOND, Maurício. Os gramados do Catete: futebol e política na Era Vargas (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; SANTOS, Ricardo Pinto. *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, pp. 107-132.

cedessem jogadores a esses campeonatos não poderiam pleitear qualquer indenização pela perda temporária de seus atletas, a não ser em caso de jogos amistosos.

O CND também atuava junto ao governo federal na utilização do futebol para fins de propaganda. Como exemplo pode-se citar o caso dos jogos em homenagem à Força Expedicionária Brasileira (FEB). Com a entrada do Brasil na II Guerra Mundial, a FEB se preparou para tomar parte no combate, em 1944. Entretanto, a indiferença parecia tomar conta de grande parte da população brasileira. O embarque dos pracinhas para o teatro de operações da Itália não havia despertado o sentimento cívico do povo. Desta forma, o então Ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra, insatisfeito com a falta de sentimento cívico brasileiro, teria pedido o auxílio do presidente do CND, João Lyra Filho, para tentar despertar os bríos da população. O presidente do Conselho Nacional de Desportos sugeriu a realização de evento festivo para a despedida dos pracinhas. Deste modo, o CND promoveria a realização de duas partidas da seleção brasileira, uma na capital do país, em São Januário, e outra em São Paulo, no Pacaembu – os estádios de maior capacidade do país e de estreita ligação simbólica com o Estado. Os jogos da seleção brasileira contra o Uruguai eram, sem dúvida, um excelente chamariz, visto que as competições internacionais estavam estagnadas desde a entrada do Brasil na guerra, em agosto de 1942. João Lyra Filho chegou até a aconselhar que Getúlio fizesse as mudanças pretendidas em seu ministério até 24 horas antes do primeiro jogo, com o seguinte argumento:

[...] se o Sr. substituir ministros agora, o povo receberá qualquer nome sem o mínimo interesse, absolutamente alheio ao que a troca possa significar. O povo só está interessado na escalação do Selecionado que irá competir com os campeões do mundo.¹⁹⁰

Em 14 de maio chega o esperado dia. Milhares de pessoas comparecem ao estádio de São Januário para o primeiro jogo entre brasileiros e uruguaios. O primeiro jogo, na capital de

¹⁹⁰ LYRA FILHO, João. *Introdução à psicologia dos desportos*. Rio de Janeiro: Record, 1983, p. 126.

República, contou com a presença de importantes nomes do governo na tribuna de honra, como Oswaldo Aranha, Eurico Gaspar Dutra e Joaquim Salgado Filho, ministros do Exterior, da Guerra e da Aeronáutica, respectivamente, além de oficiais do governo uruguaio. O jogo foi precedido de muitas formalidades em homenagem ao Corpo Expedicionário Brasileiro. Quatro dias depois, no estádio do Pacaembu, registrava-se a maior renda do estádio até então. Mais de 45 mil pessoas e Cr\$ 574.392,00. Nem mesmo a confusão dentro de campo, com um zagueiro uruguaio sendo retirado de maca desacordado, ofuscou o sucesso do evento.

Buscava-se assim moldar a futura geração brasileira através do esporte. A mesma idéia era recorrente na Argentina justicialista de Perón.

Na Argentina, já em julho de 1946, Juan Carlos Zabala, medalhista de ouro na maratona das Olimpíadas de 1932, declara-se a favor do “projeto de nacionalização dos esportes”, em entrevista cedida à revista *El Gráfico*¹⁹¹. Vê-se assim que um projeto de controle dos esportes já estava em progresso desde o início do governo Perón. É nesse sentido que diversas leis vão sendo aprovadas, visando o incentivo ao esporte e sua dependência do auxílio estatal. Em 1946 é sancionada uma lei que autoriza, através da Comissão Nacional Honorária de Fomento ao Esporte, empréstimos para a construção de estádios, campos e instalações a centros esportivos, assim como uma lei eximindo as associações desportivas do pagamento de impostos nacionais¹⁹². No entanto, foi com a criação do *Conselho Nacional de Educação Física*, com o Decreto Nacional N° 34.817, de 6 de novembro de 1947, que o governo ampliou ainda mais sua interferência nos assuntos esportivos. Arelado diretamente ao Ministério da Guerra, esse conselho tinha a função de “dirigir, orientar, fomentar e fiscalizar tudo referente à Educação Física oficial e privada”, compreendendo “a ginástica, os jogos e esportes, a recreação, o tiro esportivo, as colônias e acampamentos educativos e de

¹⁹¹ El Gráfico, 26 de julho de 1946, p. 9.

¹⁹² LUPO, Victor. *Historia política del deporte argentino (1610-2002)*. Buenos Aires: Corregidor, 2004, p. 38.

férias e tudo o referente à medicina aplicada a Educação Física”.¹⁹³ O mesmo Decreto Nacional 34.817 incorporou a Confederação Argentina de Desportes – Comitê Olímpico Argentino (CADCOA)¹⁹⁴ ao Conselho Nacional de Educação Física. Foi através do CADCOA que o governo peronista controlou os esportes profissionais. Como disse Perón, após assinar, em 1954, o Decreto Nacional 18.687, que designava ao Ministério da Educação a responsabilidade da direção da educação física e à CADCOA a responsabilidade da gestão de todo o esporte na nação: “Eu farei no esporte o que me diga a CAD.”¹⁹⁵ No entanto, desde 1952, dois anos antes, o presidente da CADCOA passara a ser designado diretamente pelo próprio presidente.

A influência peronista na entidade diretora dos esportes argentinos era total. Em 18 de julho de 1950, o governo inaugura a nova sede da entidade, a Casa dos Esportes. Em seu salão principal, acima do descanso da escadaria, encontravam-se os retratos de San Martín, a esquerda e Juan Perón, a direita. Ao centro, sobre as faixas azuis e branca da bandeira argentina, se encontrava a foto de Eva Perón¹⁹⁶. A entidade, que organizaria os primeiros Jogos Pan-Americanos em fevereiro do ano seguinte, tinha como presidente Rodolfo Valenzuela, ex-esgrimista olímpico que disputara as olimpíadas de 1932 e 1936.

Apesar de contar com a CADCOA para organizar os esportes no país, o governo argentino, em 1948, tomou para si a incumbência de organizar e dirigir as representações argentinas em torneios esportivos internacionais.

Diversas outras organizações esportivas estiveram sobre a influência do governo peronista. A Associação do Futebol Argentino (AFA) teve diversos presidentes ligados ao regime durante os anos do governo de Perón. Sob intervenção militar e dirigida pelo general

¹⁹³ Ibidem.

¹⁹⁴ A Confederação Argentina de Desportes (CAD) e o Comitê Olímpico Argentino (COA) foram unidos em uma mesma entidade em 31 de maio de 1927, pelo Decreto 74, assinado pelo presidente Marcelo Torcuato de Alvear.

¹⁹⁵ LUPO, Victor. *Historia política del deporte argentino (1610-2002)*. Buenos Aires: Corregidor, 2004, p. 110.

¹⁹⁶ Mundo Deportivo, 20 de julho de 1950, p. 82.

Eduardo J. Avalos até 1946, a AFA foi, por curto tempo, gerida por Pedro Canaveri, até que Ramón Cereijo convenceu Perón da necessidade de colocar “alguém de muita confiança em seu lugar.”¹⁹⁷ Assim, em 1947, assumiu Oscar L. Nicolini, Administrador Geral de Correios da Nação, que permaneceu no cargo até 1949, quando assumiu a pasta de Ministro de Comunicações do governo. Algumas semanas após sua saída, assumiu a presidência da AFA Valentin Suarez, delegado do Independiente e Subdiretor Nacional de Trabalho, outra figura ligada ao movimento peronista.

Outras associações esportivas também tiveram grande influência peronista. Entre elas destacam-se a *Federación de Entidades Culturales, Sociales y Deportivas Amateurs* (FECSYDA), formada por diversos clubes de bairro, e o *Automóvil Club Argentino*. Este, com o apoio do Estado, organizou a primeira equipe argentina a disputar provas européias (com Juan Manuel Fangio, Pascual Puopolo, Ricardo Nasi e Juan Carlos Guzzi). Com isso, Fangio acabou por se sagrar pentacampeão de Fórmula 1 – ele foi vice-campeão em 1950, primeiro ano da modalidade, e campeão em 1951, 54, 55, 56 e 57, sendo os três primeiros títulos sob o regime peronista.

Assim como tantas outras dimensões da sociedade argentina, os esportes também foram “desperonizados” com a dita “Revolução Libertadora”, de 1955. A grande maioria das realizações peronistas na área do esporte, assim como seus meios de intervenção, foram extintos, ou profundamente alterados, com o fim do regime. Já no Brasil, foi apenas com a constituição de 1988 – 43 anos após o fim do Estado Novo e 47 anos após sua criação – que o Conselho Nacional de Desportos foi extinto, dando fim a uma importante era da organização do futebol brasileiro.

¹⁹⁷ GAMBINI, Hugo. *Historia del peronismo: El poder total (1943-1951)*. Buenos Aires: Vergara, 2007, p. 440.

3.4 O ESPORTE REPRESENTANDO A NAÇÃO

Uma das marcas do esporte no governo Vargas foi a ausência de grandes eventos esportivos internacionais no país. O governo brasileiro havia se candidatado para sediar a Copa do Mundo de 1942. No entanto, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, o sonho dos dirigentes nacionais foi adiado até 1950, próxima à eleição que colocaria Vargas de volta ao poder.

No entanto, os diversos confrontos internacionais da equipe brasileira que melhor simbolizava a nação, a seleção masculina de futebol, marcaram uma forte relação de identidade entre o povo, o esporte e a pátria. O futebol já era o esporte mais popular do país anos antes da chegada de Getúlio ao poder. Em 1932, ao derrotar os uruguaios – então atuais campeões do mundo – em pleno estádio Centenário, em Montevideú, e conquistar a Copa Rio Branco, a seleção brasileira foi recebida de volta ao Rio de Janeiro como heróica representante da nação. Até mesmo Vargas, em seu diário, nota a festa de retorno dos jogadores, que desfilaram pela cidade: “19 de dezembro de 1932: pela tarde, despachei com os ministros da Justiça e da Educação, e assisti ao desfile dos *footballers* brasileiros que regressavam vitoriosos de Montevideó.”¹⁹⁸

O futebol havia se tornado, para os brasileiros, um símbolo da nação. A vitória nas quatro linhas eram conquistas da pátria. No entanto, as lutas internas do futebol brasileiro eram, por sua vez, como uma guerra civil que dividiam as forças nacionais e evitavam futuras vitórias no esporte.

A maior destas divisões internas no futebol brasileiro ocorreu em 1933, com a cisão entre os clubes ditos amadores e os que se proclamavam profissionais. Na verdade, essa divisão suplantou a questão “amadorismo x profissionalismo” em pouco tempo, e logo ficou

¹⁹⁸ VARGAS, Getúlio. *Diário*. 2V. v. 1. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: FGV, 1995, p. 164.

evidente que a disputa interna no futebol brasileiro era a luta pela hegemonia no controle do esporte, entre duas elites que caracterizavam as tensões existentes no regime de Getúlio Vargas. Um grupo, liderado pela velha elite que controlava o futebol desde seus primórdios no Brasil, buscava reaver seu controle sobre o esporte, perdido desde a Revolução de 1930. Este grupo tinha em sua liderança Arnaldo Guinle e o Fluminense Football Club. O outro grupo da disputa representava a nova elite que emergira no Brasil com a ascensão de Vargas. Representada por Luiz Aranha, membro do Clube 3 de Outubro, irmão de Oswaldo Aranha e amigo íntimo de Vargas, que se referia ao mesmo como “Lulu Aranha”.¹⁹⁹

Após a Revolução de 1930, essa nova elite assume o controle da CBD. O grupo de Arnaldo Guinle, insatisfeito com os rumos do esporte, decide criar uma nova liga e uma nova federação de futebol no Rio de Janeiro e no Brasil. Cria-se assim a Liga Carioca de Futebol (LCF) e a Federação Brasileira de Futebol (FBF). Essa cisão, chamada então de *dissídio esportivo*, se espalha pelo país, dividindo o esporte nacional de 1933 a 1937²⁰⁰.

É neste intervalo que a seleção brasileira disputa a Copa do Mundo de 1934. Na briga pelo comando do futebol brasileiro, a CBD, como única representante nacional da FIFA, passa a ditar as regras do jogo e deixa de fora todos os jogadores dos grandes clubes do Brasil ligados ao profissionalismo. No entanto, os melhores jogadores do Brasil já eram profissionais e pertenciam a times ligados à FBF, e a CBD não tinha condições de montar uma seleção capaz de disputar uma Copa apenas com jogadores de seus quadros. Como consequência, o presidente da CBD, Luiz Aranha, teve como única opção contratar grandes craques destes times a peso de ouro, com o dinheiro da própria CBD.

Esse pode ser visto como o fim do ideal puramente amadorista da CBD, visto que estes jogadores receberiam luvas pelo contrato assinado e passariam a receber salários

¹⁹⁹ VARGAS, Getúlio. *Diário*. 2V. v. 2. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: FGV, 1995, p. 191.

²⁰⁰ Para maiores detalhes sobre o *dissídio esportivo*, ver DRUMOND, Maurício. Os gramados do Catete: futebol e política na Era Vargas (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; SANTOS, Ricardo Pinto. *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, pp. 107-132.

mensais da própria confederação. Apenas alguns jogadores profissionais aceitaram a proposta da CBD. Luizinho (São Paulo), Armandinho (São Paulo), Leônidas da Silva (Vasco da Gama), Waldemar de Brito (São Paulo) e Patesko (Nacional de Montevideú) formaram o ataque da seleção, todo composto por jogadores profissionais contratados pela CBD.

A Copa do Mundo de 1934 foi organizada em modelo de eliminatórias, com dezesseis times se enfrentando nas oitavas de final. Quem perdesse estava fora. O Brasil, assim como a Argentina – vice-campeã da Copa de 30 –, perdeu logo na estréia. Depois de um jogo bastante disputado, com Waldemar de Brito perdendo um pênalti, o Brasil não resistiu à seleção espanhola e perdeu o jogo por 3 a 1. Eliminado com apenas uma partida disputada, esta foi a pior Copa disputada pelo Brasil em todos os tempos.

Uma vez fora da Copa mais cedo do que o esperado, a presença da seleção brasileira na Europa foi aproveitada para que essa excursionasse pelo velho continente e fizesse propaganda do maior produto de exportação brasileiro: o café. O Brasil jogou na Iugoslávia, na Espanha e em Portugal e, após três meses fora do país, retornou ao Brasil, sendo recebido de volta sem muita festa.

Com o fim do dissídio em 1937, a seleção brasileira pode disputar a Copa do Mundo de 1938 com seus principais jogadores. A Copa de 38, na França, deixaria ainda mais evidente a aproximação do “pai dos pobres” com o futebol. Além de conceder uma alta subvenção à delegação brasileira para as despesas com o campeonato, Getúlio tinha sua figura ligada à equipe brasileira através de sua filha Alzira Vargas, madrinha da seleção nacional. Antes do embarque para a França, a seleção foi recebida pelo Presidente da República, que fez questão de cumprimentar os jogadores e deixar claro a importância que o título teria para o futuro da nação. Getúlio Vargas dispensou atenção especial à grande estrela da seleção, Leônidas da Silva. Leônidas, conhecido também como Diamante Negro, era o maior ídolo do

futebol brasileiro. Ao lado de Getúlio Vargas e de Orlando Silva, foi um dos brasileiros mais populares durante a Era Vargas.

Enquanto a bola rolava na Europa, no Brasil o governo colhia os frutos da boa campanha do time nacional. As vitórias da seleção alimentavam o orgulho cívico do povo. Não foi por acaso que elementos do governo começaram a planejar a realização do próximo Campeonato Mundial no Brasil, com a construção de um estádio no Distrito Federal que fosse compatível com a grandeza do Brasil e de seus governantes²⁰¹. Os planos foram levados adiante e deram resultados. No entanto os resultados não foram os esperados pelo governo do Estado Novo. O próximo Campeonato Mundial viria a ser, de fato, realizado no Brasil, com a construção de um grande estádio, que foi o maior do mundo por várias décadas a seguir. O problema foi que a Copa do Mundo do Brasil demorou doze anos para acontecer, devido à II Guerra Mundial. A essa altura o Estado Novo já havia terminado, o governo de Eurico Gaspar Dutra já se encontrava no apagar das luzes e Getúlio Vargas se preparava para voltar à Presidência da República.

De volta ao Brasil, após a polêmica semifinal que relegou ao Brasil a terceira colocação, a seleção foi recebida como campeã moral do campeonato. Ao desembarcar no Rio de Janeiro foi recebida por milhares de pessoas nas ruas. O comércio fechou as portas e os jogadores desfilaram em carro aberto, saudados como heróis nacionais. "Queira ou não queira a FIFA, somos campeões do mundo"²⁰², publicava o *Jornal dos Sports* na primeira página do dia 20 de junho, logo após a vitória contra a Suécia. A manchete mostrava o espírito com que os jogadores brasileiros seriam recepcionados em seu regresso.

Era exatamente por esse clima festivo, de louvor à pátria, que o esporte fascinava os líderes do regime. A mobilização gerada pelo esporte – majoritariamente pelo futebol, no

²⁰¹ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Coleção histórias do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 336.

²⁰² *Jornal dos Sports*, 20 de junho de 1938, p. 1.

Brasil – foi também vivenciada durante as disputas dos campeonatos Sul-Americanos, da Copa Roca e da Copa Rio Branco, durante toda a Era Vargas.

Não era apenas dentro das competições internacionais que esporte era relacionado às questões nacionais. Durante o período de Segunda Guerra Mundial, o Conselho Nacional de Desportos decretou que as associações desportivas – clubes ou outras agremiações – só poderiam ser presididas por brasileiros natos ou naturalizados. O conselho abriu exceção apenas a estrangeiros radicados no Brasil há mais de vinte anos, que já haviam exercido esse cargo anteriormente, ou a portugueses que tivessem se destacado nos meios desportivos.

O Estado já apontava para a importância cívica das associações desportivas através do decreto-lei 3.199, que criou o CND. De acordo com o decreto, as entidades desportivas não poderiam gerar lucro para seus financiadores ou para seus dirigentes, visto que estas entidades exerciam uma função de “caráter patriótico”. Neste sentido, o CND baixou uma portaria que proibia manifestações de caráter nacional, por parte de estrangeiros, em encontros esportivos; portaria essa que afetou diretamente as diversas equipes brasileiras ligadas à colônia italiana. O Palestra Itália paulista, que em 1942 passou a chamar-se apenas Palestra de São Paulo, mudou sua denominação para Sociedade Esportiva Palmeiras, assim como o Palestra Itália de Belo Horizonte passou a ser denominado Esporte Clube Cruzeiro.

A Argentina peronista, ao contrário do Brasil da Era Vargas, foi sede de diversas competições internacionais. O auge destas competições foi, ao certo, o primeiro campeonato Pan-Americano, realizado em Buenos Aires, no ano de 1951. Durante estes jogos, Perón parecia ser onipresente, assistindo a praticamente todas as modalidades e estando presente às disputas de medalhas mais importantes, tendo sempre suas fotos nas páginas dos jornais. Estes jogos foram, na realidade, a confirmação pública do sucesso da política esportiva peronista.

Os Jogos Pan-Americanos tiveram sua abertura no recém inaugurado Estádio Presidente Perón, uma das maiores marcas da tão alardeada benfeitoria peronista ao esporte.

Em grande cerimônia, o presidente da nação sede fez um breve discurso, declarando abertos os Jogos. Pouco depois, um dos momentos mais celebrados pela imprensa argentina: O atleta grego Arístides Rubanis, que acendera a pira pan-americana, subiu ao palco principal durante a cerimônia e entregou a Perón e Evita dois ramos de oliveira, que teria trazido de seu país. A cerimônia de encerramento foi também muito explorada pela propaganda peronista. Durante o evento, realizado no estádio Monumental de Nuñez, o presidente e sua esposa ataram, ao topo do mastro das bandeiras carregadas por todas as delegações, uma fita com três faixas com as cores da bandeira argentina.

Ao final da competição continental, a Argentina figurava no primeiro lugar do quadro de medalhas, com 68 medalhas de ouro e 150 no total. Os Estados Unidos, potência máxima nos esportes, ficou em segundo lugar, com 44 medalhas de ouro e 95 no total, bem abaixo do país anfitrião. Fato este que não passaria despercebido pela propaganda oficial, e muito menos pelo seu principal baluarte esportivo. Assim, a revista *Mundo Deportivo* alardeava as virtudes do esporte argentino sob a tutela de Perón, marcadas pela inquestionável superioridade argentina sobre as outras nações do torneio, em especial à norte-americana. O fato dos Estados Unidos não terem contado com sua força máxima na competição, o que não denigre a excelente campanha argentina, não aparecia mencionado nas páginas esportivas do período. Ao contrário, o *Mundo Deportivo* exaltava a até então imbatível delegação americana, como forma de exaltar ainda mais a conquista peronista. O seguinte trecho de um editorial do período, intitulado “Victoria”, é uma boa demonstração do sentimento que se buscava gerar com as vitórias no campo esportivo.

Los Primeros Juegos Deportivos Panamericanos han sido para la juventud argentina un motivo de legítimo orgullo, y para la ciudadanía, una satisfacción muy difícil de superar.

Es que la juventud argentina ha vencido en forma incuestionable a todos sus oponentes en el magno certamen, y muy especialmente a la delegación estadounidense, hasta ahora imbatible en cuanta competencia de atletismo se había presentado.

¿Qué poderoso milagro ha transformado a nuestra juventud? ¿Se ha cambiado su físico? ¿Se ha modificado su temperamento? ¿Se ha transformado su idiosincrasia?

Nada de eso.

Todo se debe a una sola cosa. A que el General Perón, conductor de su pueblo y deportista por excelencia, al frente de su juventud, ha podido cambiarle el espíritu, su mística y su sentimiento. [...]

El ha hecho el milagro, y con esa juventud que hace hasta cinco años ni siquiera figuraba en los resultados finales de las pruebas atléticas internacionales, ha batido a los campeones del mundo.

Los innumerables triunfos obtenidos por la representación nacional simbolizan el resurgimiento de un potencial físico y una fuerza moral digna de la Nueva Argentina que forjó el General Perón.²⁰³

Além dos Jogos Pan-Americanos, várias outras competições esportivas foram organizadas em solo argentino. Entre elas, teve destaque o campeonato mundial de basquetebol, realizado também em Buenos Aires, no ano de 1950, no qual o selecionado argentino sagrou-se campeão mundial, derrotando os Estado Unidos no jogo final. Apesar de o time americano estar representado pelos atletas de um time de segunda divisão, Denver Chevrolet, a vitória argentina foi comemorada profusamente nas ruas da cidade. O basquete argentino continuou conquistando bons resultados internacionais após esta conquista, como a medalha de prata nos jogos Pan-Americanos de 51, quando perderam a final para os Estados Unidos por 57 a 51, e o quarto lugar no quadro de medalhas nas Olimpíadas de Helsinque, em 1952.

Outros esportes também foram palco de disputas internacionais em solo argentino. O já citado autódromo 17 de Outubro foi construído para receber o Grande Prêmio da Argentina de Fórmula 1, em um período no qual Juan Manuel Fangio se destacou no quadro internacional do automobilismo.

O boxe também era um esporte extremamente popular e diversas lutas internacionais foram disputadas no Luna Park, principal arena fechada portenha. A nobre arte era um dos esportes mais identificados com Perón, visto que este havia sido um boxista em sua

²⁰³ Mundo Deportivo, 22 de março de 1951, p. 26.

juventude. E o governo peronista não poupava esforços para conseguir alçar o boxe argentino à condição de campeão mundial. Já no Pan-Americano de 51, o boxe argentino alcançara a medalha de ouro nas 8 modalidades disputadas. O título mundial viria apenas em 1954, com Pascual Pérez, também conhecido por Pascualito, na categoria peso mosca, ao derrotar o japonês Yoshio Shirai em Tóquio. De acordo com Victor Lupo, as primeiras palavras de Pascualito Pérez na rádio foram: “Gané para Perón, para mi Patria y para la Argentina.”²⁰⁴

Já o futebol argentino não esteve presente em muitas competições internacionais. Devido à greve dos jogadores profissionais argentinos em 1948, e ao êxodo de muitos destes atletas para a Colômbia, a seleção argentina não participou do campeonato Sul-Americano de 1949 e da Copa do Mundo de 1950. Sua volta a disputas internacionais ocorreu em 1951, com uma excursão pela Europa, onde perderia para a Inglaterra, em Wembley, por 2 a 1, e ganharia da Irlanda por 1 a 0. Dois anos mais tarde, os ingleses retornaram a cortesia e foram à Argentina disputar duas partidas contra a seleção de Perón. No primeiro jogo, em 14 de maio de 1953, os argentinos venceram os ingleses por 3 a 1 no estádio do River Plate²⁰⁵. O segundo jogo, realizado no domingo, dia 17, foi cancelado decorridos 23 minutos do primeiro tempo, devido à chuva torrencial que se abatia sobre Buenos Aires. No entanto, a primeira vitória foi suficiente para a imprensa argentina exaltar o “*estilo criollo*”, criativo e artístico, contra o estilo frio e mecânico, mas eficiente, dos ingleses.

Una victoria cabal, justa, amplia, histórica, que podría resumirse [...] en la fisonomía de los primeros goles: mecánica fría pero oportuna y exacta, en los ingleses; inspiración casi artística, agudeza de criterio, sublimación de la obra colectiva, de los argentinos [...]²⁰⁶

²⁰⁴ LUPO, Victor. *Historia política del deporte argentino (1610-2002)*. Buenos Aires: Corregidor, 2004, p. 314.

²⁰⁵ Segundo Gilberto Agostino, os ingleses teriam jogado esta partida, realizada em uma quinta-feira, com grande número de jogadores reservas, poupando os titulares para o segundo jogo, a ser realizado no domingo seguinte. AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: FAPERJ / Mauad, 2002, p. 170.

²⁰⁶ Apud DIGIANO, Roberto. “Peronismo y fútbol: el triunfo sobre Inglaterra en 1953”. *Revista Digital Lecturas: Educación Física y Deportes*, 1999, n. 17. Disponível em: <www.efdeportes.com>. Acesso em: 10 nov. 2007.

A imprensa peronista, assim como a imprensa varguista no Brasil, procurava realçar, através do esporte, a característica de um novo povo. O esporte representaria a pátria e as batalhas travadas no campo esportivo eram travadas simbolicamente por toda a nação. As vitórias exaltavam as virtudes nacionais e o sucesso esportivo era visto como o reflexo do sucesso nacional. Até mesmo as derrotas, quando resultantes de um embate digno de seu povo, e muitas vezes vistas como injustas ou mesmo desleais, eram percalços que, quando superados, aproximavam ainda mais o povo de seu símbolo pátrio, de sua seleção, de sua nação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se produzir um estudo comparado entre os governos de Vargas e Perón, deve-se atentar não apenas para suas semelhanças. Na verdade, suas diferenças por vezes dizem muito mais do que as semelhanças que podem saltar aos olhos de um observador mais descuidado. Nas dessemelhanças apresentadas em ambos os casos estudados, pode-se buscar preciosas informações sobre as particularidades de cada regime, e na comparação destas com suas semelhanças, um quadro maior se abre para o entendimento do objeto através de novas perspectivas. Na utilização do esporte como propaganda política varguista e peronista, o caso aqui estudado, esta realidade não poderia ser diferente.

A apropriação do esporte, por parte dos dois governos, foi um dos diversos elementos mobilizados à busca de formação de uma identidade nacional, assim como a educação, as artes, o cinema e a música, entre tantos outros.

Vê-se assim que o esporte foi também um importante fator na construção da imagem de uma nova pátria. Esta, legitimada pelos espectadores no estádio, pelos leitores das páginas esportivas dos jornais ou mesmo pelos ouvintes do rádio, que se punham a torcer pelas cores de seu país – seja no futebol, no boxe, no basquete ou na natação –, sugeria uma identidade que poderia ser compartilhada coletivamente. Assim, cabia à propaganda política oferecer à multidão de torcedores e ao espectador solitário, a sensação de pertencer a algo, de poder compartilhar das mesmas emoções das pessoas envolvidas no espetáculo esportivo em toda a nação.

Tanto Getúlio Vargas quanto Juan Perón buscaram utilizar o capital simbólico gerado pelo esporte, buscando a identificação de seu regime com os sucessos, ou até mesmo com alguns fracassos, no campo esportivo. No entanto, os meios utilizados por cada um foram traçados de formas singulares.

É inegável que a proximidade de Perón com o esporte tenha sido maior do que a de Getúlio Vargas. Denominado de “Primeiro Desportista”, assim como de “Primeiro Mandatário” e de “Primeiro Trabalhador”, o presidente argentino fez de sua ligação com o esporte um de seus principais trunfos em sua aproximação com a juventude argentina, assim como construiu um clima festivo de sucesso nacional. Para tanto, contou principalmente com o título mundial da seleção argentina de basquete, em 1950, as conquistas de Juan Manuel Fangio nas pistas automobilísticas, e com a vitória argentina no quadro de medalhas no Campeonato Pan-Americano, em 1951.

A figura de Eva Perón, esposa do presidente, foi uma das maiores difusoras da imagem de consciência social do governo justicialista. Através da Fundação Eva Perón, milhares de “descamisados” recebiam ajuda do governo. Foi sob a égide da Fundação e de Evita que foram organizados um dos maiores instrumentos utilizados pelo governo no âmbito esportivo, os Campeonatos Infantis Eva Perón. Ao promoverem o torneio integrando todas as províncias argentinas, seus idealizadores reforçavam o vínculo de identidade do esporte com a nação.

Assim como Perón, Vargas buscou no esporte um apoio para a implementação de um novo ideário nacionalista no esporte. Apesar de não ter sua imagem tão próxima ao esporte como no caso argentino, Getúlio também soube utilizar os esportes, em especial o futebol, como uma ferramenta de propaganda política do regime. A utilização pública dos centros de espetáculos esportivos foi uma de suas principais estratégias de aproximação simbólica entre seu governo e o esporte.

Vargas e Perón tratavam de utilizar os elementos contidos no esporte na propaganda política, visando tornar os grandes ídolos esportivos e as vitórias por eles conquistadas em símbolos, do Estado Novo e da Nova Argentina Peronista, presentes no cotidiano. Assim, percebe-se que o caráter mobilizador do esporte era instrumentalizado, buscando a

legitimação dos regimes estabelecidos. Reunindo os espectadores em torno de um mesmo ícone que fosse capaz de representar uma nova nação, consolidavam a idéia de uma nova sociedade, que visava se construir e se consolidar sob uma imagem harmônica e homogênea.

Apesar do caráter controlador dessas representações arranjadas pelos regimes, o clima festivo gerado pelo esporte tendia a ocultar a faceta autoritária dos governos de Vargas e Perón. No entanto, a participação dos indivíduos não deve ser menosprezada. Estes não foram anulados enquanto agentes sociais ativos. A aceitação ao governo pelas massas mostra também que estas possuíam reivindicações e interesses que estavam sendo contemplados, além de conformismo e resignação em certo grau.

Essa dissertação procurou argumentar que o esporte foi uma importante ferramenta de propaganda política, em especial na construção de um sentimento identitário de pertencimento à nação, assim como na fabricação de um ambiente de festa e otimismo, importantes para a afirmação e legitimação do líder que conduzia seu povo a um novo caminho. Casos plenamente observáveis, com suas peculiaridades, no caso argentino e brasileiro, de Juan Perón e Getúlio Vargas.

REFERÊNCIAS

AELO, Oscar Humberto. *A la sombra de Perón: Los equipos dirigentes peronistas en la provincia de Buenos Aires, 1946-1955*. Tese de doutorado em História Social. Rio de Janeiro: UFRJ.

AGOSTINO, Gilberto. Futebol. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da et Al. *Dicionário crítico do pensamento de direita*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000, pp. 203-205.

_____. Futebol e identidade nacional: todos os corações do mundo. In: MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria (Orgs.). *O esporte vai ao cinema*. Rio de Janeiro: SENAC, 2005, pp. 31-38.

_____. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: FAPERJ / Mauad, 2002.

ALABARCES, Pablo. *Fútbol y patria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2002.

ALABARCES, Pablo (org.). *Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

ALABARCES, Pablo & RODRÍGUEZ, María Graciela. Fútbol y patria: la crisis de la representación de lo nacional en el fútbol argentino. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 1998, n. 10. Disponível em: <www.efdeportes.com>. Acesso em: 10 nov. 2007.

ALMEIDA, Hamilton. *Sob os olhos de Perón: o Brasil de Vargas e as relações com a Argentina*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005.

ANTUNES, Fátima M. R. F. *Com brasileiro não há quem possa: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo: Unesp, 2004.

ARAÚJO, Rejane. Departamento de Imprensa e Propaganda. In: ABREU, Alzira Alves de; BELOCH, Israel; LATTMAN-WELTMANN, Fernando; LAMARÃO, Sérgio Tadeu de Niemeyer. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001, v. 2, pp. 1831-1833.

ARCHETTI, Eduardo P. El potrero, la pista y el ring. Cuestiones metodológicas y problemas de comparación. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 2003, n. 64. Disponível em: <www.efdeportes.com>. Acesso em: 10 nov. 2007.

_____. *El potrero, la pista y el ring: las patrias del deporte argentino*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2001.

_____. Estilo y virtudes masculinas en *El Gráfico*: la creación del imaginario del fútbol argentino. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 1999, n. 16. Disponível em: <www.efdeportes.com>. Acesso em: 10 nov. 2007.

_____. *Masculinidades*: fútbol, tango y pólo em La Argentina. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

ARENDDT, Ana. O movimento totalitário. In: _____. *As origens do totalitarismo III: totalitarismo, o paroxismo do poder*. Rio de Janeiro: Documentário, 1979, pp. 73-133.

ARINGOLI, Guillermo D'Arino. *La propaganda peronista: 1943-1955*. Ituzaingó: Maipue, 2006.

ASSAF, Roberto; MARTINS, Clovis. *Campeonato carioca: 96 anos de história*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997.

_____. *Almanaque do Flamengo*. São Paulo: Editora Abril, 2001.

BAKER, William J. The State of British Sport History. *Journal of Sport History*, 1983, n. 1, pp. 53-66.

BERETTA, Alcides et ali. *Los años de La ilusión de masas: la Argentina, de Yrigoyen a Perón (1930-1955)*. Montevideu: Universidad de La República, 1997.

BOMENY, Helena (org.). *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

BURKE, Peter. Modelos e métodos: comparação. In: *História e teoria social*. São Paulo: Unesp, 2002, pp. 39-46.

_____. We, the people: popular culture and popular identity in modern Europe. In: LASH, Scott; FRIEDMAN, Jonathan. *Modernity and identity*. Blackwell: Oxford, 1996, pp. 293-308.

CALEDÔNIA, Bill de. *¿Dónde estuvo?* Relatos históricos del 17 de octubre de 1945. Buenos Aires: Instituto Nacional Juan Domingo Perón de Estudios e Investigaciones, Históricas, Sociales, y Políticas, 2006. Disponível em: <<http://www.jdperon.gov.ar/cuadernos.htm>>. Acesso em: 26 abr. 2007.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1997.

_____. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

CAPELATO, Maria Helena R. *Multidões em cena: propaganda política no Varguismo e no peronismo*. Campinas: Papyrus, 1998.

_____. O Estado Novo: o que trouxe de novo?. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo: do início da*

década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp. 107-143.

_____. Populismo latino-americano em discussão. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, pp. 125-165.

CARDOSO, Ciro Flamarion S., BRIGNOLI, Héctor Pérez. *Os métodos da história*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

COELHO, Paulo Vinicius. *Jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2003.

Constitución de la Nación Argentina sancionada por la Convención Nacional Constituyente el 11 de Marzo de 1949. Buenos Aires: Instituto Nacional Juan Domingo Perón de Estudios e Investigaciones, Históricas, Sociales, y Políticas, 2006. Disponível em: <<http://www.jdperon.gov.ar/cuadernos.htm>>. Acesso em: 26 abr. 2007.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano de São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Edusp, 2000.

DAMATTA, Roberto. *O que faz do Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

DAMATTA, Roberto et ali. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DETIENNE, Marcel. *Comparar o incomparável*. São Paulo: Idéias e letras, 2004.

DIGIANO, Roberto. Peronismo y fútbol: el triunfo sobre Inglaterra en 1953. *Revista Digital Lecturas: Educación Física y Deportes*, 1999, n. 17. Disponível em: <www.efdeportes.com>. Acesso em: 10 nov. 2007.

DOUGAN, Andy. *Futebol & guerra: resistência, triunfo e tragédia do Dínamo na Kiev ocupada pelos nazistas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

DRUMOND, Maurício. Os gramados do Catete: futebol e política na Era Vargas (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; SANTOS, Ricardo Pinto. *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, pp. 107-132.

ELIAS, Norbert, DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

EYLER, Marvin H. NASSH official business: annual review, *North American Society For Sport History*, 1973, p. 47.

FABBRI, Alejandro. *El nacimiento de una pasión: historia de los clubes de fútbol*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2006.

FAUSTO, Boris. A Revolução de 1930. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Brasil em perspectiva*. 19ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, pp.227-255.

FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*. São Paulo: Ed. 34, 2004.

FERREIRA, Jorge. A Cultura Política dos trabalhadores no primeiro governo Vargas. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 180-195, 1990.

_____. O nome e a coisa: o populismo na política brasileira. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, pp. 59-124.

_____. (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs). *O Brasil republicano: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. *A Crise dos anos 20 e a Revolução de Trinta*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

FIORUCCI, Flavia. ¿Aliados o enemigos? Los intelectuales em los gobiernos de Vargas y Perón. In: REIN, Raanan; SITMAN, Rosalie. *El primer peronismo: de regreso a los comienzos*. Buenos Aires: Lumiere, 2005, pp. 83-108.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRITSCH, Winston. 1922: A Crise econômica. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, n.º 11, 1993, pp. 3-8.

FUCKS, Diego. *Duelo de guapos*. Buenos Aires:Distal, 2005.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 1995.

GAMBINI, Hugo. *Historia del peronismo: El poder total (1943-1951)*. Buenos Aires: Vergara, 2007.

GARCIA, Nelson Jahr. *Estado Novo: ideologia e propaganda política – a legitimação da Estado autoritário perante as classes subalternas*. São Paulo: Loyola, 1982.

GAY, Peter. *O cultivo do ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

_____. *Sport: a critical sociology*. Cambridge: Polity, 2005.

GIULIANOTTI, Richard (Org.). *Sport and modern social theorists*. Hampshire: Palgrave, 2004.

GOMES, Angela de Castro (org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

_____. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Vértice, 1988.

_____. O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, pp. 17-57.

GUTTMANN, Allen. Sport, politics and the engaged historian. In *Journal of Contemporary History*, v. 38, n. 3, Londres, 2003, pp. 363-375.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HAMILTON, Aidan. *Domingos da Guia: o divino mestre*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

HELAL, Ronaldo. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.

HELAL, Ronaldo; GORDON JR., Cesar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001, pp. 51-75.

HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001, pp. 51-75.

HOBBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HOBBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HOROWICZ, Alejandro. *Los cuatro peronismos*. Buenos Aires: Edhasa, 2005.

KELLNER, Douglas. Popular culture and the construction of postmodern identities. In: LASH, Scott; FRIEDMAN, Jonathan. *Modernity and identity*. Blackwell: Oxford, 1996, pp. 141-177.

KLINTOWITZ, Jacob. A implantação de um modelo alienígena exótico e outras questões pertinentes: a seleção brasileira de futebol – 1978. *Encontros com a civilização brasileira*, 1978, n. 5, pp. 113-118.

KOCKA, Jürgen. Comparison and beyond. *History and theory*, 2003, n. 42, pp. 39-44.

LACERDA, Aline Lopes de. Fotografia e propaganda política: Capanema e o projeto editorial Obra Getuliana. In: GOMES, Angela de Castro (org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: FGV, 2000, pp. 103-143.

_____. A “Obra getuliana” ou como as imagens comemoram o regime. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, 1994, pp. 241-263.

LONDRES, Cecília. A invenção do patrimônio e a memória nacional. In: BOMENY, Helena (org.). *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: FGV, 2001, pp. 85-101.

LUNA, Félix. *Perón y su tiempo: II. La comunidad organizada 1950-1952*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000.

LUPO, Victor. *Historia política del deporte argentino (1610-2002)*. Buenos Aires: Corregidor, 2004.

LYRA FILHO, João. *Cachimbo, pijamas e chinelos*. São Paulo: Edaglit, 1963.

_____. *Introdução à psicologia dos desportos*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

_____. *Introdução à sociologia dos desportos*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército / Edições Bloch, 1973.

MAGALHÃES, Marion Brepohl. O Estado Novo e a questão da identidade nacional: a elaboração do outro. In: SZESZ, Christiane Marques et al. *Portugal-Brasil no século XX: sociedade, cultura e ideologia*. Bauru: Edusc, 2003, pp. 165-181.

MALHANO, Clara B., MALHANO, Hamilton Botelho. *São Januário: arquitetura e história: projeto de pesquisa Memória Social dos Esportes*. Rio de Janeiro: Mauad / FAPERJ, 2002.

MANHÃES, Eduardo Dias. *Política de esportes no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

MASSARINO, Marcelo. ‘Por Perón y por la pátria’. Um análisis Del discurso peronista y deporte (1946-1955). *Lecturas: educación física y deportes*, n. 46, 2001. Disponível em: <www.efdeportes.com>. Acesso em: 10 nov. 2007.

MEIHY, José Carlos S. B., WITTER, José Sebastião. *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: IMESP/DAESP, 1982.

MELO, Victor Andrade de. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará / FAPERJ, 2001.

_____. *Cinema & esporte: diálogos*. Rio de Janeiro: Aeroplano / FAPERJ, 2006.

_____. *Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX*. Campinas: Autores Associados, 2007.

- _____. Esporte e cinema no Brasil: longas-metragens: um panorama. In: MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria (Orgs.). *O esporte vai ao cinema*. Rio de Janeiro: SENAC, 2005, pp. 11-20.
- MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria (Orgs.). *O esporte vai ao cinema*. Rio de Janeiro: SENAC, 2005.
- MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Brasil em perspectiva*. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- MURAD, Maurício. *Dos pés à cabeça: elementos básicos da sociologia do futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.
- _____. Editorial. *Pesquisa de Campo*, n. 0, junho, 1994, p. 5.
- _____. Jogos Olímpicos e política: um dia em setembro. In: MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria (Orgs.). *O esporte vai ao cinema*. Rio de Janeiro: SENAC, 2005, pp. 75-94.
- NAPOLEÃO, Antônio Carlos. *O Brasil na taça Libertadores e no mundial interclubes*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- _____. *Corinthians x Palmeiras: uma história de rivalidade*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- _____. História das ligas e federações do Rio de Janeiro. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; SANTOS, Ricardo Pinto. *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, pp. 81-105.
- NAPOLITANO, Marcos. Cultura, modernidade e brasilidade (1922-1979). In: SZESZ, Christiane Marques et al. *Portugal-Brasil no século XX: sociedade, cultura e ideologia*. Bauru: Edusc, 2003, pp. 295-308.
- NEIBURG, Federico. *Os intelectuais e a invenção do peronismo: estudos de antropologia social e cultural*. São Paulo: Edusp, 1997.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi et al. *Estado Novo, Ideologia e Poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. O intelectual do DIP: Lourival Fontes e o Estado Novo. In: BOMENY, Helena (org.). *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: FGV, 2001, pp. 37-58.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- PALTI, Elías. *La nación como problema: los historiadores y la "cuestión nacional"*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil republicano: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp. 13-37.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Coleção histórias do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PERÓN, Juan Domingo. *Cómo conocí a Evita y me enamoré de ella: discurso de Perón el 17 Octubre de 1951*. Buenos Aires: Instituto Nacional Juan Domingo Perón de Estudios e Investigaciones, Históricas, Sociales, y Políticas, 2006. Disponível em: <<http://www.jdperon.gov.ar/cuadernos.htm>>. Acesso em: 26 abr. 2007.

_____. *Conducción política: capítulos I, II y III*. Buenos Aires: Instituto Nacional Juan Domingo Perón de Estudios e Investigaciones, Históricas, Sociales, y Políticas, 2006. Disponível em: <<http://www.jdperon.gov.ar/cuadernos.htm>>. Acesso em: 26 abr. 2007.

_____. *Conducción política: capítulos IV, V y VI*. Buenos Aires: Instituto Nacional Juan Domingo Perón de Estudios e Investigaciones, Históricas, Sociales, y Políticas, 2006. Disponível em: <<http://www.jdperon.gov.ar/cuadernos.htm>>. Acesso em: 26 abr. 2007.

_____. *Conducción política: capítulos VII, VIII, IX y X*. Buenos Aires: Instituto Nacional Juan Domingo Perón de Estudios e Investigaciones, Históricas, Sociales, y Políticas, 2006. Disponível em: <<http://www.jdperon.gov.ar/cuadernos.htm>>. Acesso em: 26 abr. 2007.

_____. *La comunidad organizada*. Buenos Aires: Instituto Nacional Juan Domingo Perón de Estudios e Investigaciones, Históricas, Sociales, y Políticas, 2006. Disponível em: <<http://www.jdperon.gov.ar/cuadernos.htm>>. Acesso em: 26 abr. 2007.

RAGIN, Charles C. Using Qualitative Comparative Analysis to Study Causal Complexity. *HSR: Health Service Research*, 1999, n. 34, v. 5, pp. 1225-1239.

REIN, Raanan. 'El Primer Deportista': the political use and abuse of sport in peronist Argentina. *The International Journal of the History of Sport*, v. 15, n. 2, 1998, pp. 54-76.

REIN, Raanan; SITMAN, Rosálie (Org.). *El primer peronismo: de regreso a los comienzos*. Buenos Aires: Lumiere, 2005.

REIS FILHO, Daniel Aarão. O colapso do colapso do populismo ou a propósito de uma herança maldita. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, pp. 319-377.

RÉMOND, René (org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

RIBEIRO, André. *O diamante eterno: biografia de Leônidas da Silva*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.

RIMET, Jules. *Fútbol: La Copa Del Mundo*. Barcelona: Editorial Juventud, 1955.

RODRIGUES FILHO, Mário. *O sapo de Arubinha: os anos de sonho do futebol brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

RODRIGUEZ, Maria Graciela. El deporte como política de Estado (período 1945-1955). *Lecturas: educación física y deportes*, n. 4, 1997. Disponível em: <www.efdeportes.com>. Acesso em: 10 nov. 2007.

ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

ROSE, R. S. *Uma das coisas esquecidas: Getúlio Vargas e controle social no Brasil – 1930-1954*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SANDER, Roberto. *Anos 40: viagem à década sem Copa*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.

SANTOS, Joel Rufino dos. Na CBD até o papagaio bate continência. *Encontros com a civilização brasileira*, 1978, n. 5, pp. 119-129.

_____. *História política do futebol brasileiro*. Coleção tudo é História. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SCHEMES, Claudia. A educação física e o controle do corpo durante o governo de Juan Domingo Perón (1946-1955) na Argentina. *Lecturas: educación física y deportes*, n. 114, 2007. Disponível em: <www.efdeportes.com>. Acesso em: 10 nov. 2007.

_____. *Festas cívicas e esportivas: um estudo comparativo dos governos Vargas (1937-1945) e Perón (1946-1955)*. Novo Hamburgo: Feevale, 2005.

SCHWARTZMAN, Simon. (org.). *Estado Novo, um auto-retrato (arquivo Gustavo Capanema)*. Brasília: Universidade de Brasília, 1983.

_____. et al. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

SILVA, Carlos Leonardo Bahiense. Sobre O negro no futebol brasileiro, de Mário Filho. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, pp. 287-312.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Futebol e política: pra frente Brasil. In: MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria (Orgs.). *O esporte vai ao cinema*. Rio de Janeiro: SENAC, 2005, pp. 21-30.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SOARES, Jorge Antônio. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001, pp. 13-50.

- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- SOLA, Lourdes. O golpe de 37 e o Estado Novo. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Brasil em perspectiva*. 19ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, pp. 256-282.
- SOTER, Ivan. *Enciclopédia da seleção: as seleções brasileiras de futebol (1914-2002)*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002.
- SURRA, Roberto. *Peronismo y cultura*. Buenos Aires: Corrrgidor, 2003.
- SZESZ, Christiane Marques et al. *Portugal-Brasil no século XX: sociedade, cultura e ideologia*. Bauru: Edusc, 2003.
- THELM, N., BUSTAMANTE, R. M. da C. Editorial: história comparada: olhares plurais. *Phoînix*, 2004, n. 10, pp. 9-30.
- TOMLINSON, Alan; YOUNG, Christopher (Eds.). *National identity and global sports events: culture, politics, and spectacle in the Olympics and the football world cup*. Nova York, SUNY, 2006.
- VARGAS, Getúlio. *Diário*. 2V. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: FGV, 1995.
- VEYNE, P. *O inventário das diferenças*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Rio de Janeiro. Companhia das Letras, 2004.
- WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

Fontes Primárias:

- Clarín – de 1946 até 1955.
- Correio da Manhã – de 1930 até 1945.
- El Gráfico – de 1946 até 1955.
- Jornal dos Sports – de 1933 até 1945.
- Mundo Deportivo – de 1949 até 1955.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)